**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

# Ecoturismo cultural: Um estudo das práticas alternativas no “Território Macuxi”

GUSTAVO HENRIQUE RODRIGUES FERREIRA

João Pessoa - PB
2024

GUSTAVO HENRIQUE RODRIGUES FERREIRA

# Ecoturismo cultural: Um estudo das práticas alternativas no “Território Macuxi”

Dissertação apresentada para a banca de defesa da dissertação como requisito parcial ao título de mestre em Sociologia pelo PPGS – UFPB.

**Linha de Pesquisa**: Culturas e Sociabilidades

Orientadora: Miqueli Michetti

João Pessoa - PB
2024

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

**ATA Nº 28 / 2024 - PPGS (11.01.15.73)**

**Nº do Protocolo: 23074.068251/2024-87**

**João Pessoa-PB, 13 de Agosto de 2024**

**ATA DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA BANCA EXAMINADORA COMPOSTA PARA AVALIAR O ALUNO GUSTAVO HENRIQUE RODRIGUES FERREIRA**

Aos 29 dias do mês de agosto de 2024, às 09:30 horas, por videoconferência, realizou-se a sessão pública de defesa de Dissertação de Mestrado, intitulada: "Ecoturismo cultural: Um estudo de práticas 'alternativas' no 'Território Macuxi'", apresentada pelo discente **GUSTAVO HENRIQUE RODRIGUES FERREIRA**, estando a Comissão Examinadora composta pelos docentes: MIQUELI MICHETTI (Orientação), MARCIO GOMES DE SA (PPGS/UFPB) e MARIA CELESTE MIRA (PUC-SP). Dando início aos trabalhos, a professora MIQUELI MICHETTI, na qualidade de Presidente da Comissão, convidou os demais integrantes da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida foi concedida a palavra ao defendente para expor uma síntese de sua Dissertação que, após, foi arguida pelos membros da Comissão Examinadora. Encerrados os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, à qual foi atribuído o conceito **APROVADO**. A seguir foi encerrada a reunião, devendo a Universidade Federal da Paraíba, de acordo com a Lei, expedir o respectivo Diploma de **MESTRE EM SOCIOLOGIA**.

*(Assinado digitalmente em 16/09/2024 09:25 )*
MARCIO GOMES DE SA
*PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR*
*Matrícula: 1380521*

*(Assinado digitalmente em 29/08/2024 11:47 )*
MIQUELI MICHETTI
*PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR*
*Matrícula: 2425306*

Para verificar a autenticidade deste documento entre em **https://sipac.ufpb.br/documentos/** informando seu número: **28**, ano: **2024**, documento(espécie): **ATA**, data de emissão: **13/08/2024** e o código de verificação: **6230ac5906**

Digitalizado com CamScanner

# FICHA CATALOGRÁFICA

**Catalogação na publicação**
**Seção de Catalogação e Classificação**

F383e Ferreira, Gustavo Henrique Rodrigues.

Ecoturismo cultural : um estudo das práticas alternativas no "Território Macuxi" / Gustavo Henrique Rodrigues Ferreira. - João Pessoa, 2024.

136 f. : il.

Orientação: Miqueli Michetti. Dissertação (Mestrado) -UFPB/CCHLA.

UFPB/BC CDU 502(043)

Elaborado por CHRISTIANE CASTRO LIMA DA SILVA - CRB-15/865

## Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao universo manifestado pela dádiva da vida, pela oportunidade de estar um eterno aprendiz, do milésimo instante aos mais duradouros anos. Muitas pessoas dividem trechos significativos nessa caminhada até aqui, a começar por meus pais por serem canal para que eu pudesse chegar a esse mundo, pela educação primária. Vânia Maria Rodrigues Santos, agradeço imensamente pela árdua missão de me ajudar a lembrar das bençãos diárias, Cícero Gomes Ferreira, tua honra, caráter e dignidade são princípios que quero levar por toda a vida.

As mestras Docí e Queremê pelos acolhimentos e mensagens de como olhar o mundo, a minha orientadora Miqueli Michetti pela paciência, por acreditar neste trabalho e por me apresentar um horizonte sociológico possível em meio à seara de dúvidas, a Marcio Sá e Celeste Mira pelas contribuições que qualificaram o meu trabalho dissertativo. Aos amigos, Edilberto Leal, Mari Felinto, Maria Palloma, Luís Otávio, Simon Pedro e Luana Aires pelas partilhas que ajudaram a manter viva a chama que guia a travessia pelo mestrado.

Aos demais familiares em nome dos avós paternos Elias Gomes Ferreira e Alice Maria da Conceição e dos avós Maternos João Rodrigues Soares, Teresinha Leal Soares, todos foram de supra valia para que esse sonho se concretizasse. Aos professores Adriano de León, Simone Brito, Marina Monguillansky, Francisco Mesquita e Sergio Barcellos, que contribuíram de forma direta para a minha formação com a oferta de disciplinas, à minha turma de mestrado em nome de Marcos Antônio e Herminegilda Leite.

A Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba – FAPESQ-PB, pelo apoio financeiro, à coordenação e o colegiado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba pelas contribuições administrativas, aos funcionários das bibliotecas: Setorial Professor Vanildo Brito e da Biblioteca Central da UFPB por proporcionarem um ambiente agradável para o desenvolvimento de minha pesquisa. E por fim, não menos importante, à Julíndio Macuxi por sua solicitude e prontidão ao abrir as portas do “Território Macuxi” e de sua vida para que eu pudesse desenvolver essa dissertação de mestrado.

## RESUMO

As dinâmicas sociais do mundo contemporâneo são amplamente condicionadas pelo fenômeno da globalização, que se manifesta nas esferas locais, como nações, estados, municípios, distritos ou "territórios". Esses processos globais, com direcionamento para o local, firmam-se em disposições sociais, valorizando a diversidade (Ortiz et al., 2023). Práticas alternativas surgem como resposta aos desafios da modernidade globalizada, como é o caso do ecoturismo. Diversos territórios ao redor do globo são apontados por seus agentes como solucionadores de problemas ambientais, como o aquecimento global, poluição de mares e rios, e até mesmo enfrentamento de conflitos armados, baseando-se em filosofias e na diversidade de cultos, ritos e crenças. O "Território Macuxi", objeto empírico deste estudo, é discursado por seu principal expoente como autêntico devido às práticas de combate à degradação ambiental para ampliar a discussão sobre esses fenômenos alternativos e o ecoturismo em contextos globais, recorremos à literatura de Bourdieu (1996) e Lahire (2004). O problema central consiste em compreender quais práticas são realizadas no "Território Macuxi", quem são seus agentes, os sentidos atribuídos e os condicionantes sociais envolvidos. Utilizamos ferramentas metodológicas como trajetória social, retratos sociológicos em escala individual, observação participante, descrição densa e revisão da problemática.



**Palavras-chave:** Práticas Alternativas. Ecoturismo. Globalização localizada. Diversidade. Disposições Sociais. Território Macuxi

## ABSTRACT

The social dynamics of the contemporary world are largely conditioned by the phenomenon of globalization, which takes place in local spheres, whether as nations, states, municipalities, districts or "territories". Such global processes with local orientations are established in social dispositions through the appreciation of diversity (Ortiz *et al*, 2023), through practices that present themselves as "alternatives" to the problems of globalized modernity, such as ecotourism. Several territories are highlighted by their agents around the globe for presenting practices that solve problems of environmental impacts such as global warming, pollution of seas and rivers and practices for combating wars based on philosophies and the diversity of cults, rites and beliefs. The "Macuxi Territory", the empirical basis of this work, is a place that is discussed by its main exponent as authentic due to its practices to combat environmental degradation. As a complementary theoretical basis to expand the discussion on the so-called alternative phenomena and ecotourism in global contexts in their respective localized social arrangements, we draw on the literature of Bourdieu (1996) and Lahire (2004). In view of this, we arrive at the problem of what practices are carried out in the "Macuxi Territory", their agents, meanings and social conditioning factors and the objective is to understand the practices carried out there through the methodological tools of social trajectory, sociological portraits on an individual scale, participant observation, dense description and review of the problem. As a result, we understand that the practices are related, in a broader way, to diversity and ecotourism policies and, in a more situated way, to the search for the "alternative" conditioned by social trajectories and social dispositions.



**Keywords**: Alternative Practices. Ecotourism. Localized globalization. Diversity. Macuxi Territory. Social Provisions.

**RESUMEN**

Las dinámicas sociales del mundo contemporáneo están condicionadas en gran medida por el fenómeno de la globalización, que se produce en ámbitos locales, ya sea como naciones, estados, municipios, distritos o "territorios". Tales procesos globales con orientaciones locales se establecen en las disposiciones sociales a través de la apreciación de la diversidad (Ortiz *et al*, 2023), a través de prácticas que se presentan como "alternativas" a los problemas de la modernidad globalizada, como el ecoturismo. Varios territorios son destacados por sus agentes en todo el mundo por presentar prácticas que resuelven problemas de impactos ambientales como el calentamiento global, la contaminación de mares y ríos y prácticas para combatir guerras basadas en filosofías y la diversidad de cultos, ritos y creencias. El "Territorio Macuxi", base empírica de este trabajo, es un lugar que es discutido por su principal exponente como auténtico por sus prácticas para combatir la degradación ambiental. Como base teórica complementaria para ampliar la discusión sobre los llamados fenómenos alternativos y el ecoturismo en contextos globales en sus respectivos arreglos sociales localizados, nos basamos en la literatura de Bourdieu (1996) y Lahire (2004). Ante esto, se llega al problema de qué prácticas se realizan en el "Territorio Macuxi", sus agentes, significados y condicionantes sociales y el objetivo es comprender las prácticas allí realizadas a través de las herramientas metodológicas de la trayectoria social. retratos sociológicos a escala individual, observación participante, descripción densa y revisión del problema. Como resultado, entendemos que las prácticas están relacionadas, de manera más amplia, con las políticas de diversidad y ecoturismo y, de manera más situada, con la búsqueda de la "alternativa" condicionada por trayectorias y disposiciones sociales.

**Palabras clave**: Prácticas Alternativas. Ecoturismo. Globalización localizada. Diversidad. Territorio Macuxi. Provisiones Sociales.

## LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: Mapa das federações do INF espalhadas pelo mundo.

Imagem 2: Mapa unidades de conservação, parques e reservas nacionais 2008.

Imagem 3: Símbolo do “Território Macuxi”.

Imagem 4: Redário antes das crianças retornarem do circuito, o símbolo relatado acima fica no piso, sob a primeira rede.

Imagem 5: Grupo reunido no momento da apresentação do “Território Macuxi” e da rota que iriam percorrer.

Imagem 6: Grupo 50 mais reunido no redário recebendo as “preces de união com a natureza”.

Imagem 7: Círculo Ancestralis recebendo as orientações iniciais para a o decorrer das cerimônias.

Imagem 8: Esquema heurístico das relações práticas.

Imagem 9: Mapa Heurístico das trocas simbólicas e econômicas.

Imagem 10: Nuvem de palavras.

Imagem 11: Mapa do Circuito de Ecoturismo.

**Sumário**

**Introdução** ..... 12
**Capítulo 1 – Lentes teórico-metodológicas de interpretação das práticas.** ..... 16
1.1 Contribuições bourdiesianas para o estudo das práticas no "Território Macuxi". 16
1.2 A importância dos Retratos Sociológicos ..... 19
1.3 Densidade descritiva e o reforço dos elementos centrais ..... 22
**Capítulo 2 – Referências históricas, teóricas e conceituais na construção do objeto** ..... 26
2.1 Diversidade, Mundialização e a valorização do Local. ..... 26
2.1.2 Território e Comunidade ..... 30
2.2 Contracultura e o Movimento Alternativo ..... 32
2.3 Sobre o Ecoturismo: Breve Histórico Sociopolítico no Brasil e Mundo. ..... 42
2.3.1 Compreensão Conceitual de Ecoturismo ..... 50
**CAP ÍTULO 3 – Trajetória e práticas no "Território Macuxi"** ..... 54
3.1 Trajetória de Júlio Macuxi ..... 54
3.2 – Os grupos visitantes ..... 63
3.2.1 – Escola Jardim Flor de Mandacaru ..... 63
3.2.3 - Grupo 50 mais. ..... 72
3.2.4 - Grupo Ancestralis ..... 79
3.3 - Para além do ecoturismo? ..... 85
3.3.1 - Período pandêmico ..... 86
3.3.2 O inverno ..... 87
3.3.2. – Celebração de *Ayahuasca* ..... 96
3.4 Movimento Naturistas Unidos ..... 97
**Capítulo 4 – As categorias das práticas em um território administrado** ..... 102
4.1 Categorias analíticas e suas respectivas relações ..... 103
4.2 Relação das trocas simbólicas e econômicas ..... 108
4.3 Da administração do Instagram ..... 112
4.4 - A organização do ecoturismo ..... 114
**Considerações finais** ..... 118
**Referências** ..... 120

**Anexos**..... 128

## Introdução

Inicialmente é preciso contextualizar que o nosso objeto recorre à discussão teórica nas ciências sociais que circula entre as condicionantes da diversidade, e de suas respectivas práticas e que tem por marco temporal a segunda metade do século XX e a primeira parte do século XXI. Entre as razões sociais, podemos citar o advento da globalização, que viabiliza e valoriza a diversidade cultural, como é relatado na obra "Distinção e Globalização" de Ortiz *et al* (2023). A globalização se realiza em condições distintas, nas formas diversas e localizadas. Na medida em que se constroem relações para compreender os mecanismos que situam o mundo contemporâneo, o diverso e suas distinções, podemos observar os contrastes entre os pares, assim como seus sentidos, razões e fronteiras.

As evidências observadas pelas lentes teórico-metodológicas nos possibilitam interpretar os fenômenos em suas constituições particulares ou aparentemente isoladas de outros processos. Assim como Michetti, (2012, p. 32) afirma: "[...]buscamos o geral para entender o específico e vice-versa, o global para entender o local e vice-versa, o macro para entender o micro e vice-versa".

As relações entre agentes integram a centralidade de nossa discussão, que, por sua vez, está permeada de elementos de diversidade, de agentes em busca de práticas diversas, de agentes provedores de tais práticas. Agora, nos cabe mapear as ações em acordo com aquilo que nossas ferramentas nos possibilitam e alcançar respostas significativas para a problemática que permanece ao longo de toda a pesquisa: quais as práticas realizadas no "Território Macuxi", seus agentes, sentidos e condicionantes sociais?

Antes de nossa breve apresentação sobre o "Território Macuxi", pensamos ser importante trazer ao leitor a trajetória que conduziu à escolha do local como campo de nossa pesquisa. No cenário da diversidade, práticas concebidas como "alternativas" são apresentadas com o objetivo de solucionar as fraturas expostas deixadas pela primeira e segunda guerra mundial e pelo contexto mais amplo das sociedades modernas. Os modelos econômicos, políticos e culturais vigentes em grandes centros urbanos são contestados por movimentos sociais e artísticos, que, em alguns casos, ofertam soluções em comunidades chamadas de alternativas. O paralelo anteriormente feito entre o micro e macro segue aqui como base para a compreensão das condicionantes sociais

incorporadas na trajetória social, método esse utilizado para acompanhar a trajetória de vida do fundador do "Território Macuxi" paraibano.

O apetite por pesquisar os fenômenos ditos "alternativos" surgiu após uma vivência no mês de julho 2019, quando recebemos um convite para expor meu trabalho artístico (óleo sobre tela) no Encontro Nacional de Comunidades Alternativas (ENCA), sediado na comunidade *One Love*, que fica aproximadamente quarenta quilômetros do município de Lençóis, no estado da Bahia.

Durante o evento, visitávamos outras comunidades vizinhas, também pertencentes à área que corresponde à Chapada Diamantina, e que continham atributos e princípios correspondentes à realidade das "comunidades alternativas". Foi naquele contexto que conheci o Vale do Capão e decidi realizar meu trabalho de conclusão de curso (TCC) em sociologia sobre o distrito, que, por sua vez, é cercado por experimentos comunitários. Esse fato me possibilitou não só aplicar a teoria sociológica a realidade empírica, como também contribuir para o debate nas ciências sociais sobre formas de sociabilidade.

Já na Paraíba, a fim de aprofundar os estudos na temática fomos em busca de um espaço e/ou agentes que dialogassem com esse universo que propõe experiências e vivências alternativas ao modelo moderno ocidental e às várias implicações problemáticas que nele se fazem presentes. Por meio de conversas com amigos tomei conhecimento do "Território Macuxi" e de uma pessoa que morava lá. Ela realizava um trabalho com o Santo Daime[1] e soube que o local recebia outras atividades ritualísticas, ecoturismo e manifestações culturais que poderiam ser próximas do que procurávamos.

Situado no município do Conde – PB, o "Território Macuxi" é uma área rural cortada pelo rio Gurugí e situa-se a 13 km da área de proteção ambiental de Tambaba e a 30 km de João Pessoa, capital da Paraíba. O espaço foi fundado por Julíndio Macuxi no ano de 2001, que veio de Brasília após pedir demissão de um cargo público em busca de uma "alternativa de vida comunitária" que enuncia como uma "síntese entre o Urbano e o Rural" e que lhe possibilitasse práticas de "reconexão com suas raízes ancestrais".

A pesquisa foi feita com um diálogo entre teoria e empiria, com auxílio de ferramentas teórico-metodológicas que nos possibilitaram sucessivas visitas ao "Território Macuxi", observar as práticas, descrevê-las em suas nuances, aplicar questionários e acompanhar uma trajetória como retrato social. Dito isto, o estudo

[1] Culto religioso com práticas de sincretismo entre catolicismo, culto de povos originários e o hinduísmo, surgiu no Acre no Século XX.

realizado no “Território Macuxi” foi elaborado no período de dezembro de 2022 a julho de 2024.

Para compreender as práticas ambientadas no “Território Macuxi”, percorremos no primeiro capítulo o procedimento teórico-metodológico da pesquisa, fundamentado em quatro autores, sendo eles: Bourdieu (1996) com as ferramentas de *habitus* e trajetória de vida, Lahire (2004) centrado nas entrevistas como retratos sociológicos, em Geertz (1926) com a descrição densa e, por fim, Mills (1980) com o exercício em series de leituras sobre a problemática. Todos os métodos foram utilizados para a obtenção de dados, desenvolvimento dos dados na relação da teoria com empiria e como base analítica para a construção dos modelos heurísticos de interpretação das práticas feitas no “Território Macuxi”.

O segundo capítulo está subdividido nos eixos temáticos que consideramos fundamentais para o desenvolvimento da atual pesquisa, devido à constância em que os eixos se apresentavam nas práticas realizadas no “Território Macuxi”. Ecoturismo, Comunidades Alternativas, Diversidade, Globalização, valorização do Local, Cultura e Movimentos Sociais como o Naturismo são os temas que aparecem com maior frequência em nossas observações no “Território Macuxi”.

No terceiro capítulo, nos dedicamos à parte empírica do “Território Macuxi” por meio do estudo de trajetória de vida, das entrevistas com inspiração em retratos sociológicos e da descrição densa das práticas aí realizadas no local. Estruturado em duas partes, o capítulo tem no primeiro tópico a trajetória de vida de Julíndio Macuxi como uma das etapas de compreensão das práticas e, no segundo, o dividimos em nove subtópicos, sete desses dedicados a esmiuçar como as práticas são feitas em relação aos grupos visitantes e os outros para compreender dois períodos que entendemos ser relevantes para a pesquisa: o da pandemia e o de inverno.

E, por fim, no quarto capítulo, os procedimentos investigativos estão voltados para a análise dos dados. Com o intuito de facilitar nossos desenvolvimentos analíticos construímos um quadro heurístico de relações para abarcar todos os contextos correspondentes à nossa base de dados, constituída por 7 grupos (Flor de Mandacaru, Amigos do Pedal, 50 Mais, Ancestralis, Pescadores, Aniversário e *Ayahuasca*) que acompanhamos e descrevemos, e o Naturistas Unidos, que foi analisado a partir de informações obtidas no quadro sociológico de Julíndio Macuxi.

As observações participantes e sua respectiva densidade de descrição são ferramentas utilizadas, entre outras coisas, para aprimorar o desenvolvimento analítico

das trocas simbólicas e econômicas que estão diretamente relacionadas com as práticas, com os mecanismos de oferta, com as disputas e adaptações marcadas pela trajetória de Julíndio Macuxi.

Cabe destacar que todas as entrevistas realizadas que contém trechos no corpo do texto, são atribuídas referências aos pseudônimos dos interlocutores, já que foram estas as condições dos contribuintes para que tais trechos pudessem fazer parte da dissertação. O mesmo com as imagens, que só foram autorizadas com a condição de desfoque dos rostos. No mais, que este trabalho sobre trajetória e práticas em um contexto específico, o do "Território Macuxi", possa contribuir com as reflexões sociológicas acerca das razões e sentidos sociais das práticas no mundo contemporâneo em um contexto de globalização.

## Capítulo 1 – Lentes teórico-metodológicas de interpretação das práticas.

A obtenção de dados e de seus respectivos procedimentos analíticos para a realização da seguinte pesquisa teve por base inicial o conjunto teórico-metodológico de *habitus* e trajetória social em Bourdieu (1996), a complementar com os estudos à escala individual – fundamentada na metodologia de entrevistas como retratos sociológicos em Lahire (2004), da descrição densa em Geertz (1926) e do princípio da série de leituras que testa a problemática diante do objeto em questão Mills (1980). Juntas, essas ferramentas contribuíram para a interpretação sociológica das práticas realizadas no "Território Macuxi" e dos seus respectivos resultados.

### 1.1 Contribuições bourdiesianas para o estudo das práticas no "Território Macuxi".

Antes de entrarmos nas questões conceituais propriamente ditas sobre *habitus* e trajetória de vida pensadas por Bourdieu, vamos resumir alguns outros conceitos, sendo eles; espaço e capital, que fundamentam sua teoria e estão amplamente relacionados com os selecionados para a nossa interpretação do campo empírico e para contextualizar o leitor dos direcionamentos e sentidos que estão sendo expressos.

A diversidade de práticas observadas, que variam do ecoturismo a rituais espirituais no "Território Macuxi", nos conduz ao questionamento de qual o sentido social de tais práticas. Para iniciar, vamos recorrer ao pensamento de Bourdieu (1996), que aponta que as práticas ocorrem em um espaço partilhado, dada as razões objetivas e normativas que as estruturas possibilitam, "a noção de espaço contém, em si, o princípio de uma apreensão relacional do mundo social": ele afirma "de fato que toda a realidade que designa reside na exterioridade mútua dos elementos que a compõem" (Bourdieu, 1996, p.48).

A relação pode ser entendida como um jogo de possibilidades práticas advindas de normas preestabelecidas por leis gerais e específicas da área de atuação. Para que tais leis e as relações sociais ocorram de forma prática, é necessário que haja um espaço que comporte tal dinamismo correspondente de matérias objetivas.

Bourdieu (1996) esquematiza essa distribuição em 3 categorias. Os agentes estariam posicionados em acordo com o volume de capitais globais possuídos, como esse capital está estruturado na ordem, seu peso em comparação aos capitais culturais, econômicos e sociais, entre outros, e sua trajetória. Cada região do espaço social assim

concebido condiz a uma classe de gosto condicionada socialmente, sendo que isso define distâncias e proximidades, por tanto, as ações dos agentes seguiriam uma previsibilidade dos elementos que as compõem e que as possibilidades esbarram nas fronteiras da área específica

Se as práticas são a materialização da relação no espaço social, isso indica que há uma mediação entre as manifestações práticas observadas nos corpos e contidas nos símbolos e capitais. Essa intersecção é chamada por Bourdieu (1996) de *habitus*, que, em síntese, trata-se da ordem dos campos específicos sobre as práticas, dos pulsos e sentidos que afetam a subjetividade do agente nas etapas de sociabilização e que pode ultrapassar as fronteiras do social. Levando em consideração o princípio gerador da relação entre o subjetivo e o objetivo, como ferramenta, o *habitus* é o que é criado e que se cria, que forma e é formado

> O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas [...] mas o essencial é que, ao serem percebidas por meio dessas categorias sociais de percepção, desses princípios de visão e de divisão, as diferenças na prática, nos bens possuídos, nas opiniões expressas tornam-se diferenças simbólicas e constituem uma verdadeira linguagem. (Bourdieu, 1996, p. 21/22)

Complementando, em seu estudo “Seguindo Pierre Bourdieu no campo” Wacquant (2006, p. 17) destaca que "o *habitus* é a categoria mediadora, transcendendo a fronteira entre o objetivo e o subjetivo, que permitiu a Bourdieu captar e descrever o agitado mundo duplo da Argélia colonial em desagregação”. “indica a disposição incorporada, quase postural [...] de um agente em “*acção*”, algo que vai sendo interiorizado pelos sujeitos, pela incorporação de esquemas: “[...] as estruturas mentais através das quais eles [agentes] apreendem o mundo social” (Bourdieu, 2004a, p.158)

Bourdieu (2001) atualiza o conceito de *habitus* advindo da linhagem tomista/aristotélica para romper com a noção de plena liberdade individual construída por meio dos hábitos e práticas, assim como as barreiras do pensamento estruturalista que condiciona a noção das práticas humanas à mera reprodução das estruturas sociais. Ainda que haja a incorporação, estas não são o fim das práticas em si dos agentes, tão pouco a plena liberdade do indivíduo sobre as etapas de sociabilização ou total liberdade das influências sociais.

A discussão levantada sobre o *habitus* compreende o ponto de partida analítico a ser complementado com as demais ferramentas metodológicas para a interpretação das

práticas partilhadas no “Território Macuxi”. Adiante, seguiremos com apontamentos sobre a noção de trajetória de vida, neste caso, como base para acompanhar a trajetória de Julíndio Macuxi

Toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus* Bourdieu (1996, p.292). As expressões do percurso que se faz corpo ou o corpo que expressa em um dado espaço social habitual os impulsos e desejos que lhe cabem no e para o espaço, em outras palavras, as escolhas de Julíndio Macuxi são precedidas pelas disposições sociais incorporadas, que a trajetória que leva à criação do “Território Macuxi” passa por suas disposições da infância, da adolescência, dos períodos iniciais da fase adulta até os dias atuais, conforme Montagner (2007) o *habitus* solidifica a trajetória social do indivíduo:

> O nome e nosso sobrenome, veículos por excelência de identificação do indivíduo, vêm juntar-se e compor a objetivação da relação entre um corpo e um símbolo que o identifica. Todo o aparato social de formação de uma identidade, ou de uma persona, aqui entendida como máscara social, virá a se sedimentar sobre essa relação de tornar concreto um todo biográfico que, na realidade, não existe: podemos acompanhar as mudanças sucessivas pelas quais um agente social passa durante seu movimento na sociedade e que acabam por sedimentar um *habitus* relacionado à história do indivíduo (Montagner, 2007, p.253).

Justifica-se a escolha da ferramenta metodológica pelo seu caráter investigativo e pelos direcionamentos analíticos estarem em concordância com os rumos desta pesquisa e, neste ponto em específico, desenvolver, em conjunto com a trajetória de Julíndio Macuxi, um diálogo das sucessivas mudanças sociais que passaram por sua interação social e como tais relações ecoam nas práticas realizadas no “Território Macuxi”, quais os sentidos atribuídos e quais agentes envolvidos nas diversas práticas.

Os diversos mecanismos de socialização aos quais os agentes estão submetidos no formato de experiencias são, para Bourdieu (1996), as introjeções e possíveis mutações dos *habitus.* Tais mecanismo de instrução social podem ser vistos já nos processos primários de sociabilização “Através da socialização familiar, são elaborados diferentes “projetos” de indivíduos, direcionados às instituições educativas e ao mercado de trabalho” (Menezes, 2022, p. 3).

No entanto, como veremos adiante, com maior riqueza de detalhes no tópico sobre a trajetória, o capital depositado pela família de Julíndio Macuxi que o direciona a determinado mercado de trabalho e instrução acadêmica passam por mudanças de percurso, que não nos proporcionaram respostas conclusivas em somente uma entrevista

semiestruturada sobre sua trajetória. A partir daí, notamos a necessidade de incluir a ferramenta de estudos a escala individual por meio dos retratos sociológicos para complementar nosso estudo:

> Se o sociólogo se proíbe de concordar com a consciência que os sujeitos constroem sobre suas situações e de tomar ao pé da letra a explicação que eles dão a elas, ele considera essa consciência com muita seriedade para tentar descobrir seu fundamento real, só se dando por satisfeito quando consegue abarcar na unidade de uma compreensão a verdade de imediatamente dada à consciência vivida e a verdade laboriosamente adquirida pela reflexão científica. A sociologia talvez não merecesse uma hora de esforço se tivesse por finalidade apenas descobrir os cordões que movem os indivíduos que ela observa, se esquecesse que lida com os homens, mesmo quando estes, à maneira das marionetes, jogam um jogo cujas regras ignoram, em suma, se ela não se desse à tarefa de restituir a esses homens o sentido de suas ações (Bourdieu, 2006, p.91/92).

As lacunas não preenchidas vieram justamente do fato que aquilo que fora dito pelo interlocutor não foi suficiente para analisar o quadro de forma precisa, seja pela ausência de informações que não passa pelo crivo do entrevistado para não entrar em discordância com a imagem que ele vem construindo ao longo da narrativa inicial, como as de caráter educacional, em qual ano e qual a escola concluiu o ensino médio e o não dito sobre o movimento que tem o “Território Macuxi” como sede.

## 1.2 A importância dos Retratos Sociológicos

O sociólogo francês Lahire (2009) afirma que “uma criança vê o mundo tal qual o seus pais a ensinam a ver” e, quanto mais os casos se repetem no passado, mais tendências elas têm de refletir no presente. Assim, para compreender as ações dos indivíduos no presente, é também preciso conhecer sua origem familiar e trajetória de vida. Ou seja, o estilo de vida, as práticas cotidianas, a escolaridade, a atividade socioeconômica. (Sá, 2018, p. 62)

A base investigativa que remete à infância não é reforçada aqui como estratégia de reformular aquilo que já fora submetido em entrevista, mas de suplementar os já inseridos métodos em pontos específicos em que ficaram velados e com lacunas. A própria metodologia que estamos a utilizar com base em Lahire foi desenvolvida para aprimorar as nuances não comtempladas pela teoria de Bourdieu e, por isso, há de se ver pontos em comum entre os autores, apesar das divergências, por exemplo, a retomada da infância para entender as ações atuais.

A teoria do autor vai criticar esquemas estruturais que passam pela sociologia e psicologia (em específico Bourdieu e Piaget), a transferibilidade de ações, por vezes contraditórias com outros contextos incorporados pelo mesmo sujeito, faz com que Lahire (2004) questione a matriz estruturada das práticas ou as práticas sendo providas de uma única causa, seja pelo *habitus* incorporado por uma classe, campo ou estrutura mental específica.

Lahire (2004) supõe que as disposições são sempre transferíveis e não exclusivas de uma classe. Isso pode parecer contraditório com o que desenvolvemos no primeiro tópico. No entanto, o conceito de *habitus* em nossa pesquisa tem a atuação de variável e não como única e exclusiva lente de leitura para interpretar as práticas, até porque mesmo o campo de estudo revela contextos em que as práticas ocorrem, e essa variação não possibilitou um diagnóstico que levasse à dimensão da classe como sendo causa de todas as ações. Talvez possa até ser, mas as entrevistas com os demais interlocutores não nos possibilitaram seguir nesse caminho, além de serem rápidas, não obtive êxito em realizá-las novamente.

A diversidade de práticas no "Território Macuxi", que variam de acampamentos, vivências místicas, ecoturismo, nudismo e outras, pode ser lida como aquilo que Lahire (2004) atribui como experiencias sociais distintas notadas nos indivíduos como disposições. As ditas variações de prática repercutem no valor monetário de participação entre os envolvidos e cada uma é orientada, ministrada ou guiada por uma figura diferente e não exclusivamente por Julíndio Macuxi. Essa dinâmica não nos conduz a apontar uma matriz geradora das ações.

Não seria possível passar por esse fenômeno da diversidade sem tratar, ainda que minimamente, do conceito de disposições em Lahire (2004), que credita importância ao modelo investigativo empírico. No entanto, tal roteiro não concerne na definição conceitual de disposição, apesar de sua contribuição. O ponto é que é uma excelente ferramenta de orientação para um aprimorado composto informativo, com potentes indícios do "patrimônio de disposições" aplicado na estética, no emprego, nos processos de escolarização, na infância e na cultura.

> Na verdade, uma disposição é uma realidade reconstruída que, como tal, nunca é observada diretamente. Portanto, falar de disposição pressupõe a realização de um trabalho interpretativo para dar conta de comportamentos, práticos, opiniões etc. trata-se de fazer aparecer o ou os princípios que geraram a aparente diversidade das práticas. (Lahire, 2004. 27)

O propósito do modelo prevê, por parte do investigador, não chegar a um princípio, mas, no plural, aos princípios que norteiam as ditas práticas e costumes. Por isso, no capítulo dois deste trabalho o distribuímos em sete eixos temáticos que exercem influências nas práticas observadas no "Território Macuxi". O exercício faz parte da amplitude proposta no conjunto de contextos e informações que orientam as disposições para além das respostas obtidas nas entrevistas.

A centralidade da discussão é que a ferramenta metodológica de Lahire (2004) propõe, no aprofundamento investigativo do indivíduo por meio das sucessivas entrevistas, o rompimento com as camadas muitas vezes montadas pelo agente entrevistado a fim de passar um relato coerente de sua história. A ferramenta investigativa pode levar, em muitos casos, a exposição ao ponto das incoerências de sentidos, as justas contradições do homem plural que levantam as possibilidades das ações ou como reforça Sá (2018),

> Através das entrevistas sucessivas, podemos identificar as fissuras, as incoerências, os choques entre as disposições legítimas e menos legítimas dos indivíduos. Será necessário que o pesquisador interprete o que se pode observar (em sentido amplo) por meio das interações investigativas, por meio da própria narrativa que o entrevistado produz sobre sua história de vida e dos demais instrumentos disponíveis para tal (Sá, 2018, p. 207).

Ou seja, aquilo que porventura seja construído como conjunto de práticas interiorizadas a partir de um campo ou *habitus* em forma de princípios que guiam as condutas dos agentes de forma inconsciente, podem não só ser percebidas através do método dos quadros sociais, como gerar confiança para obtenção de narrativas que estão "por trás" das armaduras sociais. No caso de Julíndio Macuxi, muitos elementos só foram percebidos em contextos específicos, principalmente os em que a relação de disputa se fez presente, nos que não houve agentes e pares de identificação próximos no momento da entrevista.

As etapas que descrevemos até aqui passa por raízes teórico-metodológica que são sustentadas por árvores de elucubrações que foram testadas em pesquisas específicos através do forte diálogo com a empiria, relação esta que também propomos neste estudo. Ainda que em pontos de partida distintos, a considerar as origens familiares, a migração do rural para o urbano no caso analisado por Sá (2019) ou das dificuldades apresentadas pelo público-alvo no campo de Bourdieu (2006), os modelos associados à trajetória de

Julíndio Macuxi atuam como facilitadores de apreensão das disposições que conduzem as práticas do nosso protagonista.

A relação de nossa pesquisa feita com os seguintes exemplos “O camponês e o corpo” de Bourdieu (2006) no estudo sobre o crescimento do celibatário no Béarn-França e em “Feirantes: Quem são e como administram seus negócios” que relata sobre os quadros sociais dos donos de restaurantes na feira de Caruaru, de autoria de Sá (2019), nos possibilitou entender com mais profundidade como as ferramentas teóricas e metodológicas foram articuladas, testadas e validadas em seus propósitos e objetivos. Essas leituras nos direcionam às análises deste trabalho.

## 1.3 Densidade descritiva e o reforço dos elementos centrais

Antes de darmos início ao desenvolvimento facilitado pelas teorias supracitadas e suas ferramentas metodológicas complementares, nossa pesquisa, em sua fase de reconhecimento do espaço empírico se utiliza de ferramentas de densidade descritivas para o alcance do maior número informativo das práticas realizadas no “Território Macuxi”. Os limites encontrados por uma dada teoria e metodologia são integrados e relacionados com o propósito de solucionar as regiões limítrofes que uma ferramenta não pode alcançar.

Por isso, em dados momentos, o ponto de partida observacional será a empiria para se chegar à teoria, e da mesma forma o inverso. De acordo com Bourdieu (2022), uma empiria bem-feita pode ser um apetrecho de conhecimento de grande valia para a análise social, algo como a psicanálise do social, que possibilita o contato direto com o inconsciente cultural e com as estruturas, uma espécie de regressão para alcançar os impulsos e progressões históricas das práticas do e no local.

Dessa forma, a descrição densa não só participa da fase inicial da nossa pesquisa, como faz parte do desenvolvimento e das nossas considerações finais, aquilo que já apontamos como exemplos de limites encontrados na trajetória de vida, como sendo veiculadas por disposições do *habitus*.

Como a profundidade informativa da trajetória dos agentes envolvidos nas práticas no “Território Macuxi” foi inviabilizada, entendemos não haver elementos suficientes para fazermos apontamentos como se as práticas fossem oriundas de uma determinada classe. De modo similar, só o retrato sociológico de Julíndio Macuxi como modelo representativo das práticas não foi suficiente para uma interpretação precisa da

diversidade de ações pretéritas e presentes do local em estudo, considerando o protagonismo de outros agentes mediadores de práticas, como os condutores das celebrações espirituais.

Conforme Geertz (2008), o que devemos pensar e questionar a respeito da pesquisa é o seu ponto de partida e importância, o que está sendo repassado, ocorrendo em estância, que seja ridículo ou desafiador, icônico, bravura, deboche ou orgulho a meio de não ser uma verdade premeditada, obscurantista, "superorgânica'' e conservada. Tendo em vista isso, todos os detalhes expostos sobre as práticas observadas no "Território Macuxi" ao decorrer desse texto fazem parte desse trabalho minucioso de coleta do maior número de dados possíveis, de refletir como as práticas são feitas e quais suas razões e sentidos sociais.

Geertz (2008) ainda afirmar pensar como Weber ao interpretar as relações humanas, sendo estes amarrados a suas experiências de vidas, em teias de significados que ele mesmo criou ou construiu, o que torna a cultura essas vivências, hábitos e códigos em busca de significado.

> O que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem — está obscurecido, pois a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma ideia, ou o que quer que seja está insinuado como informação de fundo antes da coisa em si mesma ser examinada diretamente (Geertz, 1989, p. 23).

Tais significados ou sentidos atribuídos pelos agentes às suas normas de condutas passam por nossas construções na condição de pesquisadores, que compreende esses laços como um fio condutor que permeia locais distintos, em tempos distintos, como, no caso aqui estudado, as influências de movimentos sociais de alcance globais que nasceram na segunda metade do século XX e repercutem nas práticas de alguns grupos visitantes no "Território Macuxi", como veremos nos capítulos adiante.

As dinâmicas interpretativas não correspondem a atributos de poder cultural nos processos sociais, seja nas instituições ou nos comportamentos, portanto, as atividades culturais para o autor são compreensíveis em um contexto "algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade (Geertz, 1989, p. 30), mas como algo legível e embutido de sentidos no processo de construção e nas análises dos dados

> O que o etnógrafo enfrenta, de fato — a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados — é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem de, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar[...] Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (Geertz, 1989, p. 24).

Os procedimentos descritivos sem as etapas de modelação analítica podem reverter a leitura em sons dissonantes ao leitor adaptado a uma linguagem específica, um alfabeto ou idioma. A citação é pertinente e pontual a considerar que a ferramenta metodológica utilizada se depara com figuras de linguagem como a onomatopeia[2] em seus mecanismos descritivos, a própria variação de idiomas que o campo apresenta que passa pelo tupi, sânscrito, inglês, português e outros, passa por revisitações específicas[3] para o justo trabalho de modelagem e apresentação dos resultados.

Os pertinentes e persistentes tratados em série de revisões da problemática e do objetivo, sendo estes; quais os sentidos sociais das práticas e sua respectiva compreensão das práticas ações no "Território Macuxi", também passam pelo alicerce esquematizado e exposto em quatro estágios de domínio sobre a problemática em Mills (1980), que é antecipada por um princípio em série de leituras e releituras sobre os próprios estágios. São as fases:

> (1) os elementos e definições que acreditamos ter levado em conta, em função do conhecimento geral do tópico, questão ou área de preocupação, à nossa disposição; 2) as relações lógicas entre essas definições e elementos; a construção desses pequenos modelos preliminares proporciona a melhor oportunidade para a manifestação da imaginação sociológica; 3) a eliminação de falsas opiniões, devidas a omissão de elementos necessários, definições improprias ou pouco claras de termos, ou ênfase indevida em alguma parte do processo e de suas extensões lógicas; 4) formulação e reformulação das questões de fato que perdurem (Mills, 1980, p. 22/23).

Ao tempo que o pesquisador olha pelo retrovisor para as questões que circundam o tópico, ele tem que olhar para frente e observar o trânsito das suas anotações, comentários em conjunto com os blocos de conceitos e definições. Revisar as dinâmicas são tentativas de criar vínculos lógicos no artesanato sociológico, como um bordado que

---

[2] Feita para representar os sons no momento do batismo no rio Gurugí.

[3] Como no caso da composição em tupi que veremos no capítulo 3 em que nos utilizamos da ferramenta metodológica em questão.

tem por finalidade a construção de uma flor. Caso uma informação, ponto da linha, passe despercebido ou fora do curso, tanto o artesão como o cientista retornam eliminando até o ponto da anomalia, tudo isso para clarear os termos, a forma lógica do desenho, da pesquisa.

Ainda que a escolha do objeto de pesquisa tenha surgido em um conjunto de saberes empíricos, as frequentes visitas ao texto através do olhar participante, da densa descrição e suas revisitas com os modelos teóricos nos possibilita leituras pertinentes sobre o campo empírico e suas práticas. Desta maneira, os conhecimentos gerais prévios sobre o assunto também passam por reformulações em sua aplicação ao campo, de forma a implicar a imaginação sociológica e reparar as arestas de falsas opiniões e falsos levantamentos hipotéticos para resguardar as questões, conceitos, intuições e símbolos consistentes que perduram ao longo da pesquisa.

## Capítulo 2 – Referências históricas, teóricas e conceituais na construção do objeto

Buscamos, no atual capítulo, desenvolver os 7 eixos que apontamos como centrais devido as suas influências observadas nas práticas realizadas no "Território Macuxi" sendo eles: Ecoturismo, Comunidades Alternativas, Diversidade, Mundialização, Local, Cultura e Movimentos Sociais. Todos os temas passam por uma revisão de literatura de forma a relacionar suas contribuições históricas, teóricas, conceituais e tem como eixo central os fundamentos teóricos a respeito dos mecanismos da globalização.

### 2.1 Diversidade, Mundialização e a valorização do Local.

Sobre a valorização da diversidade na globalização, recorremos ao contexto do pós-guerra mundial que traz consigo fraturas expostas, ou seja, um mundo globalizado a ser restaurado. O ideal de globalização pode nos remeter a um mundo sem fronteiras, de igualdades e reformado. Ortiz (2015) diz que na qualidade do universo globalizado o valor atribuído ao diverso é maximizado, e aquilo que decorre no diverso não é sinônimo de pluralismo, mas produtor social da diferença.

O diverso, em Ortiz (2015), ganha uma conotação de aproximação com os limites das fronteiras, algo que vai de encontro as categorias presentes nas declarações da ONU e nas legislações nacionais correspondentes, que imprimem soluções e reformulações para os problemas apresentados no pós-guerra mundial. O acontecimento está exposto numa sequência de vetores em que:

> A globalidade da diversidade encontra na Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da Unesco, promulgada em 2005, sua consagração. Não apenas por ser a convenção de um órgão internacional, mas por ter sido ratificada ou aceita até dezembro de 2015 por 140 países, além da União Europeia, de todos os continentes do mundo. A diversidade, é importante que se tenha clareza, é um léxico da modernidade-mundo, forma sua gramática (Nicolau, 2017, p. 42).

A gramática da diversidade ganha centralidade e deixa de ser um meio para se chegar a um fim, tornando-se o próprio objetivo, havendo subsídios que o auxilie em suas metas. O valor dado pela cultura que a entende como fim, muitas vezes não recorre ao seu significado, apenas o aceita como tal e o propaga. De acordo com Nicolau Netto (2017, p. 42), "é evidente que ainda temos em mente que lutar pela diversidade nos traz

algo de positivo e este é, de fato, o objetivo da luta. Mas esse objetivo é algo que não precisamos mais definir ao certo para entendermos que a luta é válida"

Os procedimentos que integram história em relação aos conjuntos categóricos e processuais das facetas globais com direcionamentos locais (Ortiz, 2015), intermediada por reconstrutores[4] (Mira, 2016), fazem parte do esforço sociológico em acompanhar os dinamismos da diversidade e sua evolução no tempo. Os elementos analíticos relacionados ao trânsito dos visitantes e do fundador do "Território Macuxi" nos direcionam a interpretar Julíndio Macuxi e os visitantes como esses reconstrutores/mediadores do local estudado.

Os pressupostos levam em conta a aproximação dos visitantes ao "Território Macuxi" através de uma corrente cultural ligada a movimentos sociais e institucionais de alcance mundial, que datam do século XX (pós-guerras mundiais Guerra Fria), como o movimento hippie, o romantismo de 68, o movimento beat, a música (bossa nova, a o Jazz, popular brasileira/mpb), criação dos parques nacionais, a eco 92, e declarações da Organização das Nações Unidas-ONU e o fenômeno das organizações não governamentais (ONGs).

Esses mecanismos sociais passam a ganhar novos significados a partir da segunda metade do século XX, mais precisamente entre as décadas de 70 e 80 (Mira, 2016). O olhar de uma parcela dos cidadãos dos centros urbanos para as culturas periféricas e para o rural passa por uma revisão, em específico de vivências em centros acadêmicos onde os debates sobre a divisão entre alta cultura e baixa cultura, cidade/campo são problematizados. Mira (2017) complementa que a amplitude gerada pelos processos de globalização, como o discurso da diversidade cultural leva a polissemia e o uso excessivo de termos como o de comunidade.

> Uma das formulações que articula esse universo de ações e representações é o discurso da diversidade cultural. Assim como no caso dos conceitos de "cultura popular" e "tradição", entre outros, a reativação da noção de "comunidade", na virada para o terceiro milênio, se vincula à consagração da ideia de "diversidade", em particular, à de "diversidade cultural". Por sua vez, grande parte do sucesso atual da gramática discursiva da diversidade deve-se à atuação da Unesco [...] ainda sob o impacto da II Guerra Mundial, esse influente órgão da ONU é criado com a tarefa específica de combater a intolerância entre os

[4] Mira constrói a categoria a partir do movimento de agentes de classe média advindos dos centros urbanos que se deslocam para as periferias urbanas e para a ruralidade com interesse nas culturas populares como medida de valorização e reconstrução das práticas populares. Ver mais em: "Entre a beleza do morto e a cultura viva: mediadores da cultura popular na São Paulo da virada do milênio."

> povos e proteger as diferentes formas de expressão cultural. Estava plantada a semente do discurso triunfante da diversidade cultural, alimentado não apenas pelos sucessivos documentos produzidos ao longo da segunda metade do Século XX pela Unesco, como também pelos movimentos identitários dos anos 1960 em diante, pelas imigrações, pelas teorias multiculturalistas, pela política da exceção cultural (Mira, 2017, p. 12)

Conceitualmente, entendemos identidade "como construção simbólica e, nesse sentido, não é um ser, mas se constrói como processo no qual estão envolvidos agentes em conflito e práticas sociais diversas" (Ortiz, 2015, p. 111). A polissemia dos sentidos ou liquidez identitária (Bauman, 2001) refletem os indivíduos e grupos sociais afetados pelos conflitos das guerras e que tentam organizar sentidos das mais variadas formas possíveis, entre elas na figura do alternativo.

O desenrolar dessas trajetórias ocorre, segundo Mira (2016), na nominada onda comunitarista, que seria uma particularidade da América Latina e que estaria vinculada a questões étnicas de identidades que circulam os povos originários e os de matriz africana. Entre as formações que eram atraídas pelos pacotes culturais de valorização por parte do poder público ocupados pelos recriadores, a autora ainda destaca que a dimensão que tais atividades ganharam na virada do milênio chamou a atenção de muitas figuras públicas, entre elas: jornalistas, músicos, dançarinos, documentaristas, fotógrafos, cineastas, compositores, pesquisadores e arte-educadores.

As agendas globais impactam de forma significativa as particularidades dos países, das regiões, dos locais e dos agentes, são configurações reconfiguradas quando relacionadas com realidades específicas (Ortiz *et al*, 2023). Se os choques da globalização causam efeito na categoria de espaço, da mesma forma chegam à experiencia, ainda que não na mesma intensidade.

Em meio aos processos ressurgem os cosmopolitas ou cidadão-mundo, aqueles que assumem o mundo como pátria: "a diversidade torna-se um emblema da modernidade-mundo, encontra-se em "todos os lugares", isto é, configura-se como oximoro, valor universal que organiza as diferenças no mundo contemporâneo" (Ortiz *et al*, 2023, p. 12).

A etimologia da palavra cosmopolita tem origem no grego *Kosmopolítes* e advém do neologismo das palavras *kosmós* que significa mundo e *polites* significando cidadão. Para Platão (1993) em "A República", Aristóteles (1997) em "Política", Aurélio, (2001) em "Meditações", Epicteto, (1993) em "A arte de viver" a natureza desse cosmos era regida de forma harmônica e ordenada, e este lei universal poderia ser aplicada nas leis

dos homens e em suas cidades, por tanto, as virtudes como reflexo do cosmos na terra podem ser praticadas em qualquer lugar do planeta.

Em contrapartida, Ortiz *et al.* (2023) dizem que as virtudes ocorrem em locais específicos, no interior da cultura, em sua materialização comum, em uma nação, contendo esta, diferentes níveis como o cultural, geográfico, político e a moral. A identidade dos agentes é permeada pela totalidade do conjunto, "portanto, as virtudes da cidadania se realizam nesse espaço específico, não no "cosmos" (Ortiz *et al*, 2023, p. 24). O sentido atribuído à diversidade pelas instituições referenciadas no mundo globalizado pode ser entendido como algo que "beira a utopia" já que as relações ocorrem de forma distinta e desigual.

> O cidadão do mundo existiria quando a paz reinasse no interior dos estados e na inter-relação entre eles [...] há, portanto, um deslocamento de como agir no mundo, enquanto o estoicismo prega a adaptação e um certo conformismo, tem-se agora uma insatisfação (não a mesma dos cínicos), a busca de um parâmetro compartilhado capaz de assegurar, na vida de cada um, outra realidade. A noção de cosmopolitismo adquire assim uma dimensão utópica, é preciso criar outra "polis" para que o cidadão do mundo se reconheça (Ortiz *et al*, 2023, p. 21)

Segundo essa perspectiva, o cosmopolita contemporâneo ou o que poderíamos chamar de alternativo tem algo de utópico, uma busca nesse sentido, já que a paz não reina na inter-relação das partes, e isso pode levar a buscas que variam da alternativa de viver no meio rural a viagens interplanetárias. A escolha do local de pesquisa nos leva a focar na primeira alternativa, nas práticas realizadas na ruralidade e nos projetos comunitários ditos alternativos.

Em termos gerais, o chamado "alternativo" pode ser um exemplo de aspiração comunitarista, pela tentativa que consiste no conjunto de mudanças nas maneiras de produzir, consumir, pensar e viver, que visa novos modos para as características do mundo globalizado e guiado pela racionalidade dos atores do mercado. Em sua pesquisa de mestrado realizada no Vale do Capão, Pellissier (2014) conclui que ser alternativo é um ato político que busca, no observar da natureza e na sua forma de se manifestar, criar mudanças, desenvolver propostas e possibilidades de ver o surgir de várias maneiras de se viver junto com o meio ambiente.

É importante frisar que a construção desses lugares e suas propostas de alternativa acontecem em relação a um outro lugar e não de forma isolada, sem interação. Ortiz (2015) diz que a realidade social não está organizada como um caleidoscópio que divide

suas cores como ilhas isoladas, mas que a diferença percebida entre as cores ocorre na sua relação, mas que "o olhar global privilegia uma estratégia de singularização do mundo e é preciso compreender o todo, e não a simples interação das partes que o constituem" (Ortiz, 2015, p.115).

O papel centralizado, seja na leitura do mundo globalizado, na diversidade ou em suas relações sociais, integra as partes e, por isso, em ambas as leituras, remete-se à produção de distinção e construção de fronteiras.

### 2.1.2 Território e Comunidade

A fronteira que corresponde ao território precede ao próprio conhecimento escrito. Ela advém de cultos e práticas já existentes em relação aos estudos e conceitos sobre território, sendo a manifestação espacial-geográfica o resultado desse princípio. Silva (2015) aponta que a etimologia de território vem do latim (*territorium*) e vem do vocábulo terra e que significa uma propriedade administrada politicamente, e que o território local é arquitetado em um espaço já existente.

> é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator "territorializa" o espaço. (...) O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a "prisão original", o território é a prisão que os homens constroem para si (Raffestin, 1993, p. 143-144).

A interpretação sintática do território representa uma sucessiva ordem de causas e efeito, onde espaço, cultura, economia e política coexistem e formam o território. A construção das práticas comuns ou identidade de uma população segue uma evolução no espaço-tempo e isso também remete a deslocamentos geográficos na história local. Por isso, ao passo que une, separa em seu limite comum, marca a diferença espacial e social dos territórios e compreende-se a autonomia relacional das partes, ao tempo que constrói em identidade, prende em suas fronteiras.

> Produto da prática espacial: inclui a apropriação efetiva ou simbólica de um espaço [...] O território passou a ser identificado com o espaço do Estado-Nação, sustentáculo físico da soberania nacional. Território associa-se, portanto, à noção de soberania, poder e controle, além de conter uma dimensão simbólica, um sentido de enraizamento, uma evidência de construção compartilhada e um papel na construção das identidades sociais (Brasil *apud* Silva, 2006, p.13).

O local geográfico ganha, na relação com os espaços exteriores, ao ponto que reafirma suas dimensões geopolíticas válidas para o reconhecimento de sua soberania nacional ou comunitária. O alcance do poder de uma nação varia na proporção da sua relação internacional, com quantos países faz fronteira e reconhece sua soberania nacional. Essa norma analítica refere-se à distribuição da organização em hierarquia. Dito isto, o princípio segue suas diretrizes no regimento interno e reconhece a autonomia na relação entre ente federal, estadual, províncias, municípios, comunidades etc.

Nessa escala hierárquica do macro para o micro do território nacional, as frações territoriais são interpretadas por Fernandes (2009) em três momentos ideais de distribuição. O primeiro, referente à nação como território de governança ou delimitação de um país em unidades internas. Juridicamente instituídos e administrados por concepções políticas terceiras (governança-nação), as áreas internas instalam-se em estados e municípios, frações integradas e independentes do território nacional.

O segundo território compreende à propriedade privada, sendo ela liberal-capitalista, camponesa, território indígena etc. As diferentes formas de produção e socialização, evidenciados por sua conflitualidade, remetem-se ao território soberano intercessor na sua jurisprudência, que garante a autonomia das partes. O terceiro é a justa relação entre as partes, que envolve todas elas, suas influências resultando em um território específico e interdependente. Silva (2015) o pontua como variante e pode alcançar o material e o imaterial, podendo ser estabelecido e dinâmico.

Os três estágios de territorialização podem contribuir para relacionar as práticas realizadas no “Território Macuxi” com cada esfera correspondente, assim como situá-las e identificá-las em seus respectivos planos. Os pontos temporais podem ser compreendidos em sua ordem inversa, do micro para o macro. É comum na sociologia o estudo linear das formações sociais, partindo da realidade comunitária para a associativa. Weber (2004) não faz distinção entre as formas de sociabilidade; sua análise compreende as ações em categorias mentais ou tipos ideais. Assim, comunidade e sociedade são tipos ideais de compreensão de ações que se misturam entre si.

Mira (2017) aponta que, nessa amalgama há conflitos a partir dos pontos em que estão inseridos, um que o societário supera o comunitário, ou seja, os laços comunitários teriam sido dominantes nas sociedades pré-capitalistas ou tradicionais, enquanto os societários viriam a predominar no capitalismo.

> A polarização entre sociedade e comunidade se acirra na entrada do terceiro milênio, sendo o primeiro o seu polo negativo e o segundo, o positivo. Tudo o que é considerado ruim e indesejável é, mais uma vez, atribuído à sociedade urbano-industrial, mercantilizada, massificada, poluída, degradada, sem valores, sem referências etc. O que é bom e desejável pode, assim, relacionar-se à "comunidade" (Mira, 2017, p. 32).

Esse movimento é dividido por Bauman (2003) em duas correntes: as "éticas", que seriam as comunidades de fato, onde os agentes que convivem no espaço realizam as práticas no cotidiano e as "estéticas", comunidade reunida em torno da manifestação cultural**,** que integra os nativos do local e os visitantes que vão para participar do encontro cultural. Podemos assim dizer que, no "Território Macuxi" o dia a dia dos moradores (em seu período comunitário) representa a comunidade ética e o ecoturismo cultural, juntamente com as cerimonias de visitação[5] e as cerimonias abertas para visitação promovidas pelo morador do "Território Macuxi" como sendo comunidade estéticas.

O estudo conceitual sobre território nos prepara e conduz a uma interpretação mais próxima e fidedigna das práticas realizadas no "Território Macuxi", mediante as esferas globais, nacionais, artísticas, comunitárias e identitárias dentro dos seus respectivos territórios situados. Assim, os limites que correspondem aos conceitos, relacionados aos sentidos atribuídos pelo proprietário ao "Território Macuxi", podem ser visualizados e diferenciados.

## 2.2 Contracultura e o Movimento Alternativo

Para darmos início á ordem dos fatos que estão expostas no atual tópico, seguiremos nossa pesquisa trazendo algumas informações relevantes ao tocante do nosso campo empírico. O efeito da globalização, entre outras coisas, ressoa como movimentos sociais ligados a contracultura e, nesse contexto, encontra-se a Federação naturista internacional (INF), um sucessivo conjunto ordenado de acontecimentos interligados e relacionados às práticas que circulam o micro e o macrossocial, segundo Arrial (2009) o nascimento do INF está datado no seguinte contexto:

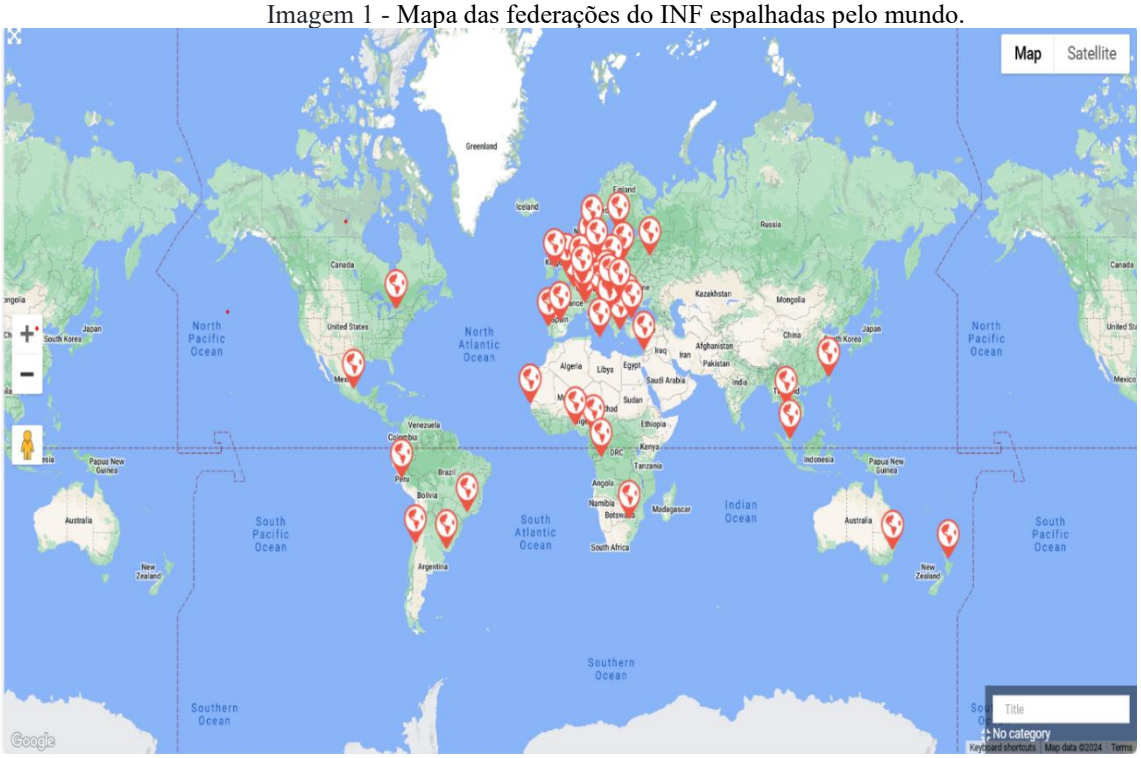
> Em 1948 ocorre, em Londres, um primeiro encontro internacional de maiores proporções, originando, em 1953, a federação internacional de naturismo – INF, responsável pelo grau de expansão do naturismo [...] o naturismo, segundo a federação internacional de naturismo (INF), consiste em "um modo de vida e harmonia com a natureza, expressada pela nudez social e

[5] São as cerimonias em que grupos terceiros alugam o redário para realizar seus ritos. Ver a observação participante feita com o grupo *ancestralis*.

> caracterizada pelo respeito de si mesma e as outras pessoas com outras opiniões e ao meio ambiente (Arrial, 2009, p. 48).

O surgimento da INF remete ao contexto de valorização mundial da sustentabilidade ambiental, das práticas culturais diversas, do desenvolvimento local e do apoio a novas associações de defesa ecológica e naturistas, algo próximo ao que vimos com os objetivos da ONU e instituições associadas. O alcance global ou influência da federação no âmbito internacional pode ser entendido no seu mapa de instituições associadas ao redor do mundo.

Imagem 1 - Mapa das federações do INF espalhadas pelo mundo.




Fonte: site do INF - Satélite do google Maps.

As diretrizes estatutárias do INF[6] só reconhecem uma federação por nação, constituindo assim, 37 federações espalhadas pelo mundo e 11 correpondentes:1 no oriente médio, em Israel; 2 na Oceania; 3 na asia; 5 no continente Africano; e 6 no continente americano, sendo 2 no Norte e 4 no Sul; e 32 na Europa. Não sabemos ao certo a ausência dos EUA, país celeiro da geração beatnik e do movimento hippie, ambos movimentos que também são reconhecidos pela defesa e propagação do nudismo e das questões ambientais, não receberem nenhuma federação ligada ao INF.

[6] Ver mais em: Federations - International Naturist Federation (inf-fni.org).

Nos vale destacar algumas questões orientadoras do INF que apresentam pontos em contraste com a identificação dos praticantes do nudismo com a geração beatnik e com o movimento hippie.

> O propósito do Naturismo-Nudismo é a promoção da saúde física e mental da humanidade pelo contato com o ar puro e pela prática de esportes. A INF apoia tudo que beneficie o corpo a alma e a mente, e é contraria a tudo que atue em detrimento a saúde físico-mental, especialmente o abuso do fumo, do álcool e das drogas. A INF apoia a proteção da natureza (Pereira, 2007, p. 11).

A valorização do uso de psicotrópicos era entoado entre os *hippies* e os *beatniks* como propriedades de estímulos a criatividade, o lema "sexo, drogas e *rock and roll*" foi incorporado pelos *hippies*. Pode-se então chegar em uma camada interpretativa de disputa geocultural entre as duas correntes do naturismo, já que os movimentos *hippie* e *Beatnik* também alcançaram proporções globais e, em meio à disputa, há locais que tentam integrar as duas manifestações sociais.

Neste mesmo cenário, surgiram vários movimentos sociais de proporções mundiais, em grande parte vinculados a expressões artísticas, como a já citada geração *beat*[7] (com grande destaque na literatura poética). O movimento atribuía o caos instalado pelas guerras aos modos de vida do mundo ocidental, marcado pelo consumismo materialista e pela inflexibilidade das práticas. Kerouac (2024) aponta que, além de seu elemento contracultural, a geração era influenciada pela busca espiritual, e o termo beat seria uma contração de beatificado. Se em Weber (2005) vemos o capitalismo se desenvolver a partir de uma ética cristã protestante, em Kerouac (2022) o desenvolvimento *beatnik* vinha da filosofia oriental.

O frenético estilo de escrita dos *beatniks,* marcado por ignorar pontuações, a sublinhar Allen Ginsberg no clássico "Uivo" de 1957, ascende em paralelo com as vertentes do *jazz bebop*, *free* e o *fusion*. Nomes como Charlie Parker 1920-1955, aproximação com a geração por conta dos improvisos e velocidade com que progredia as melodias de suas composições. John Coltrane com os álbuns, "*A love supreme*" de 1964, "om" de 1965 e "*meditations*" de 1966, pode ser conciliar na temática espiritual vinculada às filosofias orientais trabalhadas nos álbuns. Outra característica marcante de ambos era a luta pela liberação de drogas como a maconha e a dietilamida do ácido lisérgico – LSD.

[7] O termo tem seus primeiros registros nos livros "The town and the city" (1950) e posteriormente no artigo "The origins of the beat generation" publicado no ano de (1959), ambos de Jack Keroauc., "Go" de John Clellon Holmes lançado em (1952) por Jack Keroauc.

O clímax do movimento artístico intelectual ocorre em maio de 1968 (Tavares, 1985). O mundo sonhado sem barreiras colide com a concretude dos muros ideológicos levantados na guerra fria. Barricadas em Paris, confronto antifascista em São Paulo, Berkeley em manifesto e a crença em um socialismo sem a influência imperial da União Soviética na Tchecoslováquia, a cultura na China que adere aos atos revolucionários, a desobediência peruana ao imperialismo Ianque, a bandeira pacifista se derrete em fogo.

No artigo intitulado "O romantismo revolucionário de maio de 68" Lövy (2018), destaca que os motivos da crise não foram impulsionados por problemas econômicos, pois era o tempo das "trintas gloriosas" do sistema capitalista. Lövy (2018) acrescenta que o romantismo de 1968 não pode ser lido só por seus incêndios, fechamentos de universidades e paralisações, mas também pelos sonhos utópicos, pela liberdade e pela erupção de criatividade e subjetividade.

Lima *et al.* (2015) escrevem que o auge da contracultura se passa quando a guerra civil no Vietnã recebe interferências dos EUA e que tal intervenção repercute nos movimentos Beat, Romantismo de 68 e o Hippie, que atuam contra a intervenção Americana e o "*American way of life*"[8]. "A divisão de opinião pública nos EUA foi grande e gerou muitas críticas e protestos, tanto contra a intervenção militar, quanto aos valores da sociedade americana da época" (Lima *et al*, 2015, p. 5).

Pode-se caracterizar as duas vertentes a partir dos seus códigos de conduta: os conservadores marcados por seus modos de se vestir "social", alimentação industrial, carros do ano, moral atrelada ao conservadorismo cristão, (preservação familiar, conservação sexual, combate as drogas), consumo, valorização do industrial/urbano, vestimentas sem muitos detalhes e de poucas cores. Então, se o padrão era ter o carro do ano, televisão, chuveiro elétrico, comidas processadas (*fast food*), perfumes, cabelos hidratados, no caso de homens, curtos. Do outro lado, cabelos despenteados, uso de drogas, veganismo, liberdade sexual, valorização do rural, das artes, (em destaque a música), vestimentas com muitas cores e floridas.

O prestígio dos *beatniks* é absorvido pelo movimento hippie, que emerge e cresce após o ápice da geração (Tavares, 1985), tendo seu clímax no ano de 1969 com o ato de

[8] O *American Way of Life* foi um modelo de vida adotado e propagado pelo estado estadunidense como medida de superar as crises do pós-guerra baseando-se no nacionalismo, no liberalismo, trabalho e no consumo midiático.

*Woodstock*[9]*,* que passa a ser referência global de ação artística contra as guerras. À medida que foi impulsionada inicialmente contra a participação americana no conflito do Vietnã, é sucedida pelo não retorno de alguns participantes do festival para os grandes centros industriais, devido suas buscas transcendentais (característico do movimento) e o reforça da paz entre as nações. Há também uma aproximação com a ruralidade e o contato com as culturas dos povos originários nos rituais xamânicos como *Ayahuasca*, mescalina e *peyote*, além das drogas sintéticas descritas.

> As experiencias com as drogas foram um degrau na procura de outras formas de alcançar uma consciência maior, a "verdadeira. Na alimentação lançava-se mão da macrobiótica, vegetarianismo, crudivorismo e frugivorismo [...] do corpo passam a ser utilizadas as técnicas homeopáticas, de acupuntura, a cromoterapia, o Do-In, etc. Hatha-*Yoga*, Tai-Chi-Chuan, Aikido, Raja-*Yoga*, Gnana- *Yoga*, Karma *Yoga*, tudo passa a fazer parte do universo da contracultura (Tavares, 1985, p. 20).

A onda mística e intelectual das artes chega aos Beatles nas figuras de gurus Indianos, entre eles Sri Mahavatara Babaji, Paramahansa *Yoga*nanda, Sri Lahiri Mahasaya, Mahatma Gandhi e intelectuais como Freud, Jung e Karl Marx, na capa escolhida por George Harrison do álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967) oitavo álbum de estúdio dos Beatles. Harrison ainda introduziu os instrumentos sitar e tambura (instrumentos de cordas de origem Indiana) em sua única composição Within You Without You para o álbum acima citado.

Com a aproximação com o Hinduismo, na canção *my Sweet Lord* do seu terceiro álbum solo “all things must pass”, Harrison, (1970) traz à música em segunda voz o mantra à deidade Krishna, Hm, mi Señor (Hare krisna) Mi, mi, mi Señor (Hare krisna) Oh hm, mi dulce Señor (*Krisna, krisna*) Oh-uuh-uh (Hare hare), configurando a aproximação dos movimentos sociais/artísticos, culturais e ritos orientais. A deidade Krishna foi referenciada nas canções, pinturas e poemas ligadas ao movimento Hippie por conta da popularidade do *Bhagavad Gita*, o livro narra um cenário de guerra entre *Kuravas* e *Pandavas* e também faz parte da epopeia *Mahabharata*. Segundo a tradição Hindu o texto sagrado foi escrito por Krishna.

Tomado pelo espírito pacifista e pelos sonhos em superar as adversidades das guerras, John Lennon lança a canção “Imagine”, lançada em 1971 no álbum de mesmo

[9] Foi um festival de música e artes que ocorreu em uma fazendo de gados Max Yasgur na cidade de Bethel no estado de Nova York, nos dias 15,16,17 e 18 de agosto de 1969. O evento contou com a participação de Jim Hendrix (Gypsy Sun and Rainbown), Janis Joplin e The Who.

nome. Na letra, uma mensagem utópica de um eu lírico cosmopolita/alternativo que imagina um mundo sem fronteiras, sem guerras, sem divisões religiosas, sem todo o sistema de estratificação que fora potencializado no capitalismo e que provocou as guerras em escala global.

Outra cena de alcance mundial partindo do celeiro artístico/intelectual é o *reggae music*[10], que ganha notoriedade com Bob Marley. Após o reconhecimento da independência da Jamaica do Reino Unido no ano de 1962, o país entra em guerra civil e o país se divide em duas correntes ideológicas que defendem a autoridade nacional. Veloso (2021) nos mostra que uma ala seguia linhas mais pragmáticas e compreendia a conservação de instituições culturais e econômicas ligadas aos colonizadores, enquanto o partido do povo pensava reformas profundas nos males do racismo e, para isso, era preciso incluir as instituições e seus traços remanescentes.

Os líderes políticos Claudie Massop (Trabalhistas) e Aston Bucky Marshall (Partido do povo) se reuniram em torno de uma ideia que visava acabar com o conflito por meio de um festival de música e estabelecer o senso comum Veloso (2021). Os dois foram até Londres fazerem um convite a Bob Marley (que estava em exílio) para participar do ato. o cantor aceitou e fiz sua apresentação no Estádio Nacional de Kingston no dia 22 de abril de 1978. O evento levou o nome de uma canção de Bob Marley and Wailers "One Love[11]", acrescido posteriormente de peace concert. No mesmo ano, Bob Marley ganhou uma condecoração da ONU de "paz do terceiro mundo". Apesar do sucesso, a guerra não se extinguiu.

No Brasil da época, os conflitos internos também desencadearam movimentos artísticos/intelectuais como o tropicalismo[12], que data seu início no ano de 1968, tendo como símbolo a canção "Alegria, Alegria" do compositor Caetano Veloso que fora lançada no mesmo ano (Napolitano, 1998). Além da crítica ao sistema político (ditadura

[10] É um gênero musical que surgiu na Jamaica na década de 60 do século XX, caracterizado por adotar a filosofia Rastafari, por seu ritmo Skank e por compassos tônicos nas segundas e quartas batidas e por suas linhas de contrabaixo complexos e bem definidas.

[11] A música é a faixa dez do álbum "Exodus" (considerado pela revista time o melhor álbum do século XX) que também conta com o clássico "Natural Mystic". O nome refere-se ao segundo livro do pentateuco bíblico escrito por Moises e que narra a travessia do povo judeu do Egito até a terra prometida de Israel, na tradição Rastafari o título de Selassie é uma continuação messiânica da linhagem de Moises.

[12] Movimento cultural característico por suas manifestações artísticas, música, teatro, poesia e por dá continuidade ao ideário antropofágico e a construção da identidade brasileira na valorização de sua diversidade e ao mesmo tempo na tentativa de desconstrução das dependências coloniais.

militar), visto como complexo de vira-latas[13] da época e da tentativa da ruptura, tem-se a valorização das culturas populares em suas produções no Brasil.

"Sem lenço, sem documento/Nada no bolso ou nas mãos/Eu quero seguir vivendo, amor/Eu vou" Veloso (1968). A virtude da alegria expressa na canção está em romper com os atos da ordem vigente, no caso o sistema político regido pelos militares ou ditadura. Andar pelas ruas sem se preocupar em se identificar, sem a sensação de estar sendo perseguido por algum militar é sinônimo de alegria, de viver. No entanto, trata-se de um desejo a ser alcançado e é como "caminhar contra o vento" e "nadar contra a maré" que se converte no exilio dor cantor, de Gilberto Gil, Raul Seixas e outros.

Inspirados em Thelema[14], Raul Seixas e Paulo Coelho lançam um manifesto no álbum Gita de 1974 explicito nas faixas "*Loteria da Babilônia*" e "*Sociedade Alternativa*". Ambos anunciavam algo similar a "Abadia de Thelema" funda no ano de 1920 por Aleister Crowley em Cefalú, comuna da região de Sicília, província da Itália: "Faz o que tu queres pois é tudo da lei/ Da lei" [...] Viva! Viva! / Viva a sociedade alternativa! (viva! Viva!) / Viva! Viva! / Viva a sociedade alternativa! (Viva o novo eon) / Viva! Viva!

O manifesto segundo a filosofia de Thelema, faz parte de uma semente que só será germinada no final da era vigente, a "era de peixes". O "novo eon" ao qual se referem na canção retrata essa época, a era de aquário, e nela o direto de "comer, beber e viajar sem passaportes" será instaurado. O sonho profético remete à anarquia, de sociedades sem interferência estatal e da religião: "É um sapato em cada pé, é direito de ser ateu ou de ter fé" (Seixas, 1975).

O caráter de premonição nas canções e a falta de elementos que configurem uma tentativa de instalar no Brasil uma comunidade aos moldes da "Abadia de Thelema" nos leva a deduzir que ambos (Raul Seixas e Paulo Coelho) não tinham interesse em fundar qualquer comunidade, mas apenas anunciar. Podemos acrescentar outras experiencias

[13] conceito criado pelo dramaturgo e escritor brasileiro Nelson rodrigues para se referir a desvalorização das práticas culturais feitas pelos brasileiros e a hipervalorização da cultura exterior, europeia e Americana/EUA.

[14] Princípio filosófico/esotérico que rege as instancias do livro Liber Al Vel Legis (o livro da lei) de Aleister Crowley e Rose Edith Kelly divulgado no ano de (1904).

comunitárias alternativas (ashram[15], cumunidades macknovistas[16], comunidade de Bot[17], comunas da china popular[18], Colônia Cecilia[19], Canudos[20]) que serviram de amostras para as construídas no Brasil do século XX e posteriormente.

Com a crescente onda de comunidades alternativas espalhadas por todo o Brasil, foi criado um núcleo para organizar o movimento "disperso", a Associação Brasileira de Comunidades Alternativas – ABRASCA, que promove anualmente, desde a sua criação no ano de 1978, o festival ENCA (Tavares, 1985). Todo o encontro é gratuito e tem por objetivo catalogar as comunidades, auxiliar nas construções da fase inicial da comunidade, facilitar as trocas de sementes não transgênicas, divulgar o movimento, facilitar oficinas terapêuticas, trocas de tecnologias, práticas ecológicas com base na permacultura, artísticas e espirituais, e ocorre no período de lua cheia no mês de julho e cada edição acontece em um estado diferente.

> Com o desenvolvimento das comunidades e sua organização do movimento em entidade nacional. Essa expressão política do movimento alternativo desenvolveu um projeto de estabelecer pontos de concentração comunitária; são os chamados polos ecológicos. Com este projeto a ABRASCA procura definir áreas geográficas de convergência para o movimento alternativo e orientar as pessoas que procuram sair das cidades e se instalar no campo (Tavares, 1985, p. 71).

São compreendidos 7 polos concentrados nas regiões centro oeste, sudeste e nordeste do país, (Tavares, 1985). Os polos catalogados por Tavares até o ano de 1985 estão distribuídos na seguinte ordem: o primeiro fica no sul de Minas Gerais, onde estaria localizada a capital[21] do movimento Alternativo, em São Lourenço. A região do polo é constituída pelas localidades de Caxambu e São Lourenço, e áreas de Aiuruoca, liberdade,

---

[15] Comunidade criado por Mahatma Gandhi em 1915 que tinha como princípios a prática da não-violência, da simplicidade e da autossuficiência. Tais princípios ou valores eram defendidos para combater as dependências da coroa britânica.

[16] Rede de comunidades lideradas pelo anarquista Nestor Macknó, que surgiram na Ucrania no pós-guerra civil da Rússia 1917.

[17] Experiencia comunitária idealizada pelo movimento libertário durante a revolução espanhola 1936-1939.

[18] Comunidades agrícolas e industriais que surgiram em meados de 1958 na chamada revolução cultural proletária na China.

[19] Comuna fundada em 1890 no estado do Paraná, pelo Engenheiro agrônomo e escritor Giovani Rossi com princípios anarquistas.

[20] Comunidade socio-religiosa cristã fundada por Antônio Conselheiro no estado da Bahia 1896-1897 para combater as desigualdades latifundiárias e graves problemas crônicos promovidos pelas secas na região.

[21] Segundo os dados cadastrais de pessoa jurídica disponibilizados pela Serasa Experien a sede da ABRASCA está localizada na cidade de soledade-MG possui 36 anos, 5 meses e 26 dias e foi fundada em 22/10/1987, segundo o autor a ABRASCA teria sido criada em 1978, de forma informal e só 10 anos depois formalizou-se.

Itamonte e São Tome das Letras. Chegando até a região de Bocaina de Minas, incluindo as cidades de Visconde de Mauá e Mirantão, onde se localiza o Vale das Flores.

O Segundo polo no estado de Mato Grosso, as comunas alternativas se instalam próximo a serra do *Atman*, nomeadamente de *ashram Atmanpur* e comunidade comunicampo, Sítio Nova Era, Em Nova Xavantina existem a Comunidade Dharma Kaya e a Comunidade Alternativa Rural e Iniciática Roncador Futura 5.

> O terceiro polo fica no estado de Goiás. Que tem por destaque os projetos de estação; Rumo ao Sol, Estação Porto Estrela; Porto Luzia, Porto Maestro, Estação Porto Aliança [...] O quarto polo fica nos municípios de Mucugê e Piatã, ambos no estado da Bahia e que recebem as comunidades Terra Mater e Fazenda Meditação [...] O quinto polo que inicia no município de Casimiro de abreu no estado do rio de Janeiro, e tem por destaque a comunidade Taba Pindorama, Santa Maria Madalena Comunidade Sana e a cidade de Nova Friburgo Recebe a Comunidade Sítio Pedra Aguda [...] O sexto polo fica no Distrito Federal que inclui os municípios de Pirenópolis, Olho D'agua e Guariroba. Ai estão instaladas a Comunidade Formosa, comunidade Sartori, comunidade Vaga do Fogo, e Comunidade Olho D'agua [...] o sétimo polo também fica no estado do Mato Grosso, os centros principais ficam nas cidades de Barra das Garças e Xavantina. "Nesta região estão instaladas várias comunidades esotéricas, como o terceiro templo da Sociedade Brasileira de Eubiose, o Monastério Teúrgico do Hierofante do Roncador e o Projeto Rama (Tavares, 1985, p. 79).

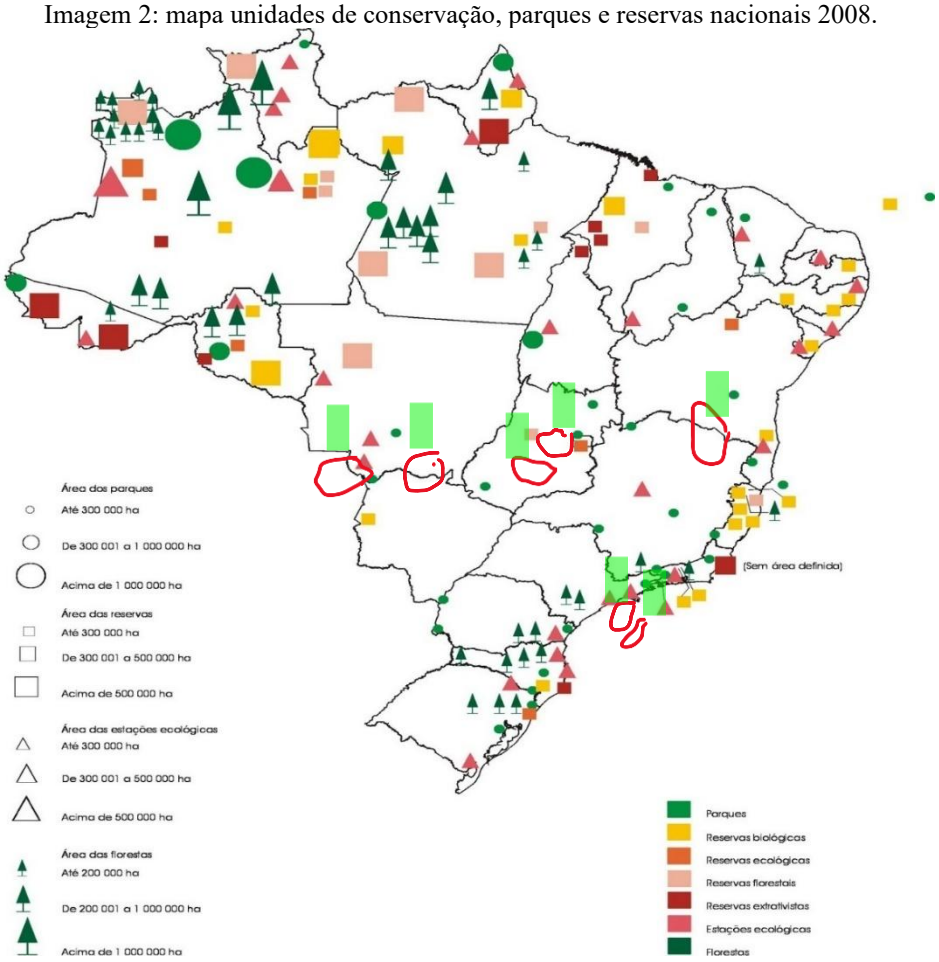
Os polos ocupam ou estão próximos ao centro do país e nas proximidades das áreas instituídas como Parques Nacionais. O primeiro parque de conservação reconhecido pelo Estado brasileiro foi o do Itatiaia, que fica entre os Estados de Minas Gerais e o Rio de Janeiro. Ele foi declarado através do decreto Nº 1.713, assinado por Getúlio Vargas emitido em 14 de junho de 1937, seguido dos parques de Iguaçu, no Paraná, decreto federal nº 1035 de 10 de janeiro de 1939, e o da Serra dos Órgãos, decreto-lei nº 1.822 de 30 de novembro de 1939, que ficam nos municípios de Teresópolis, Magé e Petrópolis no Estado do Rio de Janeiro.

Só 21 anos depois, no ano de 1960, foram criados mais parques nacionais, sendo estes: o Parque Nacional de Brasília, decreto nº 241 de 29 de novembro de 1961; parque nacional das Emas, decreto nº 49.874, de 11 de janeiro de 1961; Parque Nacional do Tocantins, decreto 49.875 de 11 de janeiro de 1961, alterado pelo decreto nº 70.492 de 11 de maio de 1972, passando a ser chamado de Parque Nacional da chapada dos Veadeiros. Vale destacar que ambos vieram da decorrência da construção de Brasília e das medidas proteção do bioma cerrado.

Na década de 70, as políticas de preservação chegam ao bioma da Amazônia. A medida foi impulsionada pelas crescentes onda de garimpos ilegais e teve sua primeira

unidade de conservação criado no ano de 1974, pelo decreto nº 73.683 de fevereiro, que cria o Parque Nacional da Amazônia. No início do século XXI, o estado brasileiro criou, através da Lei Nº 9.985 de 18 de julho de 2000, o SNUC (sistema nacional de unidades de conservação da natureza), que é administrado pelo ICMBIO (Instituto Chico Mendes de conservação à biodiversidade), criado pela lei n.º 11.516, de 28 de agosto de 2007.

Imagem 2: mapa unidades de conservação, parques e reservas nacionais 2008.




Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, coordenação de recursos naturais e Estudos Ambientais, cadastro de unidades de conservação e Terras Indígenas e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis – IBAMA.

Os círculos vermelhos em volta dos pontos referentes às áreas dos parques nacionais no mapa, assim como os retângulos verdes acima de cada ponto, referem-se à localização dos sete núcleos do movimento alternativo. O polo que fica em São

Lourenço–MG/RJ, está próximo do Parque Nacional de Itatiaia; o segundo, na serra do Atman, próximo ao Parque Nacional da Chapada dos Guimarães (MT); o terceiro, nas estações de observação planetária, próximo ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros-GO.

O Quarto, em Mucugê e Piatã, às margens do Parque Nacional da Chapada Diamantina (BA); o quinto em Casimiro de Abreu adjacente ao Parque Nacional da Serra dos Órgãos (RJ); o sexto em Pirenópolis está vizinho ao Parque Nacional de Brasília (DF); o sétimo na Serra do Roncador também nas proximidades do Parque Nacional da Chapada dos Guimarães (MT).

Até o final do século XX, o estado brasileiro contava com mais de 30 parques nacionais, e o número cresceu de forma estratosférica nos anos seguintes, chegando a mais de 300, como afirma o presidente do ICMBIO, Mauro Pires, em entrevista concedida ao programa de rádio "A voz do Brasil" no mês de agosto de 2023. O instituto tem por norma "Garantir a preservação da biodiversidade nas 335 unidades de conservação federais espalhadas por todo o Brasil".

A realidade é que o movimento alternativo se apresenta de forma organizada e não se trata, de forma exclusiva, pela busca transcendental em áreas místicas. Ainda que não configuradas em locais específicos[22], as suas construções comunitárias estão expostas em composições específicas, partindo de uma migração do urbano para o rural, contanto que o rural contenha uma defesa ambiental instalada, rios, cachoeiras, biomas e ecossistema equilibrado.

## 2.3 Sobre o Ecoturismo: Breve Histórico Sociopolítico no Brasil e Mundo.

O presente levantamento empírico e conceitual compreende algumas influências internacionais que circundam o "Território Macuxi" e suas práticas, em específico nos direcionamentos ambientais e de ecoturismo. O estudo passa pelas facetas de evolução jurídica do movimento alternativo, com o objetivo de relacionar os conceitos e o histórico com a Trajetória de Julíndio Macuxi para se chegar na compreensão das práticas no local pesquisado.

[22] Desenvolvimento local a partir de um tronco étnico, exemplo, Xavantes, Tabajaras, Ianomâmis, Macuxi e Munduruku. As histórias das etnias estão atreladas ao local, ao Território em que nasceram, já os alternativos não seguem esse princípio, trata-se de um movimento migratório.

Os movimentos sociais e a comunidade científica que deram início ou que cruzaram as fronteiras de seus respectivos países também datam sua imersão da segunda metade do século XX. Publicado no ano de 1962, o livro de Rachel Carson "Primavera silenciosa" ganha destaque mundial nos anos seguintes, principalmente no meio ambientalista. Segundo Saccomani *et al* (2018) o texto situa-se no auge da produção dos agrotóxicos organoclorados ou poluentes persistentes nos EUA e como ato de denúncia aos problemas causados por estes aos ciclos naturais. Ele indica que o mundo industrial com auxílio dos avanços científicos progride para a produção em larga escala e no ganho de tempo na produção de subsistências. Os chamados ciclos naturais são interrompidos, suas sementes são modificadas, os rios perdem seus cursos, o tempo do crescimento das árvores já não são mais os mesmos, os insetos não tinham predadores criados por humanos, surgem novas doenças e que ganha destaque na fábula de Carson (1969) como alerta para os dias que virão, um dia a natureza foi harmônica com o ambiente circunstante

> Assim as coisas tinham sido, desde os dias – ocorridos há muitos anos – quando os primeiros colonizadores ergueram suas primeiras casas, perfuraram seus poços e construíram seus celeiros. Depois, uma doença estranha das plantas se espalhou pela área toda, e tudo começou a mudar. Algum mau-olhado fora atirado aquela comunidade: enfermidades misteriosas varreram os bandos de galinhas; as vacas e os carneiros adoeciam e morriam. Por toda parte se via uma sombra de morte. Os lavradores passaram a falar de muita doença em pessoas de suas famílias. Na cidade, os médicos se tinham sentido cada vez mais intrigados por novas espécies de doenças que apareciam nos seus pacientes. Registraram-se várias mortes súbitas e inexplicáveis, não somente entre os adultos, mas também entre as crianças; adultos e crianças sentiam males repentinos, enquanto caminhavam e brincavam, e morriam ao cabo de poucas horas (Carson, 1969, p. 12).

O conto fabulado remete a um tempo distante ao presente do texto, um saudosismo da "vida em sintonia" assustada pelas mudanças da contemporaneidade e do teor mítico atrelado a narrativa. "mau-olhado", "enfermidades misteriosas" percorrem o imaginário comunitário que via nas manifestações da natureza deidades e agora veem monstros indecifráveis, mas o pensamento científico moderno sabe das causas e efeitos contidos no cerne da parábola.

> Nesse contexto alarmista ocorreu a divulgação do relatório do Clube de Roma[23] Apocalíptico, e também polêmico, ele apontava e chamava a atenção

[23] O clube de Roma foi fundado na Itália no ano de 1968, "os membros desse Clube estão ligados a grandes indústrias, a órgãos de consultoria (Italconsult), institutos de pesquisa (MIT-Massachusetts Institute of Technology), universidades etc. Na época, o Clube de Roma tinha por objetivo uma "tarefa bastante

> para a característica global dos problemas ambientais e o ritmo exponencial de sua evolução caso medidas urgentes não fossem tomadas. Alguns problemas eram cruciais como a ameaça do esgotamento dos recursos naturais, os efeitos da poluição ambiental, o crescimento populacional e o aumento da produção e do consumo. Era preciso impor, portanto, limites tanto para o crescimento e desenvolvimento econômico, como para o crescimento da população, já que os recursos naturais do meio ambiente passaram a ser vistos na sua crescente e ameaçadora finitude. A partir de então, a questão ecológica se impôs na agenda dos governantes dos países desenvolvidos dando início às grandes conferências e eventos internacionais para discutir os grandes problemas ambientais e a elaboração de propostas e estratégias de ação (Ramos, 2001, p. 203).

As denúncias repercutem em várias camadas da sociedade e grupos sociais se mobilizam em torno do terceiro setor com o intuito de debater, alertar e combater os problemas diagnosticados. Em acordo com o site Greenpeace Brasil[24], em 1971 um grupo de 12 pessoas das mais diversas formações (ecologistas, hippies, jornalistas) se deslocaram para a ilha de Amchitka no Alasca, em um barco de pesca alugado, para contestar sobre as testagens de bombas nucleares dos EUA e dessa ação surge o Greenpeace.

A ONG conta com 26 organismos interdependentes ligados à sua esfera internacional com sede em Amsterdã, na Holanda, e registra atuações em 55 nações, com a contribuição de 2.500 funcionários e mais de 15 mil voluntários (Guitarrara, 2024). Ainda que com fins distintos, o *Greeenpeace* ao longo de seus mais de 50 anos obteve proporções de uma multinacional, compreendendo-se como uma organização global que influencia na territorialidade local ou o local que influencia no global.

No meio acadêmico, os registros de maior repercussão em universidades têm seu início no ano de 1972 com o curso de "História Ambiental" na Universidade da California e fora lesionada pelo docente e historiador Roderick Nash e a *American Society for Environmental History*[25] foi inaugurada no ano de 1977, sendo o primeiro grupo de estudos sobre ambientalismo no universo acadêmico (Pádua, 2010). O debate ambiental

---

ambiciosa": elaborar um Projeto sobre o Dilema da Humanidade, o qual foi elaborado a partir de 1970 e publicado em 1972 com o título: The Limits to Growth, sob a responsabilidade de uma equipe de pesquisadores do MIT: Donella H. Meadows, Dennis L.Meadows, Jorgen Randers e William W. Behrens III. A tradução brasileira é de Inês M. F.Litta, publicada pela Editora Perspectiva, São Paulo em 1973 (Ramos, 2001, p. 203)

[24] O Greenpeace é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada no Canadá e constitui-se com o objetivo de proteger os ecossistemas, prevenção de poluição e da escassez de água, promover o fim das ameaças nucleares, promoção da paz por meio do desarmamento e da não violência. saiba mais em: Greenpeace Brasil.

[25] Segundo o diretor da ASEH Nancy Jacobs Os objetivos da organização são expandir a compreensão da história da interação humana com o mundo natural, promover o diálogo com múltiplas disciplinas e o público e apoiar a história ambiental global que beneficie o público e a comunidade acadêmica. Portanto, a associação é de caráter internacional e interdisciplinar, passando por todas as idades, sexo, gênero e classes. Tradução livre, disponível em: American Society for Environmental History - ASEH.

em suas mais diversas dimensões sociais traduz-se em histórias de mudanças epistêmicas e conceituais sobre o ecoturismo.

O crescente debate sobre o ambientalismo/ecoturismo perpassa as esferas dos movimentos sociais e dos centros acadêmicos e no mês de junho do ano de 1972 a discussão chega a várias nações na "conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano" em Estocolmo. A declaração está composta em 7 eixos autoproclamados e 19 princípios de convicção comum que entende o humano como construtor e obra do meio no qual está inserido,

> Em larga e tortuosa evolução da raça humana neste planeta chegou-se a uma etapa em que, graças à rápida aceleração da ciência e da tecnologia, o homem adquiriu o poder de transformar, de inúmeras maneiras e em uma escala sem precedentes, tudo que o cerca [...] A proteção e o melhoramento do meio ambiente humano é uma questão fundamental que afeta o bem-estar dos povos e o desenvolvimento econômico do mundo inteiro, um desejo urgente dos povos de todo o mundo e um dever de todos os governos [...] O homem deve fazer constante avaliação de sua experiência e continuar descobrindo, inventando, criando e progredindo [...] Os recursos naturais da terra incluídos o ar, a água, a terra, a flora e a fauna e especialmente amostras representativas dos ecossistemas naturais devem ser preservados em benefício das gerações presentes e futuras, mediante uma cuidadosa planificação ou ordenamento (Declaração de Estocolmo, 1972).

A conferência contou com a participação de lideranças de 113 países e com o número que ultrapassou 400 instituições entre governamentais e não-governamentais (Ministério do Turismo, 2010). O impacto da reunião ocorre em uma levada de reações legislativas por meio de decretos e leis nas nações e, na criação de ministérios, secretarias e agencias integradas e das OSCs[26], este último, obtendo um crescimento de criação a partir da década de 70, ultrapassando a média de 5 mil na década, de 15 mil nos anos 80, de 20 na década 90 e 30 nos anos 2000 (Mello *et al*, 2023), o estudo foi realizado em conjunto com o IPEA[27] e teve como marco temporal as ONGS criadas entre 1901-2020.

É claro que a adesão da população brasileira aos sistemas não-governamentais não sucede apenas da Conferência de Estocolmo, mas de uma continuação política que reverbera em várias esferas do cenário mundial e do Brasil e que vai se especificando em cada eixo temático da declaração. Entre elas, a criação da agência especializada da ONU a Organização Mundial do Turismo – OMT no ano de 1974.

---

[26] São Organizações da Sociedade Civil sem fins lucrativos voltadas para o desenvolvimento social, econômico, defesa dos direitos humanos e conservação do meio ambiente.
[27] Instituto de pesquisa econômica aplicada.

No artigo terceiro presente no estatuto da organização, afirma-se que o principal objetivo está na promoção e desenvolvimento do turismo de forma a expandir a economia dos estados-nação, assim como "a paz, a prosperidade, bem como para o respeito universal e a observância dos direitos e liberdades humanas fundamentais, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião" (OMT, 1976), comprometendo-se ao turismo sustentável sob orientação de sua instância superior, eis os primeiros resquícios institucionais sobre o ecoturismo:

> No Brasil, os primeiros estudos sobre Ecoturismo remetem à década de 1980. Em 1985 a EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo) deu início ao "Projeto Turismo Ecológico", criando dois anos depois a Comissão Técnica Nacional constituída conjuntamente com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), primeira iniciativa direcionada a ordenar o segmento[...]Ainda na mesma década, foram autorizados os primeiros cursos de guia de turismo especializados (Ministério do Turismo, 2010, p. 14).

Os acordos internacionais seguiram adiante e em 1992 fora realizada durante os dias 3 a 14 de junho no Rio de Janeiro a "Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento" (CNUMAD)[28]. Ainda que intitulados com o tema do meio ambiente as conferências e suas sucessivas declarações e cartas levam um regimento com um pacote amplo de questões a serem desenvolvidas. A visão integrativa entende que uma parte não pode progredir sem o todo, que não há equilíbrio ecológico havendo pobreza e guerra no mundo.

Resultante da RIO 92 a "Carta da Terra"[29] que fora organizada pela Earth Charter Commission[30] e convidada a fazer parte da conferência do mesmo ano, está estruturada em quatro princípios: "Respeito e cuidado da comunidade de vida", "Integridade Ecológica", "Justiça social e Econômica", "Democracia, não-Violência e Paz" e estão subdivididas em quatro tópicos cada, somando-se em 16.

Também decorreu do evento um documento denominado de "Agenda 2035" em que se estabelece metas e objetivos distribuídos em quatro seções: Dimensões Sociais e Econômicas, Conservação e Gestão dos Recursos para o desenvolvimento, Fortalecimento do Papel dos Grupos Principais e Meios de implementação. A agenda está

---

[28] Também conhecida por ECO 92, Cúpula da Terra, Cimeiro do Verão, Rio 92 e conferência do rio de Janeiro.

[29] Para ler na integra acesse: A CARTA DA TERRA (earthcharter.org).

[30] A comissão contou com mais de 5 mil membros que levaram quase uma década até sua conclusão, entre eles estavam Maurice Strong e Mikhail Gorbachev idealizadores da carta em 1987 e membros do clube de Roma.

direcionada para o desenvolvimento sustentável de todos os países no século XXI, sendo ratificada por 178 nações, passando por alterações na conferência de Joanesburgo31, 2002, e da mesma forma no Rio+2032, 2012, ambas conferências complementares da Cúpula da Terra.

A medida imediata tomada pelo estado brasileiro foi a criação do Ministério do Meio Ambiente (MMA) pela lei nº 8.490 de 11 de novembro de 1992. As perspectivas climáticas decorrentes dos modos de vida do humano moderno repercutem na esfera global, nos Estados-Nação e nos locais específicos, o terceiro setor pode se manifestar nas respectivas camadas, nos acordos entre as nações, nos acordos dos estados do país e entre municípios e estados como protagonista de leis.

O Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas (PNUMA) em parceria com a OMT, organizaram no ano de 2002 a "Cúpula Mundial do Ecoturismo" com a intenção de torná-lo o ano internacional do ecoturismo. O evento contou com a participação de 132 países representados por 1.169 pessoas para ampliar o debate e tratar da relevância do ecoturismo no combate ao turismo degradável.

No ano de 2008 o governo brasileiro juntamente com o Ministério do Turismo lançou um livreto com o título "Ecoturismo: Orientações básicas" onde apresenta um guia conceitual com metas e objetivos políticos para cumprir as agendas aceitas em fóruns mundiais. O ecoturismo, além de um vetor de impulsionamento para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) é também visto pelo governo brasileiro como difusor da diversidade brasileira devido a sua ampla correspondência turística que atravessa os chamados turismo de aventura, turismo rural e o cultural.

O livreto brasileiro indica que após os debates nos meios sociais, científicos e políticos, houve uma valorização econômica para os governos e para as instituições não governamentais que resulta no aprimoramento sustentável e na inclusão social. Nele se afirma que "é fundamentado nessa premissa que se compreende o ecoturismo como uma atividade que se materializa pela interação e experiencia do visitante com o ambiente de forma sustentável" (Ministério do Turismo, 2010, p. 13).

Tem-se as normas de preservação da natureza somadas com as comunidades locais, entendendo que o desenvolvimento de ambos é sinônimo de sustentabilidade. Assim sendo, promoveria o equilíbrio do "patrimônio natural e cultural, incentiva sua

---

[31] Documento disponível em: Declaracao Joanesburgo (cetesb.sp.gov.br).

[32] Texto disponível em: CNUDS, Rio+20. Declaração Final da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, Rio de Janeiro, Brasil 20 a 22 de junho de 2012.

conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações" (Ministério do Turismo, 2010).

De acordo com a conjunta pesquisa realizada entre o Boletim do Turismo Doméstico Brasileiro e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2021 sobre o ecoturismo no Brasil, uma a cada quatro viagens realizados por brasileiros dentro do território nacional teve por objetivo o ecoturismo (Ministério do Turismo, 2023). No mesmo tempo, dos aproximadamente 19 milhões de gringos turistas que vieram ao país, 18,6% obtiveram o ecoturismo como motivo de viagem, tendo um aumento de 5% em relação ao ano anterior.

> O crescimento do segmento também foi evidenciado no aumento das visitações nas 145 unidades de conservação federais, administradas pelo ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). Em 2021, foram contabilizadas 16,7 milhões de visitas. O número é o maior registrado em pelo menos cinco anos, superando o cenário pré-pandemia de Covid-19 – em 2017, quando foram registradas 10,7 milhões de visitantes (Ministério do Turismo, 2023).

Os levantamentos indicam que o crescimento no setor está diretamente ligado às unidades de conservação ambientais, assim como estas repercutiram em leis e decretos como reação as diretrizes e políticas da diversidade pelo conselho das Nações Unidas como vimos nos tópicos anteriores ou no decreto nº 9.763, de 11 de abril de 2019 que regulamenta o inciso XI do caput do artigo quinto da lei nº 11.771 de setembro de 2008 que prescreve "com vistas a desenvolver, a ordenar e a promover os segmentos turísticos relacionados com o Patrimônio Mundial Cultural e Natural do Brasil - Patrimônio Mundial, no âmbito da Política Nacional de Turismo".

No infográfico lançado pela Embratur em março de 2024, está apontado como demanda do turista dos novos tempos a "busca por novas experiencias, explorar lugares únicos e intocáveis, conexão com a natureza e aprender e vivenciar a cultura local" e isso se confirma com os 7 selos de patrimônio mundial natural[33] reconhecido pela UNESCO. Como vimos em Mira (2017), Nicolau (2017) e Ortiz *et al* (2024) os slogans de propaganda da Embratur fazem parte da reação do território brasileiro as políticas

[33] Complexo de Áreas Protegidas do Pantanal (MT/MS) Parque Nacional do Iguaçu (PR) Costa do Descobrimento: Reservas da Mata Atlântica (BA/ES) Reservas do Cerrado: Parques Nacionais da Chapada dos Veadeiros e das Emas (GO) Patrimônio Misto Paraty e Ilha Grande (RJ): Cultura e Biodiversidade Patrimônios Naturais da Humanidade UNESCO.

mundiais, como marcadores de diferença, que permite explorar o único e o intocável: “tem atlântico e vista para o mar, o jardim é a Amazonia e o dólar deles paga o nosso mingau” (Seixas, 1980).

A legislação brasileira não possui uma lei categórica sobre o ecoturismo, no entanto, podemos apontar, com base nos conceitos discutidos ao longo deste tópico e do livreto lançado pelo ministério do Turismo, que o artigo. 5º da lei nº 11.771 em seus objetivos no inciso VIII descreve as prerrogativas ao conceituar o turismo sustentável [...] “promovendo a atividade como veículo de educação e interpretação ambiental e incentivando a adoção de condutas e práticas de mínimo impacto compatíveis com a conservação do meio ambiente natural”.

Pensando na junção prática das teorias acadêmicas com as políticas voltadas para o desenvolvimento local, assim como tentar ajustar os problemas que desconfiguram as noções do turismo ecológico, a mencionar o choque com as culturas locais, nasce o “Encontro de Saberes da Caatinga”. Segundo Marília (2022) a reunião acontece desde 2017 e é articulado pela rede de agricultores da Chapada do Araripe, voluntários e caminhantes em busca de saberes da Caatinga e conta com o auxílio do ICMBIO-PE, da Fundação Osvaldo Cruz (FIOCRUZ-PE), do Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições não Governamentais Alternativas (CAATINGA ONG) e da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A especificidade educacional no encontro perpassa a centralidade ambiental genérica e adentra nos saberes cultivados na serra do Araripe[34], e segue adiante para o bioma da Caatinga[35] (Azevedo, 2022). O encontro está organizado em oficinas e apresentações culturais espalhadas por várias comunidades dos estados sedes e tem como protagonismo de palestras, cursos e apresentações musicais, benzedeiras, parteiras, raizeiros e agentes culturais populares, o período do evento varia de 3 a 7 dias a depender da edição, as partilhas de saberes ocorrem através da migração dos visitantes entre as comunidades, o trajeto é feito caminhando tendo início em Exu-PE com destino à São Raimundo Nonato-Pi.

[34] A palavra Araripe vem do Tupi Ararype, que significa “no rio das araras” está localizada nos estados do Piauí, Ceará e Pernambuco e hospeda, uma floresta nacional, um sítio arqueológico e um geoparque.
[35] Do tupi Kaatinga que quer dizer mata branca (kaa, sendo mata e ting branco). O único bioma exclusivamente brasileiro e está presente em todos os estados do nordeste.

### 2.3.1 Compreensão Conceitual de Ecoturismo

As ressonâncias conceituais do ecoturismo circulam em um espaço comum nas universidades, seja na ecologia, na história, na engenharia ambiental ou na sociologia. Os significados vêm sendo cada vez mais usuais sobre essa alternativa de turismo. O sucesso do tema na academia, para Pires (1998), expressa uma simultaneidade não bem definida no segmento de viagens posicionada entre o meio ambiente e o turismo, "compreendendo especialmente ambientes naturais pouco alterados juntamente com as culturas autóctones presentes em seu entorno".

> As comunidades anfitriãs ao aceitar e conceber o ecoturismo irão enfatizar o seu próprio envolvimento nas distintas etapas de desenvolvimento do mesmo desde o planejamento até a operação, e a capacidade de geração de benefícios locais por parte dessa atividade. Seu conceito de ecoturismo, estará tomado de uma nova dimensão de (re)valorização dos recursos naturais e culturais do seu meio como fonte de sua própria sobrevivência e, quem sabe, de seu progresso material (Pires, 1998, p. 78).

Os estudos empíricos, que são frutos dos contatos com as diversas culturas contribuem para a amplitude do debate. A leitura científica se soma às políticas do estado, as leis locais e suas cosmovisões. Aquilo que, em uma dada cultura, é visto como desobediência a uma divindade, como o desmatamento, na ciência moderna, isso pode causar aquecimento na atmosfera, nas geleiras e reduzir a produção de gás carbônico.

Queremos chamar a atenção para essa lógica conceitual é para os riscos de interpretação a que elas podem conduzir, pois o que se chama de reavivamento passa por um descarte do conhecimento oral, o que se entende como morto são registros textuais ou sua ausência. Os limites epistemológicos e metodológicos podem levar a um sepultamento de algo vivo e nisso desencadear o colonialismo intelectual e negar a ameaça que os avanços comerciais condicionam às comunidades locais.

Compreendida por Ceballos (1987) com "a realização de uma viagem a áreas naturais que se encontra relativamente sem distúrbios ou contaminação, com o objetivo específico de estudar, admirar e desfrutar a paisagem juntamente com suas plantas e animais silvestres", o autor também inclui as manifestações culturais na sua interpretação sobre o ecoturismo. O relativamente equilibrado pode passar por conturbações nas abordagens cientificas, filosóficas e estéticas. Ainda que a intenção do cientista seja levar o conhecimento para as universidades como modelo a ser pensado e aplicado, ele passa por

modificações epistêmicas para se adaptar, do mesmo modo nas convenções em políticas estatais ou nas trades[36] empresariais.

> O turismo desenvolvido junto aos parques e reservas do mundo inteiro é frequentemente chamado de "ecoturismo". Esta palavra descreve tanto a motivação dos turistas em visitar ecossistemas naturais, como as expectativas de benefícios para a conservação gerados a partir desta atividade [...] Ecoturismo pode ser definido como o turismo na natureza que contribui para a conservação através da geração de fundos para as áreas protegidas, criando oportunidades de trabalho para as comunidades locais e oferecendo educação ambiental. Ao promover estes objetivos, os impactos negativos da degradação ambiental, instabilidade econômica e os impactos socioculturais podem ser minimizadas (Healy, 1994, apud Pires, 1998, p. 82).

Portanto, a centralidade do debate no meio científico, nas esferas públicas e nos movimentos sociais giram em torno da participação do visitante, em como devem agir e que contribuições devem gerar para o desenvolvimento local. O que não podemos deixar de destacar são as ambiguidades entre o intocado e o desenvolvimento, que pode gerar modificações decorrentes das trocas que os encontros proporcionam. Os chamados crescimentos econômicos e oportunidades de trabalho não modificará o meio ambiente e a rotina de vida dos residentes e nativos ao ponto de deixá-los "puros" ou intocados.

Conforme a identificação do padrão conceitual, podemos associar algumas palavras-chave indissociáveis, como conservação e local no seu sentido mais amplo, que nos remetem à integração da natureza com a comunidade, não como coisas distintas como muitas vezes interpretadas nos estudos sociais. Uma crescente teórica tenta relacionar natureza, cultura e sociedade como indissociáveis e complementares, remetendo-se à circulação de saberes orais e livros com métodos "não científicos" como referências.

A congruência dos fatores está na variável paisagística: o ambiente natural e os processos antrópicos condizem com o ecoturismo (Crosby, 1993). O autor ainda aponta que, na integração entre o visitante e a população nativa e o seu respectivo ambiente, o segundo participa como prestador de serviços do primeiro, o que vai de encontro a outros conceitos já apresentados, uma espécie de violação do princípio que rege a participação contributiva com a comunidade, não só como valor econômico, mas com serviços voluntários[37].

Podemos acompanhar definições mais sintéticas como as de Barros II (1992), que traduz o ecoturismo como toda prática turística que estimula a preservação da natureza e das

[36] Traduz-se em troca comercial, no contexto, refiro-me à rede de empresários que investem no ecoturismo, a citar: operadores, agências, promotores, empresas de viagens, hotelaria, guias, etc.
[37] Coleta de lixos em rotas de turismo (trilhas), produção de conteúdo midiático, construção de hortas, banheiros e tecnologias sustentáveis.

culturas de comunidades locais. O estudo prevê um equilíbrio local marcado por suas fronteiras; a valorização aparenta ter limites que não podem ultrapassar as dimensões do lugar visitado. As organizações turísticas externas, seja governo, organizações não governamentais, empresas de turismo, podem alcançar a mundialização ou o globo. Entretanto, a comunidade não pode ter essa pretensão, pois invalidaria sua definição local e corromperia a legislação estatal.

O segmento ainda pode ser concebido pela sua amplitude de turismo participativo, contendo a realização de planejamentos e práticas rústicas relacionadas ao meio ambiente, como a observação de animais e suas companhias socioeducativas para evitar as caças ilegais[38], os acampamentos e as caminhadas em trilhas (Mourão, 1995). Podemos sublinhar os contrastes com as culturais locais em que a caça é uma prática do cotidiano aos programas socioeducativos que acabam gerando conflitos entre moradores e defesa ambiental. O hábito comunitário passa por um controle de ações externas que proíbe a preservação da prática em nome da conservação da cultura local.

Adicionam-se os casos em que a comunidade é obrigada a se retirar do seu local em nome da preservação e da pesquisa, como o exemplo da comunidade Zabelê, no estado Piauí, que teve que sair do seu local por conta da criação do Parque Nacional da Serra da Capivara, instituído pelo decreto nº 83.548 de 05 de junho de 1979 (Oliveira *et al*, 2015). O PNSC[39] foi reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO em 1991 e é um patrimônio tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1993.

O caso ilustra a clássica luta territorial e as suas respectivas controvérsias que repercutem ao longo do tempo nas suas mais diversas camadas: na prática, no direito, no saber etc. Ainda que o IPHAN siga os modelos da Carta de Burra[40], que por sua vez acompanha o debate da etnoconservação[41], não conseguiram conservar o cenário paisagístico

---

[38] A proibição da caça nas comunidades é feita em nome da conservação de espécies ameaçadas de extinção. O exemplo de caça comunitária citado não trata de caça esportiva, mas em que o fim é a alimentação.

[39] É um local de conservação arqueológica que ganhou repercussão mundial devido os estudos de Niède Guidon e da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM). A instituição tem Niède como presidente emérita e realiza pesquisas nas áreas de paleontologia, arqueologia, antropologia, paleoecologia (Maior, 2015) e vestígios de humanos que nos remetem a 10.000 A.C como nos explica (Lourdeau, 2019, p. 383) "até o momento, vestígios de ocupações entre 12.700 e 8.000 AP foram encontrados em 24 sítios arqueológicos".

[40] A carta foi construída em 1979 em Burra na Australia e aprovada em 1980 pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS).

[41] Etnoconservação é meio de conservação/preservação que se utiliza do conhecimento das comunidades tradicionais para realização de manejo tradicional ou etnomanejo, considerando a preservação importante não somente através de critérios biológicos, mas também dos critérios decorrentes das paisagens criadas pelas comunidades tradicionais (DIEGUES, 2008).

local da comunidade piauiense, Oliveira *et al* (2015, p. 110) relatam que "a comunidade Zabelê[42] que, atualmente, se situa em São Raimundo Nonato, foi a mais impactada com a criação do Parque, pois localizava-se na área central".

As narrativas conceituais e políticas implicam de forma direta o âmbito territorial, provocando mudanças não aceitas por parte das populações locais. Os programas educacionais associados ao ecoturismo transbordam o limiar do visitante, adentrando o espaço do habitante, seja na presença de painéis e placas publicitários ou na proibição por meio de prisão e multas. Mowforth (1993) diz que a presença da educação ambiental é um vetor fundamental de diferenciação entre ecoturismo e o turismo convencional.

O dado educacional é importante para a análise do local da pesquisa, mediante aquilo que é explícito no "Território Macuxi". Desde a entrada no espaço, as placas de caráter educacional acompanham o visitante por todo o local, complementando-se nas introduções feitas por Julíndio Macuxi antes das rotas de ecoturismo. De acordo com Pires (1998, p. 87), para "conseguir o selo de eco, o turismo passa por alguns critérios observacionais, sendo eles: "a sustentabilidade ambiental, social, cultural e econômica: o aspecto educativo; a participação da comunidade local".

Sem esse conjunto presente na atividade turística, para Pires (1998), estaríamos falando de um turismo de natureza ou voltado para a natureza, ou simplesmente na natureza. Se retirarmos o aspecto educacional, cultural ou social da rota turística já não se configura como ecoturismo. Com essa leitura, o autor visa contribuir para romper com as assimetrias que a relação visitante e habitante pode resultar. O ecoturismo, em sua completude, vai além de trocas puramente comerciais, remete a manejo e manutenção por parte dos moradores e dos ecoturistas.

> as operações turísticas que além de voltar-se para os atrativos naturais e valores culturais dos destinos enquanto atrativos, estão também comprometidas com os aspectos de conservação, manejo e sustentabilidade das áreas naturais, incluem a participação ativa das comunidades locais e difundem a consciência ecológica através do advento da educação ambiental, estas então se habilitam ao status de ecoturismo (Pires, 1998, p. 88).

Toda a discussão em torno do ecoturismo é crucial para essa pesquisa, pois grande parte do material observado em campo está diretamente relacionada com esta prática, definida e constantemente revisada pela literatura acadêmica. Da mesma forma, ela acompanha a trajetória de Júlio Macuxi. Todos esses detalhes serão aprofundados no capítulo a seguir.

---

[42] Municípios limítrofes com o PNSC: Coronel José Dias, João Costa, Brejo do Piauí e São Raimundo Nonato.

# CAP ÍTULO 3 Trajetória e práticas no “Território Macuxi”

A centralidade empírica deste capítulo traduz o nosso ponto de partida analítico em relação as ferramentas teórico-metodológicas, ou seja, as formas de analisar, de colher informações, quais ferramentas foram utilizadas e os motivos de escolha passaram por esse crivo empírico em que estão contextualizadas as práticas do “Território Macuxi”.

## 3.1 Trajetória de Julíndio Macuxi

A fim de compreender com maior profundidade as etapas de constituição do “Território Macuxi”, trago ao presente tópico questões que norteiam a trajetória do agente responsável pela constituição e construção do território, como forma de aproximação das influências que regulam e justificam os contextos e as possibilidades das práticas dos grupos e indivíduos que frequentam e residem no local. Para isso, traço em acordo com a perspectiva teórico metodológica de trajetórias em Pierre Bourdieu (1996), complementada pelos retratos sociológicos em Lahire (2004).

O estudo acompanha o percurso de Julíndio Macuxi por meio de entrevistas e da observação de símbolos não ditos, percebidos na análise dos documentos obtidos na participação observante e da descrição densa, que podem explicar as práticas que levam à construção e manutenção do “Território Macuxi”.

O que temos por base são questões que seguem uma linha do tempo desde os primeiros processos de sociabilização do Julíndio Macuxi até os dias atuais, reforçadas de forma pontual na medida que a escrita vai se desenvolvendo. Neste aspecto, o estudo renuncia à linearidade dos fatos e segue uma ordem em espiral, hora pontuando aspectos da fase inicial da vida adulta, hora da infância ou de momentos mais atuais, não necessariamente seguem uma linha cronológica.

Começamos pela genealogia do entrevistado para chegarmos à sua origem social, indagando sobre o nome dos avós, pais, profissões e escolaridade: **“**Meu avô paterno era Valério Caldas Magalhães e a avó era Alba de Araújo Jorge Magalhães. Meu pai era Júlio Cezar de Araújo Jorge de Magalhães. O Avô materno era João Lisboa e a avó era Hilda Pereira Lisboa Minha mãe é Mariza Lisboa de Magalhães”.

Julíndio Macuxi hesita ao falar sobre as profissões e escolaridades dos avós e na continuidade contando que nasceu em Belém do Pará e que, “bem novo”, se mudou com os pais para Brasília, pois o pai havia passado em um concurso público da Embrapa.

Mudaram-se para a capital brasileira quando ele tinha cinco anos de idade, então único filho. O pai fez pós-graduação, obtendo o título de doutor em Engenharia Agronômica, e a mãe obteve o ensino médio como nível escolar, dedicando-se as atividades domésticas e ao cuidado dos filhos. Ele acrescenta que ele também tem o ensino médio como nível escolar.

Quando pergunto a Julíndio Macuxi, sobre o ano e as escolas que ele estudou, tenho a seguinte resposta: "rapaz não estou com Alzheimer, mas tu queres muito do meu velho hd[43]". O ano fica implícito, mas fala com facilidade das escolas e onde estudou: **"**Em 2 públicas como Grupo Escolar Honorato Faustino em Piracicaba-SP e Setor Leste em Brasília, e em particulares, como Cor Jesu Pio XII e na UBEC (União Brasileira de Ensino Católica) em Brasília". Já os cursos livres, diferente da base escolar, o interlocutor lembra com mais tranquilidade dos anos.

> [...] Fiz curso de mateiro para aprender sobre o cerrado, na Embrapa em 1989. Assim que cheguei aqui na Paraíba, como já pensava em trabalhar com turismo, fiz um curso de turismo, no extinto colégio visão em 99. [...] um que foi uma caminhada por dois finais de semana com um mateiro que prestava serviço no departamento de farmácia na UFPB. Isso foi em 1998/99, não lembro o ano exato[...] para reconhecer as plantas da mata atlântica, informações com os nativos do Guruji, quando estava na flor d'água (Júlio Macuxi, 2023).

O "lapso de memória" pode ser uma incorporação da identidade assumida e dos dispositivos que estes justificam a não importância das instituições escolares para o seu atual momento, os processos seletivos de memória ou da mensagem que o entrevistado quer passar pelo filtro da imagem construída e correspondente àquilo que é amplamente divulgado, seja para os visitantes presentes ou virtuais que acompanham as redes sociais.

Há de se levar em consideração o fato das datas de fácil acesso estarem mais próximas do tempo atual e dos indícios de uma herança genética, já que também não recorda do nome da Bisavó que seria de grande valia para enunciar (segundo os rumos de interpretação que estamos levantando). O nome do território vem de uma homenagem à bisavó, que seria da etnia Macuxi, e quando falava da formação escolar, ele destaca que não vai ter como ficar muito tempo conversando, pois vai ter que sair para cuidar da mãe, que foi diagnosticada com Alzheimer.

As trilhas de ecoturismo passaram por uma adaptação por conta disso, sendo disponibilizada de quarta a domingo até as 15 horas, com exceção do domingo que só

[43] Unidade de disco rígido, é um dispositivo responsável pelo armazenamento de dados eletromecânicos.

funciona até as 13 horas. No final do dia, Julíndio Macuxi vai com a família para cuidar da mãe na cidade de João Pessoa e só retorna na quarta-feira.

> Fico esse tempo para ajudar minha mãe. Meus irmãos moram em Brasília e só tem eu aqui. Minha mãe tem uma cuidadora, mas no domingo à noite e na segunda é a folga dela. Aí fico esses dias lá. Não tenho muita paciência de ficar na cidade, me dá uma angústia, e já volto na quarta para cuidar das coisas aqui: dos córregos dos rios, das trilhas, do espaço num todo, o pessoal chega aqui e vê tudo bonitinho, mas não sabe como dá trabalho cuidar disso aqui. Como o pessoal costuma vir mais no final de semana, ai tenho basicamente quarta e quinta para fazer esses serviços (Julíndio Macuxi, 2023).

O conjunto de valores expressos no diálogo passa por uma negação implícita do sistema de valores internalizados ou aquilo que (Bourdieu, 1998) vai chamar de *ethos.* O capital cultural depositado pelos pais na infância de Julíndio Macuxi, através do sistema educacional, que passa por despercebido ou não é visto como algo importante para o contexto da entrevista, a ponto de reforçar só aquilo que ele percebe como formação crucial para as atividades realizadas no "Território Macuxi".

A questão é que não só as datas do fundamental não aparecem na resposta, como as do ensino médio também caem no esquecimento. Retomo o assunto no ano de 2024, em uma outra circunstância de conversa, agora pela rede social *WhatsApp,* para testar a consistência da problemática (Milles,1980) e da possibilidade de adaptação da resposta a diferentes contextos. No atual momento, há uma maior familiaridade entre pesquisador e pesquisado e uma certa confiança adquirida a ponto de desmontar uma possível máscara que queira esconder alguma informação:

> Putz, tem tempo (risos). Na verdade, eu parei de estudar aos 18 anos, quando só faltava o terceiro ano, por conta do trabalho. Só fui terminar o que chamávamos de segundo grau aqui na Paraíba, em Cabedelo. Mas não me lembro o nome do colégio, o ano se não me engano era 1998. Depois prestei vestibular e passei em artes, mas não cursei, havia perdido o alistamento militar e isso me impediu de cursar (Julíndio Macuxi, 2024).

O referencial do tempo permanece ausente e é somado à falta do nome da instituição educacional. No entanto, aquilo que poderíamos indicar como negação em seguir a carreira acadêmica do pai revive com a possibilidade de cursar artes como curso superior. Temos ainda a informação de que ele não fez o serviço militar obrigatório para homens no país. O que nos cabe enfatizar e situar no tempo é que o episódio de conclusão ocorre em um processo de transição de paradigma de Julíndio Macuxi, quando ele acaba

de mudar de Estado, de Brasília para Paraíba, e ainda não havia a existência do “Território Macuxi”.

A escolha pelo curso de artes pode ser atribuída ao cenário cultural de Brasília das décadas de 70 e 80 do século XX. A influência não vem de berço familiar, pois “o mais próximo do rock que meus pais ouviam era Roberto Carlos”. Os amigos e os eventos gratuitos de rua impulsionaram Julíndio ao contato com os gêneros musicais de rock e MPB, principalmente as vertentes chamadas de músicas de protesto ou contracultura, como vimos na leitura sobre os hippies, o jazz e do tropicalismo.

Nesta mesma época, aos 21 anos, o interlocutor forma uma banda cover de rock e MPB, chamada de Nascente, onde atuava como cantor. Essa influência musical, assim como os diversos contextos ligados a ela, a citar o acampamento, foram cruciais para a construção de perspectiva sobre o emprego formal, que anos depois Julíndio resolve deixar para viver na mata.

Julíndio Macuxi relata que, apesar de ter nascido em uma capital (Belém – PA) e vivido sua infância, adolescência e boa parte da fase adulta em Brasília, desde a sua infância encontra um apreço pela natureza, em observar a linguagem da mata, dos animais e dos elementos que a compõe, e que sempre sonhara em viver em um meio em que pudesse ficar “mais à vontade”, como praticar o naturismo.

A aproximação fica mais forte nos acampamentos que fazia com os amigos e um irmão ainda na adolescência, e dessa rotina surgiu o nascimento da ONG “Ecologia da mente”, que ele ajuda na fundação.

> Em 1984, eu participava de um grupo de acampamento chamado "galera ecológica" quando fundei o grupo Ecologia da Mente em Brasília, em 1986, e depois o registramos como ONG em 1987. Nessa época, ecologia era uma palavra distante para maioria das pessoas e, em Brasília, isso estourou pós estouro do pop rock. Eu conheci muita gente culta que também começou a se mover em direção à preservação, e várias ONGs se formaram por lá. A nossa foi a segunda ONG ecológica da capital federal, juntamente com a Patrulha Ecológica (Julíndio Macuxi, 2023).

Aqui podemos relacionar como os estudos levantados no capítulo dois desta dissertação, sobre o crescimento das OSCs no Brasil a partir dos anos de 1970, a inserção do movimento hippie na música brasileira nas décadas de 70 e 80 e das já renomadas instituições do terceiro setor como o Greenpeace como influências mundiais se realizam em espaços locais, gerando direcionamentos, movimentos e disposições em várias camadas sociais.

Nessa busca de aproximação com essa experiência de vida, ele diz que desde Brasília vinha tentando estabelecer uma "morada na floresta", a princípio morar sozinho e que essa vivencia o coloca diante da necessidade de aprofundar ainda mais os motivos que o levaram até ali. A caminhada o conduz a encontrar respostas em sua árvore genealógica que tem raízes na etnia Macuxi.

Após largar o emprego de funcionário público, Auxiliar de contabilidade - Sociedade de Habitações de Interesse Social Ltda (*SHIS*) 1986 a1990, Julíndio Macuxi investe em um empreendimento de restaurante para "conseguir levantar uma grana" e comprar um terreno para viver no meio rural. no entanto:

> O restaurante faliu, eu não tinha mais o que fazer, ai eu falei: meu Deus, cara e agora? Ai a família toda: a gente avisou e agora o que vai fazer o que? Foi aquela pressão, porra bicho, quase fico louco, quase entro em depressão. A verdade é essa, eu ficava o dia todo pensando: quê que eu fiz da minha vida, o dinheiro não tava dando para comprar o sítio, montei o negócio e faliu. Tô sem sítio, sem emprego, sem saber o que fazer, isso me assustou muito (Julíndio Macuxi, 2022).

Ele relata que, mesmo com as dificuldades, continuou na busca por terrenos à venda com o intuito de aquisição para realizar o sonho de viver uma vida que oferecesse alternativa aos modos que ele descreveu como "insuportável; o barulho, velocidade da cidade e o trânsito são muito caóticos[...] **"**olhando o jornal, aí tinha um anúncio lá, que era o preço de um Jeep, um terreno. Aí eu falei, liguei pro cara e falei, gostaria de ver e tal. Aí fui ver, um terrenão grande com riozinho embaixo" (Julíndio Macuxi). Então, ele vendeu o Jeep que tinha, comprou o terreno e passou a morar.

> [...] passei uns três anos nesse ritmo. Acertei, fiz uma casinha bem pequenininha, simpleszinha, não tinha energia elétrica, não tinha água encanada. Eu vivia igual um eremita velho. Fiquei sem carro, né, porque vendi o Jeep, então tinha que pegar o ônibus de Brasília, que dava 1 hora de ônibus, depois andar uma hora a pé, pra poder chegar na casa. Aí comecei a fazer o artesanato no sítio, que o sítio tinha muito toco, eu cavava, tirava os toquins, lavava nessa cachoeira que eu ganhei e aí montava os gnominho, aí botava uma caixa de papelão e andava a pé, uns 6km pra pegar outra caixa, cheia de duendinhos pra ir pra feira (Julíndio Macuxi, 2023).

Depois de aproximadamente quatro anos (de noventa e três ao final de noventa e seis), Julindio Macuxi resolveu vender o sítio e se mudar para a Paraíba. O ritmo de vida não era como imaginava e ele sentia a necessidade de conviver em um espaço que pudesse compartilhar a rotina com outras pessoas e pôr em prática os princípios de uma realidade

comunitária, como descreve. Em 1997, Julíndio Macuxi vendeu seu terreno para ajudar no subsídio de uma comunidade alternativa que ele acaba fundando com os seus amigos.

> Aí eu fui, comecei a ver sítios com um corretor. Aí o corretor me levou pra ver uns três sítios diferentes, aí eu falei pra ele, olha, deixa eu ser claro pra você, você não precisa mostrar esses sítios que tem casa bonita, eu quero um sítio que tenha rio, tem que ter rio, porque eu quero morar e eu e eu sou indígena, eu quero morar no meio do mato, entendeu? Não precisa ter casa bonita. Me mostra um sítio que tem uma casinha simples, uma área grande, mas que tenha rio, eu quero fazer tipo uma comunidade, entendeu. Ele: rapaz, tem um doido, que tem um plano parecido com o teu aí é mesmo é um cara chamado Zé o Zé Nilto Zé Ilton ele já viu vários terrenos comigo já e ele quer montar uma comunidade e as ideias dele são parecidas com a sua, aí perguntei você tem o telefone desse cara? tenho, eu acho que vocês vão se dá bem, ai pronto me deu. Eu liguei pro cara, não é Zé Ilton? sou eu. Olha eu conversei com o corretor e ele me disse que você tem umas ideias parecidas comigo eu estou te ligando pra te conhecer pra ver se essas ideias vão bater, qual é essa ideia? Minha ideia é montar um uma espécie de comunidade alternativa no mapa, viver de ecoturismo, de artesanato. Aí você conhece o santo daime? Já ouvi falar. A ele falou assim, minha ideia é fazer alguma coisa nesse sentido. Você teria alguma coisa contra? Eu falei com certeza não. Então vamos a marcar da gente se conhecer (Julíndio Macuxi, 2023).

Após o encontro se passou um ano até decidirem comprar o terreno e fundarem a comunidade alternativa "Aldeia flor d´agua", Julindio Macuxi conta que no início tudo ia bem, mas com o passar dos dias com a partida e saída de alguns fundadores as coisas foram mudando e a convivência foi se estreitando com a chegada dos mais novos e quando ele viaja para o Rio de Janeiro para participar do quadro Lata Velha do programa Caldeirão do Hulk[44] para recuperar seu Jeep a tensão com quem vinha chegando aumenta por conta da repercussão que as práticas realizadas na comunidade poderiam gerar com a possível exposição no veículo global, a exemplo do naturalismo:

> [...] ai o pessoal ficou com medo de ficar famoso lá e eu falar na televisão que ia ter encontro de naturismo, Julíndio vai falar que aqui é naturismo e fudeu, cheio de pelado aqui vai ser na televisão e tinha jurista dentro, advogado, gente que não queria ser visto como naturista[...] eles mandando torpedo na época, olha não vai falar nada sobre naturismo, cuidado com o que você vai falar, ai eu disse que bando de filhos da puta, ai eu mandei eles tudo tomar na quele lugar, bicho. Eu tô aqui me preparando pra um negócio que vai mudar minha vida e vocês ai preocupados com besteira, quando eu chegar ai eu vejo isso pô, quando eu cheguei eles tinham mudado o estatuto. Proibindo o turismo e o naturismo, cheguei desempregado [...]eu vou vender minha parte aqui e vou

[44] O quadro foi criado no ano de 2005 e tem como cerne principal o conserto de carros antigos, sendo televisado aos sábados pela emissora rede globo, a dinâmica de seleção consiste por meio de inscrição via carta para o programa. Entre os critérios de avaliação estão o tempo em que o proprietário está com o veículo e o carro ser mal-cuidado. O carro selecionado passa por uma reforma e para o dono recuperar o transporte ele passa por um teste musical com dança, no caso de Júlio ele fez uma interpretação da canção "dois passos do paraíso" do grupo Blitz e fora aprovado.

> embora, não dá mais para mim não, depois disso que eles fizeram acabou-se, não tem mais condições... aí pronto comecei a vender (Julíndio Macuxi, 2023).

Julíndio Macuxi diz que no início a saída foi difícil: "não é simples deixar 12 anos de trabalho para traz'' mas que a força da sua etnia, da ancestralidade sempre esteve presente e, naquele momento não foi diferente: "foi crucial para seguir adiante". No antigo Terreno, na área que o pertencia ele dava o nome de "Território Macuxi" Paraibano, passando a chamar o atual somente de "Território Macuxi". Após a saída, ele foi com a companheira (Elayne Macuxi) e os dois filhos (Yerê e Iure) para uma casa em que é vizinha da que eles moram hoje, trocando serviços domésticos[45] por moradia, já que o proprietário não residia na casa.

Em dezembro de 2012, faz a aquisição do terreno em que hoje faz morada e retoma com as atividades de ecoturismo, sua principal fonte de renda, além de outras atividades que ele acabou incluindo ao Território como fonte de renda como os aluguéis do redário e o "*day use*". Entramos nos detalhes das finanças, como ele organiza e administra aquilo que ele investe e a quantia que ele recebe, se ele faz anotações orçamentarias, ele ri alto e diz:

> Só se for eu mesmo pra manter tudo anotado, não anoto nada não, eu sei mais ou menos de cabeça, assim, né!? Eu compro material, uso, faço as coisas, mas não anoto. Até porque, muitas coisas levaram muito tempo para ser feito. O redário, por exemplo, levou três anos; eu fui comprando as madeiras, as telhas, as cerâmicas e fui estocando, mas não anotei nada, nem o que entra e nem o que sai (Julíndio Macuxi, 2024).

No redário, há um quadro referente aos serviços ofertados com os preços tabelados, tendo o *day use*[46] como referência, sendo adicionado os valores de hospedagem ao mesmo. Após a observação, questionei se, em relação aos grupos que só alugam o redário para fazerem as cerimonias ritualísticas existe alguma variação econômica ou se ele mantém o valor do *day use.*

> Depende, Gustavo [risos]. Por exemplo, esse último grupo que fez a consagração com a *Ayahuasca* eu sei que o txai e os participantes são lascados como eu, então só cobrei 15 reais de cada, 15 reais por noite, eles chegaram as 9 horas da noite e saíram as 8 horas da manhã, até porque não faz sentido eu cobrar o *day use*, eles só usaram o redário [...] o que eu cobro é para contribuir na energia e no gás de cozinha que eles usam, a fogueira que deixo organizada

[45] limpeza da casa, do terreno, cuidar dos animais do dono.

[46] Os preços estão tabelados por pessoas e o day use custa 35 reais, adicionado o camping fica 40 reais, o day use mais duas noites de camping fica 60 reais, day use mais uma noite na cabanoca custa 60 reais, duas noites na cabanoca fica por 70 reais e day use mais uma noite no hostel fica por 90 reais.

> pra eles, é só uma taxinha mesmo [...] outro exemplo, o da mãe com a filha que vieram comemorar o aniversário, das pessoas que vieram acampar, como eu vi que ia chover pra caramba eu ofereci a oca[...] a bixinha foi lá comemorar o aniversário dela e pra passar a noite na chuva não dá certo não[...] a mãe disse, mas eu não tenho dinheiro pra oca não, e eu respondi pra ela não se preocupar que é o mesmo valor do camping (Julíndio Macuxi, 2024).

O relato retrata bem a trajetória do entrevistado até aqui, destacando sua capacidade de adaptação diante das circunstâncias apresentadas, de ofertar o seu cotidiano, de convertê-lo em dinheiro, apesar da não efetuação dos princípios contábeis. Ainda que muitas vezes negadas, as práticas contábeis e sua instrução educacional acabam contribuindo para o seu negócio e estão incorporados como dinâmicas administrativas diante dos contextos e circunstâncias retratadas. Isso reforça que os valores econômicos não são práticas centrais no "Território Macuxi"; quanto mais próximo da realidade social e identitária do proprietário o visitante for, menor será o custo monetário.

Apresento uma breve leitura da trajetória de Julíndio Macuxi de forma a contextualizar as etapas que ele percorreu até a constituição e construção do chamado "Território Macuxi" e como o trajeto cria condicionantes para as práticas realizadas no local. Os retratos sociológicos surgem para auxiliar nas interpretações das contradições observadas na trajetória, a fim de compreender as camadas ou contextos que geram condicionantes para além da matriz geradora do *habitus* e, por isso, a persistência em repetir as perguntas, de fazer novas, de modo a aprofundar os diálogos

O mundo social de atuação de Julíndio Macuxi recebe fortes influências dos símbolos culturais, a começar nos investimentos dos pais em escolas particulares, da música do rock brasileiro dos anos 80, trilha sonora dos acampamentos, lazer que Julíndio designa ser importante para essa reconexão com a natureza e para a escolha dos cursos de capacitação em instituições como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Escola Visão e com nativos do estado da Paraíba. Isso acarreta as configurações especificas do que é ofertado no "Território Macuxi".

As constantes mudanças na trajetória refletem nas mudanças práticas do próprio "Território Macuxi". À medida que um novo conhecimento é adquirido, ela passa a ser inserido no roteiro turístico. Por exemplo, o curso de tupi que fez pela internet é inserido como elemento cultural a rota de ecoturismo, da mesma forma com o curso de mateiro ofertado pela Embrapa e as vivências com os mateiros da Universidade Federal da Paraíba e com os nativos do quilombo Guruji. Essas formações também são introduzidas nas atividades de ecoturismo.

Esse aspecto de transformação e adaptação da própria trajetória é tido como característico comum entre agentes do espectro cultural e artístico, como vimos em Bourdieu (2008). Em outras palavras, aquilo que é denegado, não é negado. Neste caso, perpassa a relação com a esfera econômica; a denegação passa pela própria esfera cultural, deixando em segundo plano a educação formal e dando ênfase a educação popular. Isso também pode ser entendido como influência das políticas de valorização da diversidade cultural defendidas pela ONU e implementada pelo Estado brasileiro por meio de leis e políticas públicas, como vimos no capítulo 2.

A própria adoção do nome social Julíndio vem dessa crescente valorização. Ele nos relata que as pessoas começaram a chamar por esse nome por conta do trabalho naturista e por ele ter os traços indígenas. Ele passou a atender por esse nome e, após assumir a identificação, surge a necessidade do domínio de uma língua, que acaba sendo introduzida como roteiro atrativo para os turistas.

Em todos os grupos que acompanhei, Julíndio Macuxi faz uma introdução do seu percurso e das tomadas de decisão que o levaram até o presente momento. Sua trajetória narrada é parte do roteiro que oferece. Com dois grupos visitantes que acompanhamos, ele dá continuidade com um momento cultural (Escola Flor de Mandacaru e Cinquenta mais), quando toca violão, ukulele, canta músicas de sua autoria na língua tupi, músicas da MPB, pop rock e músicas de rezo. Ele apresenta alguns instrumentos de caça e ensina os significados dos nomes de árvores, marcas, bairros, rios, cidades e Estados em tupi.

No caso do "Território Macuxi", Julíndio atua como uma espécie de marchand de si, vetor este que pode gerar maior credibilidade devido à atenuação exercida na publicidade dos produtos ofertados. Toda a divulgação, publicação de imagens e vídeos acompanhados de legendas reforçam que reforçam o *ethos* do protagonista são feitas por ele mesmo. Suas práticas cotidianas, alinhadas aos princípios morais que o circundam, não são divulgadas de forma explicita afim comerciais e, de fato, não se apresenta como tal. No entanto, os princípios éticos são objetificados na oferta de vivências praticáveis.

Vivência ganha aqui uma conotação ou sinônimo de lampejo; não se trata de viver, mas de experienciar faíscas do viver. É isso que é ofertado: abrir afluentes dos rios com as mãos para ampliar as rotas do passeio de caiaque, plantar árvores que dão frutos, a vivência, o experienciar, o sentir a natureza, comer frutos do pé entram no pacote do *day use*, no ecoturismo, e isso é valorizado pelo visitante, pelo contato com o extraordinário, com a acessibilidade que é ofertado de se ter contato com o invisível.

A trajetória de Julíndio Macuxi permite a absorção de retratos, de personagens, que passam pelas ambiguidades subjetivas e objetivas existentes, mencionando as condicionantes míticas em torno do folclórico e suas manifestações. “Aquele que transmuta” que varia de posição dentro do mesmo campo: do autônomo que cuida das negociações, aquele que gere a contabilidade e administra as questões de manutenção arquitetônica, que faz os serviços manuais de ornamento, de trilhas (rios, percurso de água, áreas de laser etc.), do digital influencer, até a emblemática e estereotipada imagem do pajé.

## 3.2 Os grupos visitantes

No atual item, nosso estudo se dedicará aos grupos visitantes que serviram de base informativa para a compreensão das práticas realizadas no “Território Macuxi”. Dito isto, com auxílio das ferramentas metodológicas de observação participante e descrição densa, vamos apresentar ao leitor os 7 grupos observados, como eles efetuam as práticas e desenvolveremos algumas reflexões sobre os sentidos sociais das específicas práticas de cada grupo de turistas.

### 3.2.1 Escola Jardim Flor de Mandacaru

A primeira rota que acompanhei ocorreu no mês de dezembro de 2022. O primeiro contato com Julíndio Macuxi foi por *WhatsApp,* onde falei que queria conhecer o “Território Macuxi”. Ele já me encaminhou para a rota de ecoturismo: “O Território é uma reserva ambiental, multicultural e naturista particular [...] abrimos de quarta a domingo, sempre pré-agendado, servimos almoço só nos finais de semana [...] no próximo sábado tem grupo agendado e você pode se juntar a eles”. Fiz o agendamento para o sábado com retorno para o domingo, incluso o camping (valor de 40 reais), e fretei um carro para me levar ao local.

O percurso teve aproximadamente três horas de duração, iniciando às 9:15 e encerrando às 12 horas. O grupo observado tinha vinte pessoas, sem contar Julíndio Macuxi e seu filho Ierê. Entre elas, duas professoras da escola, uma mãe de aluno, dois amigos e eu, que nos juntamos ao grupo de 14 crianças/adolescentes do Fundamental II.

O contexto da ido do grupo ao “Território Macuxi” fora motivado por uma aula de campo de encerramento do ano letivo da Escola Jardim Flor de Mandacaru[47] sobre ecoturismo. A rota iniciou-se no redário, espaço em que ocorrem diversas manifestações culturais, que variam entre apresentações musicais, *Yoga*, cerimonias ritualísticas e outras.

O local também possui uma cozinha comunitária e é decorado por uma diversidade de artesanato. As artes e suas matérias primas variam do vidro ao alumínio, do cipó/madeira à borracha, e dão formas às paredes que sustentam o ambiente, a vasos de plantas, panelas, gnomos e outros “seres elementares”, sinos de ventos, casa de João de barro, entre outros.

O nome (redário) deriva de rede ou espaço que abriga muitas redes e é marcado pelo início e o fim das trilhas de ecoturismo, depois de todo o trajeto os visitantes são orientados a retornarem ao local para descansar nas redes. Julíndio Macuxi reúne o grupo em círculo em torno do centro do redário, que é demarcado por uma mandala construída a mão com peças de cerâmica coloridas e que carrega o lema do “Território Macuxi”

O guia começa se apresentando, contando um pouco da sua história, de como chegou até o local em que hoje reside, das etapas que o grupo vai percorrer na rota ecoturística e fala sobre o significado do símbolo: **“**todo ser humano ao escolher a sua trilha, pisando firme respeitando a flora e fauna, mesmo que por caminhos difíceis, chegará alto em busca da luz”.

Imagem 3: símbolo do “Território Macuxi”.

Fonte: Arquivo pessoal, registro feito com o aparelho celular do autor.

[47] A escola é uma unidade privada, está localizada no bairro Jaguaribe no município de João Pessoa, capital da Paraíba e, é reconhecida por aplicar o método de ensino conhecido como Waldorf ou fundamentados pedagógicos baseados nos ensinamentos do filosofo Austríaco Rudolf Steiner.

Logo em seguida, ele pede para as crianças, professores e demais se apresentarem e pergunta de onde elas vêm como dinâmica pedagógica sobre a língua tupi. A primeira responde seu nome e diz que reside em Jaguaribe. “você sabe o que significa Jaguaribe”? Pergunta Julíndio Macuxi. A criança responde que não. “significa rio da Onça”. Outra diz que mora em Tambaú. “você sabe o que é Tambaú”? também responde que não. “Tam é concha, ú é escuro, concha escura”. E indaga se alguém tem conta no banco Itaú? “Ita é pedra, ú é escuro, pedra escura’’.

Aula e Instruções sobre a rota de ecoturismo dadas, caminhamos passando pela piscina natural e os pés de Jamelão e açaí até chegarmos à fase do banho de argila. Julíndio Macuxi fala sobre as propriedades benéficas da argila, que é um produto benéfico para a pele, que reduz as rugas, que é um protetor solar natural. Logo em seguida entra em um buraco de aproximadamente um metro e meio de profundidade e começa a tirar o produto para os visitantes passarem nos seus corpos. As crianças iniciam uma “guerra de lama’’, começam a jogar argila umas nas outras, mas logo são reprimidas por Julíndio Macuxi e pelos professores.

Dois visitantes demostram receio de passar a lama. Julíndio percebe que o recuo de um se dá por conta da roupa branca do participante e orienta que o ideal seria que os meninos ficassem de sunga ou cueca e as meninas de biquini para terem mais contato com o sol. “Aqui trabalhamos muito com símbolos. Como falei para vocês lá no redário, vamos trabalhar os 4 elementos. O primeiro é o fogo, símbolo da mudança. A argila no corpo representa como vocês vieram da cidade para cá, sujos”. Umas das professoras justifica que não vai participar para ter mais atenção com os alunos.

Em seguida, adentramos a mata, elemento terra, e o guia vai repassando o reconhecimento das árvores. Ele diz que ali é sua farmácia. Entre elas estão: a imbiriba, sucupira, cupiúba, embaúba, cajueiro roxo, cajueiro brabo, murta, ingá, sapucaia e cabatã. Cada uma com suas propriedades medicinais que podem auxiliar nos tratamentos de inflamação, pressão alta, bronquite, cicatrização, tosse, asma, herpes, lesões na pele, triglicerídeos no sangue e muitos outros.

Depois, fomos direcionados a fazer um círculo e realizamos alguns alongamentos de braços, pescoço, troncos, quadris, pernas e pés para fortificar a musculatura para as etapas seguintes. Deitamo-nos no chão em uma proposta meditativa, em silencio e com os olhos fechados, para que pudéssemos apurar o sentido da audição e captar os sons mais profundos da terra. A proposta tinha o tempo de dois minutos como referência, mas nem todos respeitaram, sendo o silencio interrompido por cochichos, risos e assovios.

Para completar o ciclo do elemento terra, Julíndio Macuxi passa algumas posturas de *Yoga* e aproveita que estamos deitados e segue a sequência de movimentos da "cobra", do "cachorro" e da árvore". Concluímos com uma prece de agradecimento à floresta pela benção da vida, pelos frutos que ela nos concede, por sua medicina, por sua proteção e pelo ar que respiramos.

Nos dirigimos à escultura do dinossauro para bebermos água da nascente, que é canalizada por tubos de plástico que vai até a boca do dinossauro antes de ser bebida. Passamos pelo pântano, onde houve momentos em que afundávamos a perna até o joelho, motivo de tensão e alegria entre os visitantes. Alguns precisaram de auxílio para continuar. Passamos por pontes de bambu e de tabuas até chegarmos em terra firme. Antes de entrarmos no rio havia placas informativas com os dizeres, "bem-vindo ao espaço de nudismo, deixe aqui sua roupa".

Diante do contexto, Julíndio não quis falar sobre a possibilidade e a informação passa silenciosa. É o momento de entrar no rio, de contato com o elemento água. A professoras, que não havia participado das etapas que o guia chama de contato com os elementos - exposição ao sol antes de passar a argila (fogo), deitar-se no chão (terra) banho de rio (água) e subir nas árvores (ar) -, acaba entrando, pois, para continuar no percurso, ela teria que adentrar na água.

Todos ali se jogam no rio Gurugí e começam a tirar a argila do corpo com ajuda das professoras, mãe e dos próprios colegas. Ierê sobe em uma ponte que dá acesso ao rio e realiza um salto mortal. As crianças seguem para fazer o mesmo e passaram um tempo considerável subindo e saltando para a água.

Mais uma vez, nos organizamos em círculo para realizarmos o batismo de boas-vindas ao "Território Macuxi". O rito consiste em "tocar tambor na água" com as mãos de forma simultânea, e o ritmo vai formando ondas padronizadas dentro da roda humana. Depois, somos conduzidos ao abraço coletivo e giramos em sentido anti-horário emitindo uns sons próximos a "êêê ôôô êêê uuu", seguido de mergulhos de todo o corpo e retornando mantendo a roda, o ritmo e o coro. Por fim, Yerê vai até o centro do círculo, mergulha e, em uma movimentação de redemoinho, ele sobe com uma dama da noite com as pétalas abertas em sua mão.

Após a saída do rio, uma das professoras pergunta a Julíndio se a flor só abre a noite e complemento com outra, "se a apresentação faz parte do roteiro?"

> Essa apresentação com essa flor só é possível quando o Yerê está presente, ela é uma planta noturna, por isso se chama dama da noite, o desabrochar que você viu lá, só ocorre de noite, e para abrir ela durante o dia só dá certo debaixo d'agua e se o movimento for realizado em redemoinho, inclusive, o no do Yerê significa redemoinho, mais um motivo de só fazer isso com ele (Julíndio Macuxi, 2022).

Seguimos o percurso em direção as árvores (elemento ar), dedicando um tempo a esculta do ar circulando o caule do bamboo e avançamos pelo reconhecimento das seguintes árvores frutíferas: mangueira, cajueiro, jamelão, mangabeira, castanhola e jambo. Somente alguns pés de manga e jambo estavam na safra, e só nas árvores do cajueiro e do jambeiro paramos para fazermos a escalada. Julíndio e Yerê subiram primeiro e auxiliaram os demais, fazendo o seguinte discurso:

> Todos os grupos que vem aqui passam por esse cajueiro. Ele é o símbolo do elemento ar, é o que traz a força dos nossos ancestrais, é a sabedoria dos mais velhos, dos antigos. Um grupo de biólogos veio aqui uma vez e os convidei para realizarem um estudo sobre o tempo de vida de algumas árvores daqui do "Território Macuxi" e a mais velha é essa árvore que vocês estão em cima. Ela data mais de 100 anos (Julíndio Macuxi, 2024).

Feito isto, fomos aproveitar a fartura da safra de jambo. Kathe (professora) disse que ia aproveitar para fazer a feira. Algumas crianças foram pegar mochilas para colocar os jambos. Muitos tiveram contato com a fruta pela primeira e gostaram a ponto de levarem para suas residências. Por fim, retornamos para o redário.

Imagem 4: Redário antes das crianças retornarem do circuito.

Fonte: arquivo pessoal.

No redário, no momento de descontração pergunto a dois dos visitantes que fizeram a rota de ecoturismo com os alunos da Escola Flor de Mandacaru como foi para eles participarem do percurso, de adquirirem aquela experiencia:

> Mas é isso, eu acho que sobretudo na geração que a gente está crescendo, né? Eu tenho hoje trinta anos, não que eu fui um uma pessoa muito, mas eu tive contato com natureza, com sítio, com coisas assim, né? e eu acho que muita gente hoje não tem. João Pessoa ainda não é uma cidade tão grande, mas eu acho que tem muita criança hoje que mano, pegar no meião aí da cidade que nunca viu. Sei lá, nunca teve muito contato. Então eu acho importante a proximidade que ele traz né? Eu acho que se eu fosse que ela trabalhasse numa escola super incentivaria as crianças a irem pra lá. Super incentivaria um sobrinho meu ir lá conhecer. Sim. Porque eu acho que [...] é um território, onde você vai conseguir ter um conforto, ter uma vivência agradável e ter essa conexão próximo ao que os povos originários buscavam (Dilu, 2022).

> Eu gosto mesmo de estar em contato com a mata é uma coisa assim que da minha trajetória minha família era meio rural aí pra mim foi importante minha mãe é do sertão do México, dos matos mesmo, aí eu cresci na mata, assim desde criancinha, sei lá, desde os quatorze anos era fim de semana aí no mato, então, agora tenho trinta e eu procuro ir pro mato também, essa necessidade de ter uma experiência com a natureza me faz bem [...] E eu tenho família indígena. Eu tenho ascendência indígena. A gente era assim por parte da minha mãe, né aí vem de uma etnia que se chama Guachichol, [...] eu achei muito massa como ele fez essa rota, a parte que nos deitamos na mata, nossa aquilo foi bem bonito. Eu nunca tinha me melado de argila não, também isso foi bem estranho, eu vou dizer a verdade, eu não queria colocar argila ali, mas todo mundo vai fazer, uma vez na vida, acho que assimilei a sujeira, eu até pensei, poxa vida eu vou melar meu short branco, porra nunca mais vai sair (Simeone, 2022).

Ambos foram pela primeira vez ao "Território Macuxi", assim como a turma. Somente as professoras já conheciam o local, o que desperte um encantamento com o Território, como algo novo que afeta o imaginário amplamente reforçado pelo contexto infanto juvenil exposto nos dois depoimentos. Neste caso, a memória da infância desperta passa por um recorte de formação social, das primeiras estruturas ou, como nos aponta Lahire (2009), a criança compreende o mundo como os pais a fazem perceber.

Assim, para compreender as ações dos indivíduos no presente, é também preciso conhecer sua origem familiar e trajetória de vida. Ou seja, o estilo de vida, as práticas cotidianas, a escolaridade, a atividade socioeconômica (Sá, 2018, p. 62). O efeito de retorno aos primeiros processos de sociabilidade, somado ao extraordinário do novo, compreende uma base social comum entre os pares, que envolve gosto e disposições de escolha de determinadas práticas ou *habitus* comum, como vimos em Bourdieu (1996).

As reflexões propostas sobre as práticas descritas e sobre os trechos de falas dos interlocutores referem-se ao acompanhamento das trajetórias narradas, que justificam as práticas atuais por meio da construção identitária que se quer no presente, ainda que tal

procedimento passe por uma edição narrada de si ou das memórias da infância, como nos aponta Bourdieu (1986) em "A Ilusão Biográfica[48]".

### 3.2.2 Amigos do Pedal

Desde o primeiro encontro, mantivemos um constante contato com Julíndio Macuxi para que pudéssemos articular novas idas ao local que correspondesse com a visita dos grupos e com as possibilidades da agenda acadêmica. Logo de início, pudemos perceber uma variedade de perfis entre os grupos, e que os temas da diversidade e das agendas globais com direcionamentos locais entrariam como lentes de apoio para nos ajudar a interpretar as práticas realizadas no "Território Macuxi".

Diante disso, alguns aspectos contribuíram para um intervalo relativamente largo de um grupo para o outro, em alguns casos, chegando ao período de 4 meses. Entre os empecilhos estão a estação de inverno, a impossibilidade de participar do percurso de alguns grupos, devido ao caráter ritualístico voltado ao sagrado feminino e o preço cobrado para participar de cerimonias ou eventos, que podem chegar a 200 reais.

O segundo grupo que partilho a vivência de ecoturismo foi o Amigos do Pedal, um coletivo de ciclistas de João Pessoa que se reúnem diariamente para pedalarem pela capital paraibana e cidades vizinhas. O encontro ocorreu no mês de fevereiro de 2023, na manhã de um sábado. Fiz minha reserva para ficar hospedado na "cabanoca" até o domingo. Às 8 horas do mesmo dia da rota, saio de João Pessoa, de *Uber* moto, em direção ao "Território Macuxi", chegando ao local por volta das 9 horas.

A extensão do circuito turístico teve uma duração de uma hora de percurso, começando às 10:30e durou até as 11:30. A rota teve algumas mudanças em relação ao primeiro grupo acompanhado, pois não tivemos passagem pela etapa da argila, nem na mata. O momento de introdução foi uma conversa bem rápida sobre o território e como surgiu o nome. O grupo era composto por 20 pessoas, todas saíram de João Pessoa e foram pedalando até o "Território Macuxi", uniformizadas com a farda (uniforme) que carrega o nome do clube "Amigos do pedal" com o nome do respectivo dono nas costas.

[48] BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 62-63, pp. 69-72, juin 1986. Tradução de Olívia Alves Barbosa.

Imagem 5: Grupo reunido no momento da apresentação do “Território Macuxi” e da rota que iriam percorrer

Fonte: arquivo pessoal

Nos direcionamos para a piscina de água natural e lá ficamos por volta de 20 minutos de banho, momento que não foi praticado com o grupo anterior, ao menos não como roteiro do ecoturismo. O grupo estava bem animado, dançavam, cantavam, escorregavam no “escorrega bunda” que os conduziam até o meio da piscina, eles andavam com caixinha de som que tocava músicas do gênero arrocha. Todos entraram na piscina com o uniforme de ciclista e podia se ouvir sussurros com os seguintes dizeres: “ele podia fazer um bar aqui, vender bebida e tals’’. Enquanto estavam ali “curtindo o momento” me aproximo de Julíndio e pergunto por que a rota estava diferente da outra que fizemos e ele responde:

> O que eu vou pegando das pessoas é a sensação. Eu vejo que determinada rota eu não usava muito porque geralmente afundavam, aí determinado momento uma pessoa afundou e gostou. Se a pessoa ta curtindo, eu vou botar isso na rota [...] aí você vai selecionar determinados trechos das trilhas que você vai fazer com determinados grupos. É isso, a trilha hoje ela é muito ampla e completa pra quem quer se integrar. Vou te dar um exemplo claro: por exemplo, no rio, a gente faz uma caminhada aquática no rio, mas eu posso ir 400m por dentro d’água com sensações muito diferentes. Essa que a gente faz ai é areia né? fundo dela é areia, você vai vendo as plantinhas do lado, peixinho passando. A outra bicho, é tosca, você pisa na lama mesmo, tem lugar que as plantas meio que te prendem, as pessoas ficam desesperadas. Essa é pra grupos específicos, que querem mesmo uma aventura grande. “poxa Julíndio, a gente quer um negócio mais radical” (Julíndio Macuxi, 2023).

Na medida das circunstâncias ou contextos, Julíndio Macuxi vai adaptando as práticas conforme o que percebe como mais apropriado a cada grupo. Ele aciona as disposições e habitus incorporados na sua trajetória. Neste momento, as práticas enquanto dono de restaurante e vendedor de artesanato vem à tona, seja na capacidade em compreender as demandas do cliente ou na forma de criar elementos no cenário em que possa receber específicas práticas de acordo com as necessidades do visitante.

O grupo vai fazendo registro de todo o percurso por meio de fotos, vídeos e até mesmo vídeo chamada para mostrar o lugar para os parentes e amigos. A rota continua no embalo de canções e fazemos mais uma parada para bebermos água da fonte. O líquido é canalizado por tubos de plástico que o leva até o dinossauro de oitenta centímetros feito de argila e a água sai pela boca da estátua, de onde as pessoas bebem.

A etapa do rio é bem similar à do primeiro grupo, Escola Flor de Mandacaru, com banho, caminhada, batismo e a apresentação do Ierê. O que foi adicionado foi a simulação de afogamento, em que Ierê finge ser afogado e os cachorros Tobi e Cara Preto saltam como salva-vidas e puxam a criança pelo braço até a margem do rio.

E, por fim, o passeio no elemento ar (nas árvores). Aqui chama a atenção que nas primeiras mangueiras há umas cordas amarradas nas árvores e um balanço. Os adultos começam a interagir, a princípio timidamente e depois se entregam à brincadeira, algo que não aconteceu com o grupo de crianças. Logo em seguida, paramos e Julíndio Macuxi pede para encostarmos os ouvidos no bambueiro e ouvir o som que circula no interior da madeira. Havia uma variação sonora que remetia ao vento, chuva, mata queimando, mata estalando, de vozes e do mar relatam os participantes.

Paramos no cajueiro para uma sessão de fotos e para subir. Aqui Julíndio Macuxi nos ensina como a onça-pintada dorme a noite todo no galho da árvore e não cai: “deitem sobre o galho de bruços, sem medo de cair, deixem os braços e as pernas livres, apontadas para o chão”. Alguns fazem o exercício, se atrepam no cajueiro e pedem para os colegas fazerem o registro. Em seguida retornamos ao redário.

No local, volto a questionar sobre o motivo das alterações em relação a Escola Flor de Mandacaru e, exemplifico a ausência da argila e da passagem na floresta e se isso não desconfiguraria a lógica dos elementos, não seria um salto dos elementos fogo e terra

> Não desconfigura, o fogo é toda a exposição do sol, ele perpassa por todos os demais elementos, transformando-os, isso ocorre nas pessoas também, ainda que de forma sútil, sem que eu precise falar como elas chegaram sujas aqui, a mudança ocorre de forma atenuada, só por estar aqui, é algo novo para essas pessoas[...] esse grupo estava de passagem, por isso foi mais rápido, a proposta

> deles é outra, por isso uma outra dinâmica, chegaram mais tarde, vão agora almoçar em Conde e depois seguem para João Pessoa (Julíndio Macuxi, 2023).

A capacidade argumentativa em manter a lógica daquilo que é característico do circuito, os quatro elementos, revela o *habitus* de quem acumula um diploma de ensino médio, de quem passou pelo vestibular e reforçou seus capitais institucionais em curso de turismo. Podemos atribuir também o histórico como liderança de movimento social voltado a defesa da conservação da natureza, a capacidade de articular pessoas em torno de seus princípios, de mobilizar pessoas por meio de discursos, de adaptar discurso mediante os contextos.

Além dos traços analíticos acima apresentados sobre o poder argumentativo de Julíndio Macuxi, podemos acrescentar que em sua trajetória à o registro do convívio com diferentes níveis de formação, tendo o pai alcançado o nível superior e a mãe não. Os diferentes percursos formativos (formais e informais, cursos institucionais e livres), a relação com os movimentos contraculturais em sua juventude e os contextos que envolvem trabalhos formais e informais se acionam na construção discursiva e adaptativa.

O presente grupo ficou pouco tempo no redário, só o intervalo da chegada ao redário até realizarem o pagamento via pix para Julíndio Macuxi. Por esse motivo, não realizei nenhuma entrevista sobre a perspectiva dos visitantes em relação ao "Território Macuxi" e sobre o ecoturismo e o que os levaram até ali.

### 3.2.3 Grupo 50 mais.

Um elemento inesperado, ao menos em relação aos outros grupos é a presença da chuva, que influencia na dinâmica e requer adaptação no tempo e no próprio percurso. O início da trilha, que estaria prevista para iniciar as 9 horas e só começa às 10 horas. O próprio meio de transporte que utilizamos em relação à última ida ao campo passa por essa mudança, de *Uber* moto para *Uber* carro por conta do clima chuvoso, temos preferência pelo primeiro por ser mais barato e porque os condutores do transporte me deixam dentro do território, enquanto os motoristas do veículo de quatro rodas não passam da rua calçada. Do calçamento até a casa do Julíndio Macuxi são por volta de 15 minutos de caminhada.

Como de praxe, a trilha é precedida com a apresentação de Júlio sobre sua trajetória**,** desde a sua infância no Pará, passando por quando largou o emprego e decidiu morar no mato, por sua chegada na Paraíba até a fundação do "Território Macuxi". Em

seguida, ele faz a apresentação de alguns instrumentos: lanças; são usados para caça e pesca; bordunas, miniaturas de canoas, flechas, cocal, tornozeleiras percussivas, covo, jarro, cesto, fura-olho, colares, pulseiras e complementa sobre a função de cada ferramenta.

> [...] Borduna é o cacetete indígena, daí vem o termo bordoada - pancada na cabeça. As lanças são usadas pra pesca, caça e defesa da aldeia. O arco e flecha também tem a mesma função de caça, pesca e defesa. Zarabatana é usado para caçar, geralmente macacos, melando as pontas dos dardos com veneno de sapo. Em tempos de guerra também serviam como defesa (Julíndio Macuxi, 2023).

Ele também mostra e fala o nome de alguns dos seus instrumentos musicais, entre eles: alfaia, castanhola, ukulele, violão, pandeiro, maraca e dos significados de rios, lugares e cidades em Tupi. Complementa a introdução tocando alguns clássicos do pop rock nacional da segunda metade do século XX: "Dois passos do paraíso" da banda blitz, "Casa da floresta" do compositor nanã, "Meninos" de Juraildes da Cruz e músicas autorais, "Gira vida" e "Lágrimas azul". Questiono a Julíndio Macuxi se aquela atividade de cantar e tocar instrumentos era comum no preâmbulo das rodas. Ele responde: "não no formato de "show"[49] geralmente eu canto uma na chegada e outras 3 ou 4 na hora do almoço, mas por conta da chuva e para entreter o pessoal até a chuva passar estendi o espetáculo". Julíndio Macuxi também traz ao repertório mais uma canção de sua autoria que é cantada em tupi e tem por título "Javy ju".

"Javy ju"
Iby y tatá ará
Abá pajé
Cunhã pajé
Caá oby
Apé catu
Jav
Javy ju […]

"Essa letra eu fiz para um rito do sagrado feminino que ocorreu aqui na mata e significa: Bom dia/ Terra, água, fogo e ar/ Homem curandeiro/ Mulher curandeira/ Mata verde/ Caminho bom/ Bom dia/ Bom dia" Julíndio Macuxi (2023). Passado o pé d'água[50],

[49] A palavra estar em aspas, pois o entrevistado faz o gesto na língua de sinais que representa aspas. O movimento é feito com os dedos indicador e com o maior de todos, ele dobra ambos e voltar para a posição inicial/esticados, o movimento se repete duas vezes.
[50] Expressão popular que se refere à forte chuva.

Julíndio encerra sua apresentação e passa algumas instruções sobre as etapas do percurso. Seguindo o embalo da canção, a rota é dividida em quatro partes que correspondem aos quatro elementos citados na música e, como ocorre nas primeiras horas após o nascimento do sol, logo vem a saudação ao astro com um bom dia. Julíndio Macuxi conclui o momento com a seguinte frase: “na mata verde, nas águas do rio Jacumã e no voo do gavião moram homens e mulheres curandeiras.”

Seguimos em direção ao banho de argila que, no percurso, corresponde ao elemento fogo devido à sua exposição ao sol. A depender do grupo, os raios atingem de forma direta o corpo, como no caso de coletivos naturistas. Não é o caso do grupo 50 mais, onde os trajes são compostos de biquinis, shorts, bermudas, sungas e tops de academia. Todos seguiram as recomendações e estavam sem chinelos. Julíndio fala dos benefícios da argila e que ela é fundamental para a proteção durante o circuito, tanto para proteger dos raios solares como de picadas de insetos.

O espaço que fica a argila é descoberto, sem sombra, em formato circular e é similar aos açudes (pedreiras construídas de forma manual e aproveitadas como reservatórios de água e criatórios de peixes, comuns no sertão nordestino) em início de seca, aproximadamente 4 meses de estiagem onde a água já tem sido utilizada para atividades domesticas (lavar roupas, limpar casa) e penetrado o solo se misturando com a areia formando lama, algo próximo dos mangues e pântanos, no entanto, possuindo menos água.

No centro, há uma área de aproximadamente 70 centímetros de largura por 150 de profundidade. Julíndio Macuxi pula no exato local e complementa as partes do corpo que não foram atingidas pela argila no salto, utilizando o auxílio da mão para espalhar no peito, ombro, costa e rosto. Adiante, ele chama os visitantes para fazer o mesmo. Como no buraco só cabe uma pessoa, os primeiros a terem contato com a argila se deitaram sobre o chão e começaram a rolar sobre a argila, esses “mergulharam dos pés à cabeça”. Outros também espalharam a lama com as mãos no próprio corpo e ajudava a passar no corpo de quem estava próximo.

Poucos se recusaram a realizar o banho. Já havia um consenso entre o grupo que as funcionárias, motorista, fotógrafa e a fundadora da agência “50 mais” não fariam as atividades. As vestimentas davam indícios de quem iria participar: enquanto os contratantes estavam com “pouca roupa” (biquini, sunga e bermuda) as contratadas estavam de calça, camisa da empresa, boné e óculos escuro. Com os mesmos trajes também estava o condutor do micro-ônibus. Os códigos e símbolos implícitos de quem

iria participar só puderam ser alcançados em sua manifestação coercitiva. A variável roupa não é uma determinante, pois algumas pessoas durante a trilha foram retirando algumas peças, a exemplo de short, bonés e sandálias.

O grupo é composto majoritariamente por mulheres; havia somente 3 homens. Dois destes não queriam participar da atividade: um tentou justificar o seu não interesse em participar por conta de problemas no joelho, e os outro(a)s que se manifestaram em não participar alegaram que não queriam se sujar. Judith e Marcelina também demostraram resistência, mas sem apresentar nem uma argumentação contraria. Julíndio Macuxi observa a resistência, chama algumas vezes para irem ao banho, mas não é atendido. Então, ele sai do poço e começa a passar a argila nos braços de Judith e Marcelina. As companheiras de João e Marcelo repetem o ato e vão passando a argila por todo o corpo dos companheiros com o auxílio de outros turistas.

As medidas imediatas dos receptores da argila foram de esquiva. Usaram os braços para tentar coibir a ação de esfregar a argila, também esboçaram uma tentativa de sair do local. No entanto, não passou de um ensaio já que o pé e metade da canela estavam "atolados na lama" o que acabou impossibilitando a fuga. Os já "lamiados"[51] riam da situação, e Julíndio Macuxi puxa Marcelo pelo braço até a parte mais funda do poço de argila. Assim, os já melados também fazem com os que não estão melados por completo, e dessa vez a reação de ambos foi de "cair na gargalhada".

Depois da argila passada no corpo de todos, Julíndio pede para que se posicionem em um espaço que tem menos argila para facilitar os movimentos da seguinte atividade e formem um círculo humano, com a corporatura posicionada por abraços. "A partir de agora, somos todos um, um entre nós, um com o Território e um com a natureza. Agora vamos girar a roda como se estivéssemos 'amassando barro[52][...] pisa forte e vamos em coro emitir o som, hu-hu-hu".

O giro foi feito no sentido horário e durou por volta de 3 minutos. Assim feito, fomos conduzidos para a etapa que corresponde ao elemento terra, passagem pela floresta. No caminho, pude ouvir alguns comentários sobre o banho de argila, entre eles: "estamos iguais a porcos, porco que se mela todo na lama, nunca fiz isso na vida". Já na floresta, o guia apresenta algumas árvores que ele anuncia como reserva de mata atlântica para o grupo. Entre as árvores, havia uma circunferência de mais ou menos quatro metros, onde

[51] Expressão popular usada na região para se referir a quem tem muita lama no corpo.
[52] Expressão popular referente a ação contínua de pisar sobre a lama.

o solo é revestido de folhas e de raízes expostas, e o céu encoberto pelas copas das árvores. No centro do solo, havia uma vasilha e um copo de madeira, ambos cheios de folhas.

Julíndio Macuxi pede para darmos as mãos e, mais uma vez, formar um círculo. “Agora fiquem em silêncio e vamos tentar ouvir o som do ar chacoalhando as folhas das árvores. Sintam também as folhas que cobrem o chão”. O silêncio de vozes humanas não foi obedecido; havia sussurros e gargalhadas se misturando com os sons dos pássaros e do vento resvalando nas folhas das árvores. “Agora vamos nos deitar no chão, manter o silêncio, colocar o ouvido sobre a terra e tentar ouvi-la”.

Passados dois minutos, Julíndio Macuxi passa três asanas[53]: o primeiro, Bhujangasana ou postura da serpente, o tronco inferior do corpo fica sobre o chão e o superior inclinado, similar à cobra em posição de ataque; o segundo Adho Mukha Syanasana ou postura do cachorro olhando para baixo, a postura consiste nas mãos com os dedos abertos fixados ao chão, assim como os pés, e o quadril em direção ao zênite, formando um “V” de cabeça para baixo com o corpo; e, por fim, o primeiro movimento do Surya Namaskara ou saudação ao sol, onde os praticantes ficaram em pé, juntaram as mãos, palma com palma, na altura do peito, com uma leve inclinação para baixo com a cabeça e palavras de agradecimento à floresta, finalizando a saudação.

“Agora vamos liberar nossa criança interior. Tenho uma brincadeira para mostrar para vocês” (Júlio Macuxi, 2023). O condutor da rota segue em direção a uma das extremidades, para a parte mais elevado do declive da área. Ele começa a virar “bunda canaça[54]”e pede para que todos repitam o movimento. Muitos começam a rir e dizer que não conseguem fazer a brincadeira. Ouvindo os relatos de dificuldade, Julíndio Macuxi demonstra outra atividade que consiste em deitar-se no chão e rolar sobre ele.

O deslocamento de rolar pelo chão aparenta ser uma brincadeira mais simples, pois não precisa de tanto impulso corporal e destreza para a sua execução e ainda conta com a força gravitacional provocada pelo declive, que também facilita a ação. Diversos são os corpos, em sua maioria magros, com pesos com estimados entre 50 e 90 quilos, idade entre os 50 e 60 anos (com exceção de 3 jovens que se juntaram ao grupo para fazer a trilha), com altura entre 1,60 m e 1,80 m e tons de cabelos que variam entre branco, azul, rosa, vermelho, roxo e preto. Poucas mechas e suas variações de cores podem ser observadas devido à argila nos cabelos.

---

[53] Movimentos corporais praticados na yoga.

[54] também conhecida como cambalhota, o movimento se inicia com as mãos sobre o solo, seguido da cabeça, pescoço, costa, membros inferiores e finaliza em pé.

O modelo padrão de execução apresentado por Júlio Macuxi, descrito acima, obteve nuances distintivas em sua reprodução. Três visitantes precisaram de auxílio para se ajoelhar e para virar "bunda canaça" (cambalhota). O suporte deu-se como ponto de equilíbrio, impulso e amortecimento do impacto do corpo sobre o chão. Cada atuação poderia ter um aprofundamento analítico mediante acompanhamento de trajetórias e a possibilidade de respostas mais contundentes (para além da descrição apresentada), que possam explicar por que cada agente age de forma diferente para o mesmo movimento.

Raíssa pula a etapa de se ajoelhar e, após o rolar, termina em pé. Paula inicia da mesma forma, continua com as etapas medianas e conclui deitada. João começa com os joelhos e cai de lado, sem encostar a coluna no chão. No mesmo ritmo de variação seguem os que fazem a atividade de rolar: a primeira desce sem ajuda de ninguém, com os pés e mãos esticados, cada um apontando para uma direção; a segunda precisa da ajuda de um empurrão para rolar e desce com os braços cruzados na altura do peito e com as mãos na altura dos ombros; e, por última, "essa daí é amostrada", como foi comentado após a conclusão, ela começa virando cambalhota e, no meio do percurso, a mulher vira o corpo e termina rolando.

Prosseguimos em direção ao rio (elemento água). Antes houve uma parada para beber água no dinossauro. Muitas fotos foram tiradas e a mesma história já mencionada em outro grupo, sobre como surgiu a ideia do artefato e de onde vinha a água foi contada. A canalização da nascente tem vários braços ou riachos com funções dentro do território, que servem como fonte para piscinas naturais, para ampliação da rota de caiaque e outros.

Um destes riachos desagua no rio Gurugí. O acesso que fora escolhido tem passagem pelo pântano, sendo o trecho mais demorado, pois a lama chega, em alguns casos, à altura da cintura. Quem vai na frente vai ajudando a tirar o parceiro da lama. Havia comentários dos andantes a respeito do trecho, diziam que a areia parecia movediça, daquelas que retratavam em filmes de terror, enfatizando o medo de serem engolidos. Percebendo que o grupo não iria aguentar todo o percurso, Julindio Macuxi desvia a rota e pega um atalho que passa pela área de *camping*. No final, há uma ponte de mais ou menos dois metros de comprimento por 40 cm de largura.

A passagem é feita com muita cautela por conta da espessura da madeira/ponte. Assim como em todas as etapas anteriores, Jessica (fotógrafa) e Aline (administradora da agência) seguiam na frente do grupo ao lado de Julíndio ou até mesmo à sua frente, a primeira com sua câmera fazendo os registros para a agência e com o celular de Julíndio Macuxi gravando vídeos para postar nas redes sociais do "Território Macuxi".

Todas as etapas até a chegada no rio foram circuladas em fila indiana. As placas presas com pregos nas árvores chamam a atenção do público por conta de suas mensagens que se referiam à nudez, havendo comentários como: “eita! que aqui tem que ficar nú!”, “eu não vou ficar nua nem amarrada!”, “eu gosto de ficar nua, não vejo a hora de ver todo mundo nu no rio!”. Após o último comentário o grupo caiu na gargalhada e Julíndio comenta que as placas estão ali, mas que não é obrigatório a tirar a roupa para entrar no rio.

Julíndio dá um salto e entra no rio, pedindo para terem cuidado com as pedras que dão acesso ao rio e as que estão debaixo d’agua, pois elas têm lodo e os turistas podem escorregar e se machucar. “sugiro se apoiar nessa madeira que está à esquerda de vocês”, diz ele. A madeira é um pedaço de ripa reutilizado na vertical e fincada na terra como suporte, sendo posta no final da estrada que dá acesso ao rio, justamente para auxiliar na entrada. Um por um, foram entrando no rio e, de imediato, foram esfregando as mãos pelo corpo para remover a argila. “eita argila difícil de sair, e o pior que estou sem unha” dizia uma das trilheiras. “Vocês podem tirar uma peça de roupa e esfregar, vai sair mais rápido”, diz Júlio Macuxi. O guia então tira sua sunga e faz o que houvera dito.

O ato foi repetido; sungas, biquinis e bermudas passaram a ter uma nova utilidade: a de remover lama. Os agentes foram se ajudando esfregando as costas e rostos uns dos outros. Depois, Julíndio Macuxi chama o grupo para o batismo. feito. Seguimos nadando; Fernanda, Paula, Virginia, Catarina e Florentina nadam com o auxílio do macarrão de piscina ou boia de piscina (o objeto é feito à base de um plástico atóxico e impermeável em forma de cilindro), pois há partes do rio que podem chegar a mais de 2 metros de profundidade.

A passagem no cajueiro centenário, dentro do percurso, é referente ao elemento ar. “Infelizmente, não estamos na época que dá o fruto para vocês experimentarem a gostosura que é [...] quem quiser subir na árvore, fiquem à vontade”, diz Julíndio Macuxi. Antes que alguém subisse na árvore, o guia sugere que se faça a subida pelo tronco. Por ali, ele faz a escalada e demostra para o público como a onça-pintada dorme na árvore: deita-se de bruços sobre o tronco mais grosso da árvore e deixa os braços e pernas relaxados/livres.

Carlita, uma das trilheiras, é a primeira a manifestar interesse em fazer o mesmo. Ela se atrepa no tronco para subir, no entanto, tem dificuldade em subir sozinha. Ricardo (motorista) percebe e dá um suporte, empurrando-a com as mãos as partes da cintura e da coxa. Julíndio recepciona pelo braço, puxando-a para o tronco em que estava localizado,

e continua auxiliando no equilíbrio até a parte de deitar. O galho tem aproximadamente 60 centímetros de espessura e fica mais ou menos a 2,10 metros do chão. Marinalva sobe por um galho no cajueiro, sem ajuda de ninguém. As duas tem entre 50-55 anos de idade e concluíram a vivência com muitas fotos. Os demais não se dispuseram à aventura.

O grupo se reúne e faz uma foto debaixo do pé de caju e retornam para o redário para fazerem um lanche. Na mesa diversas frutas e grãos, entre elas: banana, melancia, maçã, goiaba, mamão, melão e aveia, amendoim, barras de cereais, castanha e paçocas. "Vocês têm 30 minutos para fazerem a refeição. Já são 12:00 horas e o local que vamos almoçar e fazer trilha à tarde fica a uma hora daqui", diz a representante da agência de turismo. Aline (2023) em seguida chama Julíndio Macuxi e pede o seu pix para realizar o pagamento via a ferramenta. Feito o pix e alimentado o grupo, grupos integrantes fazem os agradecimentos e seguem em direção ao micro-ônibus, rumo ao próximo destino.

Imagem 6: Grupo 50 mais reunido no redário recebendo as “preces de união com a natureza

Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.4 Grupo Ancestralis

O percurso com o grupo Ancestralis foi diferente dos demais acompanhados, uma rota que não foi guiada por Julíndio. O redário foi alugado para a cerimônia intitulada “Roda Medicinal com Tambor e Cacau”, realizado pelo grupo Ancestralis e conduzida por Amora Shakti. O encontro começou às 16 horas do dia 30 de setembro de 2023 e teve

como atividade primária a ornamentação da mesa expositiva com os acessórios que servirão como instrumentos para as etapas ritualísticas, entre eles: o cacau em barra, kuripi, rapé e óleos naturais. Logo atrás, foi estendido um banner com a logomarca do coletivo.

Sobre a mandala que simboliza o "Território Macuxi", uma esteira circular de fibra de carnaúba com uma estátua da Deusa Ixchel[55] (aproximadamente cinquenta centímetros), ao centro da esteira. A imagem estava cercada por milhos, sendo que os dois mais próximos estavam com as palhas retiradas até a metade e os demais envoltos por completo, além de dois cacaus, um à esquerda e outra à direita da divindade. Havia também duas bandejas com oito copos cada, nas cores preto e vermelho, postos em ambos os lados (simbolizando a entidade Exu[56]) e três *sousplat*[57] de plástico de cores Laranjo, verde e marrom. Amora Shakti narra que os elementos e as cores são símbolos que representam a ancestralidade Andina, Maia e a Africana.

Em seguida, fomos conduzidos à mesa de jantar, que foi servida na casa de Jandira (cunhada de Julíndio Macuxi). O cardápio incluía sopa de legumes com pão, café e chá de erva cidreira, que serviu quatorze pessoas, no entanto; só doze participaram das etapas seguintes. Após a refeição, Amora Shakti dá início à preparação do cacau, que é feito em um fogão a lenha de três bocas na mesma residência do jantar. Foram adicionados quatro tabletes de "cacau puro" (sem adição de açúcar) em estado sólido, ao caldeirão de alumínio de vinte litros. Em seguida, acrescentou-se água para dissolver os cacaus com o auxílio de uma colher de madeira. Toda a dissolução foi regida por movimentos no sentido horário e cantos na língua portuguesa e espanhola tendo como tema central o cacau.

Quando questiono a facilitadora sobre os ingredientes, os materiais e se os modos (cortes, movimento da colher, aplicação do tempero etc.) de conduzir as ferramentas utilizadas para o preparo se são formas de uma tradição específica ou se são bases de mais de uma, obtive uma resposta metafórica configurada a partir da minha observação comentada a respeito do movimento padrão na dissolução do cacau. "A roda ou relógio gira em espiral [...] sobre a receita tradicional é basicamente: água, cacau e pimenta caiena. Ali eu acrescentei mel, para ajudar a quebrar mais o amargo do sabor, mas pela tradição andina, a bebida é tomada na forma mais amarga, com o objetivo das mais diversas curas" (Amora Shakti, 2023).

---

[55] Deusa da mitologia maia atribuída aos fenômenos da lua e ao nascimento, nota de roda pé.
[56] Orixá dos caminhos e comunicação cultuados em religiões de matriz Africana, Umbanda e candomblé.
[57] Acessório de cozinha que serve de base para os pratos.

Preparado o cacau, retornamos ao redário e sentamo-nos em círculo, tendo o altar como centro. Alguns estavam sentados em cadeiras de praia, outros sobre o piso, em esteira de plástico, tapetes de *Yoga* e cadeiras de plástico de cor branca. Amora Shakti inicia a fala relatando as etapas e as substâncias que o ritual irá prosseguir:

> O primeiro momento será aplicado um rapé (pó de tabaco, árvores e plantas utilizado por alguns povos originários do Brasil em ritos) que veio do Acre. Em volta da fogueira, vamos dá abertura a conexão espiritual trabalhando os três primeiros *chakras*[58] (*muladhara, svadhishthana e manipura*), a escolha da fogueira, simboliza o elemento fogo que também representa a deusa Ixchel e, por isso, iniciaremos a cerimônia lá. Em seguida, tomaremos o cacau, onde vamos trabalhar o lado emocional, que corresponde ao quarto chakra (*Anahata*). Depois, iremos consagrar o cogumelo para liberar a energia dos três *chakras* superiores (*Vishuddaha, Ajna e Sahasrara*) e, por fim, a *Sananga*[59] para ajudar na descalcificação do terceiro olho/pineal (Amora Shakti, 2023).

A fogueira fica logo atrás do redário, no espaço chamado círculo de fogo. O local tem o nível do terreno abaixo em relação ao ambiente da cerimônia; parte da terra foi retirada para nivelar o solo e, consequentemente, servir de parede (mais ou menos um metro em relação ao solo), que, por sua vez, foi aproveitada como base para bancos revestidos de cimento e madeira, distribuídos como diâmetros para a roda. A estrutura também é cercada por diversas árvores, das mais variadas espécies; mangueira, coqueiro, cajueiro etc.

Quando chegamos, o fogo já estava alto. Alguns se sentaram nos bancos, outros ficaram em pé. A aproximadamente dois metros de distância da fogueira, foram postas duas cadeiras, uma de frente para a outra, para fazer a aplicação do rapé, Amora se sentou em uma, limpou o *tipí*[60], tirou o pó do frasco e a primeira pessoa chegou para receber a medicina, (transcrevo como medicina, pois é assim que todos os presentes se referenciam aos enteógenos ingeridos na cerimônia). A ordem da aplicação é espontânea, vai acontecendo conforme cada agente se manifesta. Dos doze presentes, apenas eu e Julíndio Macuxi não fizemos uso do pó.

A aplicação acontece por via nasal. O *tipí* tem o formato similar a um canudo e é feito a partir do bambu, mas, neste caso, possui três aberturas: uma ponta é bifurcada para encaixar em cada orifício do nariz e a outra para receber o sopro. Antes de iniciar a prática ritualística do aflato, Amora passa algumas orientações de forma individual para quem

---

[58] Segundo as tradições iogues e no hinduísmo, seriam centros energéticos distribuídos pelo corpo que auxiliam no funcionamento dos órgãos.
[59] Colírio natural extraído a partir do sumo da raiz da planta brejeira.
[60] Nome dado ao aplicador de rapé.

está sentada à sua frente, entre elas, a técnica de respiração, que deve ser feita partindo do diafragma e pela boca. A reação de cada pessoa após a aplicação é diferente: alguns choram, há relatos de náusea, espirros, escarros, e alguns precisam de ajuda (apoio pelo braço) para retornarem ao lugar onde estavam sentados. Outros nem voltam para o local inicial e ficam sentados no chão, com as mãos sobre a terra, passando alguns minutos com a cabeça baixa. Todos, após a aplicação, ficam em estado meditativo por uma média de dez minutos.

Toda a cerimônia do rapé é acompanhada com um fundo musical xamânico que tem por tema central nas letras a devoção (canções como "Rezo do rapé", "Rapé sagrado", "A cura do rapé", "Força do rapé", "Dê-me a força do rapé") à medicina, reproduzido por uma caixa de som e pelo aplicativo *Deezer*. Posteriormente, no redário, voltamos à formação de círculo para dar início a consagração do cacau, e as músicas mudam, já com o foco no fruto do cacaueiro. Chico, auxiliar de Amora na cerimônia, vai até a geladeira (a cozinha fica ao lado direito da entrada do redário) e pega a bebida. Ela está em outro recipiente, agora em uma panela de barro, é levada ao centro da roda e é feita a distribuição nas xícaras com uma colher/concha de alumínio, conduzida pelas mãos de Amora Shakti.

Desde o início, a ritualística é dirigida sem auxílio de energia das lâmpadas, que foram apagadas ainda na apresentação dos agentes participantes, quando cada um falou de forma breve de suas trajetórias e das experiências xamânicas com uso de plantas enteógenas[61]. Foi possível visualizar as atividades e as pessoas pela claridade da lua cheia, facilitada pela estrutura do redário, que só possui uma parede de fundo, composta de garrafas de vidro que ocupa a função dos blocos e argamassa para fixá-los. É um espaço arquitetônico constituído de piso (revestido de cerâmica), colunas de cimento, areia, brita (concreto), ferro e o teto feito de linhas e caibros de madeira, com a cobertura de palhas de coco que são amarrados por barbantes e fios elétricos reutilizados.

Chico serve um participante por vez com o cacau, uma média de quatro conchas do líquido em cada xícara. Ao mesmo tempo, a sonoridade que preenche o silêncio da noite e dos participantes muda. Os cantos são canções no idioma espanhol, como "*Corazón es lo único que tengo", "Cacao cacaíto", "Cacaucito la medicina", "Mama cacao", "Cacauzito enséñanos"*. Por volta de 20 minutos após todos beberem, Amora indaga quem mais vai querer outra dose, nem todos aceitam.

[61] Plantas que tem propriedades capazes de alterar o estado ordinário de consciência e/ou estado de transe.

À medida em que o tempo vai passando, algumas manifestações vão surgindo, entre elas: choros com mais intensidade em comparação com o momento do rapé, inquietações; pessoas que saiam andando pelo "Território Macuxi", risos altos, danças, cantos acompanhando as canções, alguns relatos de frios, medos, agradecimentos à medicina e aos participantes. um em específico ficou conectado ao celular até dormir, e outros dois também dormiram. Aos que estavam em pé dançando, Amora aplicou uma defumação de incenso que ia dos pés à cabeça e que subia dando volta sobre o corpo.

Retomando ao seu posto, Amora abre uma bolsa que estava sobre a mesa e pegou uns sacos de plástico vedados, padronizados e com a mesma quantidade de "cogumelo mágico", nome dado pelos consagrantes a espécie de cogumelo *Psilocybe cubensis*. Assim como o cacau, Chico vai a cada participante levar os cogumelos desidratados, forma de conservar suas propriedades ativas. Passadas as instruções, cada um comeu os quatro cogumelos embalados e a cerimônia segue com Amora tocando tambor, acompanhando o ritmo e o canto das músicas que estão sendo reproduzidos pelo som. Depois de fazer isso com algumas canções, ela desliga o som e começa a cantar para os orixás. A canção tem por título "Aos meus avós" da multi-instrumentista e compositora Tainá Santos (2021).

[...] Ô, orixá chegou
orixá chegou
orixá chegou [...]

Vem com o vento
Balançando as folhas que caem no chão
Terra sagrada
Onde nascem as raízes do meu coração [...]

Meu fundamento
É balaio, é pipoca, é joelho no chão
Sete chaves de proteção
O axé de orixá é a minha oração [...]

Ô, agô, Kabecilê
Agô meu pai Xangô
Agô, minha mãe Iansã
Epa hey, relampeou [...]

Sou do fogo, sou do vento
Sou da terra de Nanã
Mas nos braços de Iemanjá
Deságuo e vou para o mar [...]

Meu cavalo é corredor
Nas estradas de Ogum
Quem guarda o meu coração
É a minha mamãe Oxum [...]

Abre a mata, seu Oxóssi

Que Ossain vai ensinar
Agradeço aos meus avós
Por me levar pro Congá [...]

O chamado dos arquétipos ou fenômenos da natureza, que são os orixás e que estão presentes na canção, é entoado em coro e se manifestam nos corpos dos médiuns[62] presentes entidades espirituais, trazendo por meio destes, mensagens relacionadas à saúde dos participantes, tais como parar de tomar coca cola, pois a bebida faz mal, e questões pessoais que poderiam ser ajustadas envolvendo características, como; trabalhar os aspectos de rigidez se soltando por meio da expressão do riso, melhorar a comunicação verbal, no sentido de falar com maior frequência em público e ajudas no direcionamentos para quem estava impossibilitado de chegar até a oca para descansar/dormir, no "auxilio de retomada de consciência" e/ou retorno do transe, chamando os agentes pelo nome e direcionando os que estavam distante do redário para o mesmo.

A cerimônia conta com a supervisão da "mãe de santo/Ialorixá"[63] de Amora Shakti, "Mãe Zefinha", liderança de uma casa de candomblé que participa de todas as etapas de uso de substâncias psicoativas, exceto da sananga. A aplicação do colírio se inicia por volta das 4:30 da manhã, e ela já estava de saída para o *hostel* para dormir. Ela passa quase toda a cerimônia sentada conversando com Julíndio Macuxi sobre plantas, animais, árvores, sobre os amigos e experiências na Aldeia Flor d´água, local onde se conheceram.

A transição musical não ganha só mais um ritmo ou gênero, ela é entoada em mais dois idiomas, dessa vez em inglês e sânscrito, com os seguintes títulos de Daniel Namkhay, (compositor de música étnica nascido na Argentina e residente no Brasil): "*Calling people of shambhala", "I have a 10 Billion Brothers"*, "*Present moment sacred moment"*, dos mantras 9 musicados em referência a Shiva e a Ganesha (Deuses do panteão hindu) "*Shiva Shambo"*, "*Jaya Shiva Shankara", "Om Namah Shivaya, Mahamritjunjaya", "Jaya! Jaya! Ganesha Jaya!".*

O mantra[64] "*Wah Yantee",* que é direcionado para o terceiro olho ou *Ajna chakra* já em alusão ao trabalho decorrente com a sananga, é complementada pelas canções:

[62] Nome dado aos sacerdotes que recebem mensagens do mundo espiritual. no presente contexto, seria o ser humano que serve de elo entre o mundo visível e o invisível, que empresta seu corpo para que o espiritual possa se manifestar no físico por meio de mensagens vindas de parentes mortos ou de deidades.
[63] Sacerdotisa do terreiro.
[64] São sílabas, palavras, frases ou poemas usualmente em sânscrito e comum nas religiões asiáticas; hinduísmo, Jainismo e budismo que se repetem várias vezes para se alcançar conexão com a divindade adorada.

"*Yamaya Assessu"* (mantra a Iemanjá, deusa das águas do mar nos cultos da umbanda, candomblé etc.), "Menina Sananga", interpretada por André Parisi, "Canto dos curandeiros", de Rodrigo de Deus, e finaliza com "Oxum lava meus olhos e florescer".

A quarta e última etapa da celebração ganha o auxílio de seu *Luomo*, entidade incorporada em um dos integrantes, que fica responsável pela aplicação da *sananga*. Apenas quatro participantes recebem o líquido, duas gotas em cada olho. Ambos relatam um efeito que dura em média dez minutos, além do forte ardor que é expresso na face com as contrações na musculatura dos olhos (caretas) e na força exercida para fechar as mãos (punhos cerrados). Por volta das cinco da manhã, com a chegada do sol, a cerimônia se encerra. Os que estavam dormindo no redário despertam, e os três que ficaram até o fim (acordados) foram banhar no rio Jacumã (Luomo, Chico e Divina).

Imagem 7: Círculo Ancestralis recebendo as orientações iniciais para o decorrer das cerimonias.

Fonte: arquivo pessoal

## 3.3 Para além do ecoturismo?

Como observado nos quatro grupos anteriormente apresentados, o maior número de visitantes que frequentam o "Território Macuxi" vão por conta do ecoturismo, o que vamos chamar aqui de período de alta, por ser a principal fonte de renda e devido a sua constância, que ocorre semanalmente durante as estações de primavera, verão e outono. Já no inverno e no momento da pandemia, ou período de baixa do ecoturismo, Julíndio Macuxi reformula suas estratégias para atrair os turistas, como veremos a seguir.

### 3.3.1 Período pandêmico

Enfim, chegamos no assunto da pandemia e pergunto a Julíndio Macuxi como foi viver durante aquele período.

> Por incrível que pareça, foi tranquila. Dei muita sorte, apesar de não poder receber visitantes, vários conhecidos vieram morar aqui e me pagavam por mês. Cheguei a ter 12 pessoas morando e isso manteve minha renda. Teve gente que passou 3 meses morando em barraca de camping, outros nas cabanas e virou uma comunidade alternativa. Gravamos até uma música que tem um vídeo no *Youtube* (Julíndio Macuxi, 2024).

Mais uma vez, Julíndio consegue acionar momentos de sua trajetória para criar mecanismos que viabilizam a sua existência, trazendo à tona o cotidiano comunitário da Flor d'água e sua experiencia como músico dos tempos de Brasília. Qualidades estas que serviram não só para atrair pessoas para o "Território Macuxi", mas para criar contextos sociais para mantê-las e manter a família.

> Plantávamos algumas coisas como temperos, manjericão, cebolinha, cheiro verde, bananeiras, mas também fazíamos compras e cozinhávamos juntos. Na época ninguém pegou covid. Tinha gente de todo tipo: tinha gente vegana, vegetariano, carnívoros, tinha de tudo. Então, cada um comprava o que queria. A gente fazia muito doce, fazia biscoito, fazia pão. A música que gravamos o "O segredo do pão" nasceu dessa rotina. O Jorge fazia pão todos os dias, pão de biomassa de banana, a gente comprava as bananas orgânicas, eu fazia torta de banana com chocolate, era tudo compartilhado. Durante uns 3 meses foi uma festa, todo mundo ficou encantado com o lugar com a união que tínhamos. Só que aí depois vai aparecendo problemas: a louça suja que ninguém lavava, louça quebrada que ninguém repunha. Aí começam a aparecer as coisas, aparecer as broncas, aí você vai vendo a dificuldade que é viver em comunidade. Mas diria que os três primeiros meses foram encantadores, porque era música o tempo todo. Tinha uma família de músicos: o marido tocava violão, esposa flauta e os filhos percussão. A gente amanhecia cantando, dormia cantando, era um barato (Julíndio Macuxi, 2024).

Com os conflitos, a comunidade alternativa foi se desfazendo, ficando apenas um casal que estendeu a moradia no local até o ano de 2022. Com a saída dos moradores, a renda caiu drasticamente e Julíndio Macuxi e Elayne Macuxi recorrem ao auxílio emergencial disponibilizado pelo governo federal para pessoas físicas para pagarem as contas no intervalo de tempo da pandemia.

A possibilidade do período comunitário foi viabilizada pela necessidade de subsistência e por uma capacidade de adaptação instruída por suas disposições sociais e por contextos específicos retratado nas relações sociais. A dinâmica cruza o tempo passado e vai se atualizando conforme as necessidades. Relações com corretores, de

compra e vendas de terrenas e casas e a experiencia adquirida nos tempos comunitários faz com que Julíndio Macuxi opte, no atual momento desta dissertação, por vender terrenos que correspondem a área do "Território Macuxi" e cada morador seja responsável por sua propriedade, como foi na Aldeia Flor D'agua.

Ao invés de alugar como espaço de morada, destina as Cabanocas aos aluguéis dos turistas e cria lotes no "Território Macuxi" para garantir mais renda, além das formas que já foram identificadas, e para ajudar no sonho enunciado de viver em comunidade. Desde que começou com a empreitada, dois terrenos foram vendidos, o que hoje corresponde ao *hostel* e um outro que os proprietários ainda não construíram.

### 3.3.2 O inverno

À medida que fomos conseguindo uma base de dados significativa que, de alguma forma, pudesse representar as práticas realizadas no "Território Macuxi", percebemos que a habilidade retratada pela figura de Julíndio Macuxi é um vetor fundamental no local para a construção e criação de contextos que possam receber os mais variados tipos de visitantes com suas diversas práticas

Com mais de um ano de visitas ao local, algumas categorias analíticas foram sendo construídas para uma interpretação fidedigna das práticas observadas. No entanto, uma lacuna surgiu em meio à análise, inviabilizando a conclusão do nosso trabalho no momento. O maior intervalo de tempo de visita para a observação das práticas no "Território Macuxi" ocorre no período de inverno do ano de 2023. Por mais que o Julíndio fosse prestativo em responder às mensagens, os agendamentos dos turistas no período não ocorreram, e me surgiu o questionamento de como se davam as práticas nesse período.

Somente um ano depois, no mês de junho de 2024, que conseguimos fazer o agendamento para que pudéssemos incluir o período em nossas análises. Durante o intervalo de tempo, com efeitos do questionamento sobre o inverno, momento em que parecia não haver "ecoturismo" de grupos, dada a ausência de agendamentos, surgiu necessidade de também incluir o período pandêmico, ainda que minimamente, para termos uma interpretação mais precisa das variedades de práticas em contextos que cruzem os limites do ecoturismo.

Até então, as categorias analíticas vinham sendo pensadas em torno do ecoturismo, devido à sua ampla divulgação, como veremos com mais detalhes no tópico destinado ao Instagram. No entanto, não eram somente nessas circunstâncias que

sucediam as práticas do "Território Macuxi". Somente com inclusão de ambos os períodos pudemos perceber que grupos já analisados, como o Ancestralis, não se enquadravam no mesmo conjunto analítico que os demais, nem em sua relação enquanto tipo e nem na sua conjuntura categórica.

A ida para o "Território Macuxi" mais uma vez ocorre no sábado, com auxílio do aplicativo *Uber* carro, com a reserva tendo sido efetuada na sexta feira para ficar o sábado e o domingo na Cabanoca. Cheguei por volta das 9 horas da manhã, levei a mochila para o local de dormida e acompanhei Julíndio Macuxi em suas atividades de limpeza das piscinas naturais. No período de inverno, desce muita lama, folhas e palhas com o curso da água, e ali Julíndio me informa que a noite vem um grupo de *Ayahuasca*, uma mãe com sua filha comemorar um aniversário e dois casais para pescar.

A limpeza é feita de forma manual e com auxílio de ciscador. Antes, Julíndio havia esvaziado a piscina com um mecanismo de desvio do fluxo da água. Foi feita uma instalação de canos hidráulicos para fazer a mudança de direção do líquido. O fundo da piscina fora revestido com areia e uma variedade de pedras para concentrar a água e causar dificuldade na permeabilidade do solo. Todo o direcionamento, concentração e limpeza são pensados em conservar os princípios de menos impactos possível ao meio ambiente.

Às 11 horas, no redário, pergunto a Julíndio Macuxi se ele faz os serviços de manutenção sozinho ou conta com a ajuda de alguém, se contrata alguém para fazer os serviços com ele.

> A maioria sim, faço só, mas sempre tenho ajuda. Na extensão do percurso de caiaque, por exemplo, que já te mostrei, a que estou fazendo manualmente, eu cavo, o Iuri enche no carrinho e leva para ir nivelando as partes que vão sendo soterradas pela água da chuva. Na parte do pântano fizemos tudo assim, se não, não dava para passar. O Jasper, que morou aqui por três anos, ajudou no fogão de barro, no redário. Meu cunhado me ajuda sempre nas partes elétricas; quando dá algum problema, é ele quem resolve. O Raul, meu vizinho, me ajuda no artesanato; as cobras e os jacarés de pneu que tem espalhado por aí foi ele quem fez tudo (Julíndio Macuxi, 2024).

Ao longo da história do "Território Macuxi", várias pessoas não só passaram pelo local como ficaram para morar e, desses intercâmbios, em alguns casos, ouve troca de serviços por estadia através da ferramenta *couchsurfing*[65]. A ferramenta era administrada por Vavá (proprietário do *hostel)* e para onde eram destinados os visitantes. A ferramenta

[65] É um serviço de hospitalidade disponibilizado pela internet via site ou aplicativo em que os usuários oferecem estadia para visitantes de outros países ou até mesmo para residentes da mesma nação.

caiu em desuso desde a saída de seu administrador do “Território Macuxi”, que na maioria das vezes regula sua ida ao espaço nas férias, quando tem grupos agendados para o almoço ou vão ficar hospedados no *hostel* e quando tem eventos, reuniões e fóruns dos grupos naturistas no “Território Macuxi”.

O fato é que os vários agentes envolvidos nas diversas práticas, em algumas como representantes dos diversos contextos, não configura o “Território Macuxi” como uma comunidade alternativa, como havíamos levantado a hipótese no início dessa pesquisa. Entretanto, em dados momentos específicos, o território esteve como tal ou apresenta características comuns as comunidades ditas alternativas, ainda que em um cotidiano em transição para a sua consolidação de fato ou consolidada no período em que Julíndio Macuxi e família estiveram na comunidade Flor D’agua, em que sua morada já levava o nome de “Território Macuxi” e com quem compartilhou vivencias em uma área comum por aproximadamente 12 anos.

#### 3.3.2.1 Um dia de pesca no rio Gurugí

O primeiro grupo a chegar no início da noite foram os casais de pescadores. Eles fizeram o agendamento para ficarem acampados à margem do rio Gurugí. Já na chegada, articularam algumas madeiras para fazerem uma fogueira e seguiram em direção ao local para armarem as barracas. Devido às madeiras estarem molhadas por conta das chuvas, eles retiraram gasolina do veículo (saveiro de cor vermelha) para manter as chamas acesas nos galhos finos e aquecer os troncos mais grossos.

Fogueira acesa e barraca armada, João e José vão armar os anzóis no rio Jacumã. Os mais próximos do camping são presos na árvore de bambu, que também foi aproveitada como varas de pescar, e os demais anzóis são espalhados pelo rio com auxílio do caiaque. Maria e Josefa seguem para a cozinha comunitária para fazerem o jantar. O prato servido foi cocada; o coco elas conseguiram nos coqueiros do “Território Macuxi” e complementaram com leite condensado e açúcar que levaram de suas casas.

A pesca e o acampamento são práticas recorrentes nos finais de semana de João e José, um esporte ou hobby preferido. “O suor derramado do peixe pescado tem outro sabor”, diz João. Complementa, dizendo que sempre estão acompanhados de suas namoradas, que os auxiliam no preparo do alimento enquanto eles pescam. As nuances de cada tipo de grupo que visita o “Território Macuxi” revelam os contrastes das

coexistências dessas práticas. O cotidiano de um agente diversificado é ofertado como vivência/experimento ou experiência.

Quando o ecoturismo não é requisitado e nem o redário é alugado como templo ritualístico, Julíndio Macuxi abre o espaço para possibilidades de práticas que condizem com o seu dia a dia ou para algo que já fez parte do seu cotidiano, como o acampamento, que não é mais uma prática atual sua, mas que por muito tempo foi, e a pesca, que continua até o presente momento. Animais aquáticos são o único tipo de carne do qual ele se alimenta, e isso pode explicar os tipos de abordagem que Julíndio Macuxi tem em relação aos pescadores e com caçadores, que as vezes cruzam o "Território Macuxi". Isso se reafirma para além da troca econômica presente na negociação do *day use* com os pescadores supracitados.

A caracterização da figura do pajé para expulsar os caçadores, mencionada na descrição do grupo 50 mais, não é feita em relação ao constante relato sobre pescadores que cruzam o "Território Macuxi" através do rio gurugí e que, inclusive, são acusados de roubarem os artesanatos feitos de pneu que ficam à margem do rio. Como medida preventiva, as peças, que simbolizam animais como cobras e jacarés são presas às árvores com correntes.

No dia seguinte, Maria e Josefa preparam tapioca, ovo e café para a refeição da manhã, enquanto os companheiros haviam ido averiguar se havia algum peixe preso nos anzóis. "Voltamos aos tempos antigos mesmo, estamos peneirando a goma[66] na mão", comenta Maria. Adiante, chegam os rapazes com um peixe preso pela boca em um galho de bambu, e diz José: "A mistura do almoço está chegando", e todos os presentes riem como reação à afirmação do pescador.

Os rapazes têm a profissão de tatuadores e, enquanto faziam a refeição, o assunto girou em torno de tatuagens. Ambos tinham tatuagens dos pés à cabeça, já as companheiras tinham bem menos, espalhadas nas pernas e nos braços. Além dos casais, se juntaram à mesa a mãe e a filha aniversariante, Julíndio Macuxi e um rapaz que participou da cerimônia de *Ayahuasca*.

Os curiosos começam a perguntar os significados de algumas tatuagens. José e Maria tem uma tatuagem no mesmo local do corpo, que inicia na costela e vai em direção ao abdômen, com as datas de 1972 e 1974, ano em que os respectivos pais nasceram. As

[66] Massa feita a base de mandioca e quando cozida leva o nome de tapioca.

duas fora feita por João, que também já fez tatuagem em Julíndio Macuxi no próprio Território.

Como a pesca se apresentava como novidade, até então nenhum dos grupos observados haviam feito tal prática. Nos coube levar os seguintes questionamentos à Julíndio Macuxi: como se dava o funcionamento, sua recorrência, se havia procura por parte dos visitantes e se ele pretendia investir na pesca para atrair o público específico.

> o pessoal sempre pergunta se pode pescar. A gente deixa pescar no rio se for de varinha ou de arpão, nunca de rede. Acho muita covardia usar rede para pegar os peixes. E essa história de um dia fazer, tipo um poço... Eu quero criar peixe, mas pro consumo da gente mesmo sabe? criar tilápia, tambaqui, que a gente possa consumir e, talvez, vender ele feito. Mas a ideia não é fazer um pesque e pague não [...] embora essa ideia não esteja totalmente descartada. Vai depender, vamos esperar o rumo da história (Julíndio Macuxi, 2024).

Nesse momento, a experiencia adquirida no período em que foi microempreendedor de restaurante em Brasília é acionada. Os dispositivos sociais incorporados vêm à tona e aquilo que faz parte de sua trajetória se projeta em converter a oportunidade em ganhos econômicos.

### 3.3.2.2 Breve momento de *Yoga*

No intervalo do café da manhã e do almoço, chega mais uma visitante, Anádja, que fora atrás de um colar que perdera a 15 dias, e Julíndio Macuxi já pergunta se ela trouxe o bandolim. Ela responde que sim, de imediato ele vai pegar alguns instrumentos e traz consigo um pandeiro, uma flauta doce e um ukulele e sai distribuindo entre os que ali estavam. Foram tocadas as canções "*Asa branca"* de Luiz Gonzaga, "*Casa da floresta"* de Nanan, "*Anunciação"* de Alceu Valença, "*O que o que é"* de Gonzaguinha, "*As rosas não falam"* de Cartola, e "*Coração Tranquilo*" de Walter Franco.

Anádja também é instrutora de *Yoga* e conheceu o "Território Macuxi" através de um convite feito por Julíndio para fazer uma vivência de *Yoga* associada ao elemento ar, no ritual dos quatro elementos em celebração de boas-vindas ao ano novo. Ela convida os presentes para uma prática de *Yoga* focada na apuração da percepção, mas poucos aderem. Os pescadores seguem em direção ao rio, as companheiras vão para a cozinhar lavar as louças da refeição, mãe e filha vão para o banho de piscina natural.

A prática se inicia com os participantes sentados e com os olhos direcionados para a pele, sendo guiados pela voz da instrutora a direcionar a atenção para o ar que toca a

pele como condutor respiratório. Depois, há uma condução da técnica de respiração pelo diafragma, intercostal, subclavicular, passando para o estímulo da circulação periférica e propriocepção da região do diafragma, usando automassagem e movimentos de hiperventilação.

Em seguida, retornamos com a propriocepção com foco na respiração da pele e a apneia com ar, contando o tempo de retenção da respiração com os pulmões cheios, *pránáyámas* de reserva energética. Novamente, contagem da apneia com ar, todos conseguiram aumentar o tempo de 5 batidas do coração. O objetivo é alcançar meditação e outros estados de consciência mais amplos.

> São exercícios que estimulam a propriocepção da pele, com os olhos para a atenção ficar focada na própria pele. As pessoas conseguem perceber melhor essa camada. São exercícios de hiperventilação e balanço e de percussão com o próprio corpo. sobre a retenção do ar, eu deixo livre e comparo o antes e o depois das aplicações, dessas técnicas para avaliar como o aluno reage. Aí entendemos o resultado da prática, qual estado o aluno chegou e como ele estar depois da prática (Anádja, 2024).

As práticas diversas realizadas no "Território Macuxi" a partir dos visitantes são absorvidas por Julíndio e atualizadas como elemento inovador para o ecoturismo, para os eventos promovidos por ele como ferramentas para sempre estar atraindo novos grupos e novos agentes para uma dinâmica de sustentabilidade que vai de princípios éticos a valores econômicos.

Depois da prática de *Yoga* ela sai para procurar o colar com Julíndio Macuxi. Maria e Josefa continuam na cozinha preparando o almoço que servia macarrão com molho de tomate e alho, arroz com uva passas, lagosta e os peixes que João e José pescaram. Todos os ingredientes eles levaram de suas casas, exceto os peixes que foram pescados no "Território Macuxi".

As práticas podem se confundir com o cotidiano devido a mesclagem dos hábitos. Os jovens que tentam sair de suas rotinas em busca de vivencias diversas acabam levando consigo o dia a dia camuflado por ferramentas diferentes das usuais para se chegar na mesma prática. Por mais que parte do alimento seja conseguido no local em questão, o resultado do alimento é habitual, é familiar. A cocada é uma receita herdada da mãe de Maria, a própria pesca, tirar coco do coqueiro, acampar e fazer fogueira são coisas corriqueiras, estão no calendário semanal, assim como a prática de yoga, que faz parte do cotidiano de Anádja. Neste caso, não teve o contato com o extraordinário, elemento crucial nas vivencias proporcionadas no "Território Macuxi".

3.3.2.3 Comemoração do Aniversário

O segundo grupo a chegar, por volta das 20 horas, foi a dupla mãe e filha que foram comemorar o aniversário de Beatriz (filha). O pai foi deixá-las de carro no "Território Macuxi", mas não ficou. Com elas foram uma bagagem com duas mochilas com roupas, lençóis, toalhas, um xadrez e um baralho, duas sacolas com barraca de camping, colchonete e almofadas, um saco de carvão uma caixa de isopor de 120 litros com sucos de caixa de laranja e uva, chocolates em barra, bolachas de chocolate, doces, marshmallow, bolo de aniversário, carnes de porco, frango e boi, cerveja, vinho, refrigerante, queijo e toddy.

Todos os itens são espalhados pelo piso do redário e, de imediato, Beatriz tira o xadrez da mochila e coloca sobre a mesa. A mãe pega a garrafa de vinho e o recipiente desliza sobre seus dedos, caindo no chão, quebrando a garrafa e derramando todo o líquido. "Não acredito, queria tanto beber vinho hoje", diz Sherby (Mãe). Para amenizar a frustação de Sherby, Julíndio Macuxi diz que na geladeira tem um vinho seco da marca San Martin que um grupo que veio acampar em outro momento deixou lá e que ela podia beber. Ela reage com um sorriso e com a seguinte frase: "amo vinho seco".

Enquanto isso, Beatriz joga xadrez e come cocada que Maria e Josefa lhe ofereceram. A mãe abre uma latinha de cerveja da marca Brahma, acende o primeiro cigarro e oferece a todos que estão sentados ao redor da mesa, mas todos recusam. Após duas partidas de xadrez, Josefa e Maria se levantam e vão para as barracas com a janta pronta. Beatriz retira o baralho da mochila para jogar com a mãe. Sherby apaga o cigarro e se senta em frente à filha para jogarem pife.

Três partidas foram jogadas e a filha fala que quer tomar banho de rio. A mãe pergunta se ela não que comer alguma coisa e ela disse que não, que estava sem fome, e vão para o rio. Lá, elas se encontram com os pescadores que estão sentados ao redor de uma mesa de plástico branca. Sobre esta, estão os pratos, colheres, a panela e a cocada e, na frente dos casais, ficou a fogueira. Enquanto fazem a refeição, João, José, Josefa e Maria fumam e escultam o cantor jamaicano Bob Marley, a mencionar as canções "*One Love", "Natural Mystic", "Jamin", "Is this love", "Could you be loved", "No Woman, no cry"*.

Beatriz entra em um ciclo de mergulhos no rio Gurugí que se repete várias vezes e que só foi interrompido quando mudou para os balanços de madeira presos às

mangueiras por cordas. A criança se diverte como há muito tempo não havia visto, afirma a mãe, entre intervalos tragados pelo cigarro fumado. Prosseguimos a conversa (enquanto a criança brincava) com a seguinte indagação: O que teria levado Sherby e sua filha a comemorarem o aniversário de 12 anos no "Território Macuxi":

> O que me levou a ir para o Macuxi a primeira vez foi a procura pela espiritualidade na natureza, a procura de um lugar que pudesse me transmitir a energia da natureza e de energias boas. Sobre acampar no aniversário da minha filha, o aniversário dela foi ontem. Mas como eu trabalho no sábado, não deu para vir ontem, aí eu perguntei se ela queria ir pro shopping com as amigas dela, dei também a opção de uma festa do pijama, onde ela também poderia chamar as amiguinhas dela e sair um pouco da dieta, porque ela é um pouco mais... comigo ela tem uma dieta um pouco mais saudável, então quando eu deixo sair assim, pode refrigerante, recheados, salgadinhos, é tipo uma festa, essa opção também é pra Macuxi, porém a gente ia abrir mão de algumas coisas, por exemplo a ida das amiguinhas porque as mães não iam deixar elas irem por ser um lugar distante e é compreensível as mães não deixarem, mas a gente ia comprar as besteiras também ia levar bastante comida e a opção do Macuxi foi porque ela já tinha ido outra vez e tinha gostado e levei ela também para sentir a natureza, sentir lugares diferentes e ela escolheu preferiu ir pro Macuxi porque ela gosta de lá (Sherby, 2024).

O misticismo que implica o culto à natureza, na chamada natureza, contrasta com a caótica rotina urbana, ao menos enquanto tipo em disputa por parte dos agentes que experimentam e experienciam vivências no "Território Macuxi" e as designam como estado de paz, calma e harmonia. Tanto Julíndio Macuxi, quanto os visitantes compreendem a dita rotina citadina como um estado de guerra e o "Território Macuxi", por sua aproximação geográfica, se apresenta como um oásis no deserto.

O encontro no local entre os envolvidos pode ser interpretado significativo, dadas às trajetórias sociais que afetaram e afetam suas escolhas e práticas, que lhes dão sentido no mundo. As grandes cidades, tidas como babilônia e desvirtuada, são sinônimo de guerras e destruição; logo, seu antônimo se encontra na verticalidade das árvores, do verde e da pureza do rio. A ideia de que vale a pena estar ali por isso é parte da chamada *illusio* (Boudieu, 1996) desse grupo de pessoas que aí se encontram. Podemos perceber o conjunto de valores global nas disposições, percepções e direcionamentos dos agentes para os contextos de práticas do "Território Macuxi".

Sherby chama a atenção de Beatriz e diz que já está na hora de ir armar a barraca e deixar os pescadores à vontade, pois eles precisam da privacidade, a filha sai do balanço empolgada e expressa a interjeição "êba, hora do acampamento". No local destinado para o acampamento, Julíndio Macuxi deixa uma reserva de madeiras para os visitantes. A mãe tenta acender o fogo com auxílio de óleo vegetal, papel higiênico e papel de caderno, mas

sem muito êxito, pois a madeira estava muito úmida. Mesmo assim, armam a barraca e, quando feito, começa a chover e Shelby diz: “É, filha, vamos ter que abordar a missão, não vai dá pra ficar aqui, a água tá molhando a barraca toda”.

Assim foi feito, e seguiram em direção à Cabanoca. A possibilidade de ficar na Cabanoca já havia sido negociada com Julíndio Macuxi no caso de chuva. No momento, ele já estava dormindo e o redário já estava ocupado pelos participantes da cerimônia com *Ayahuasca*. No domingo, às 9 horas, Sherby acende o fogo do fogão a lenha com o carvão que levara para assar as carnes para o almoço. Enquanto isso, faz cuscuz com ovo e queijo para a refeição da manhã no fogão a gás.

Aqui podemos observar que, quando as práticas são ditas “livres”, sem o intermédio de Julíndio Macuxi, elas tendem a reforçar o cotidiano do visitante em um local diferente, compreendendo um tipo ordinário de experiencia e, por isso, em termos de prática e categoria se diferenciam dos visitantes do ecoturismo, onde tudo que é praticado remete ao novo ou experiencial.

Julíndio convida Beatriz para andar de caiaque, enquanto Sherby e Anádja vão para o rio fazer o passeio flutuante aos modos naturistas. Ambas confirmam serem praticantes e que obtiveram maior aproximação com a prática de naturismo em Tambaba e só depois conheceram o “Território Macuxi”. O suporte utilizado para se manter na superfície da água é o já mencionado macarrão aquático, o objeto é colocado em volta de seus pescoços pelos próprios visitantes de forma cruzada. Como ambas já haviam feito a travessia antes, não precisaram do auxílio de Julíndio Macuxi e fizeram uma rota que mede a extensão da passagem do rio Gurugí pelo “Território Macuxi”, que é marcada por placas de sinalização

Todos (Julíndio, Beatriz, Anádja, Sherby) se encontram na marcação limite do “Território Macuxi” e a mãe diz que já está ficando tarde e convida os presentes para cantar os parabéns para a filha e comer do bolo. Retornamos para o redário. A celebração foi feita na mesa em que os pescadores fizeram a janta no dia anterior. Após o almoço eles desmontaram o acampamento e foram embora.

O bolo foi feito pela avó paterna da aniversariante e levava como ingrediente predominante o chocolate, que se dividia em camadas de preto e branco com granulados de mesmo sabor e cores, contrastando conforme a camada se alternava. Na superfície superior, duas velas com os números 1 e 2, correspondendo aos doze anos de Beatriz. Quando acesas, simultâneos foram as palmas e os cantar de “parabéns para você”,

complementado com “que o senhor abençoe essa nossa oração, que Maria te guarde dentro do coração”.

A distribuição em tipos e categorias de análise pressupõe conjuntos de aproximação objetivas das práticas em meio a diversidade de ações e objetivos dos distintos grupos. Os grupos de pesca e do aniversário não só se aproximam por sua ausência de um roteiro programado do que irão fazer ou por sua forma de negociação, está vinculada ao *day use*, soma-se a isso a não particularidade geográfica e o fator de não mediação das práticas compreendidas nos outros tipos.

Enquanto os grupos ritualistas, em sua presença, contam com a exclusividade do redário e dos instrutores espirituais, os grupos do ecoturismo têm um roteiro por onde irão passar e o que vão fazer e contam com a mediação de Julíndio Macuxi. O fato de estarem “soltos na mata”[67] acaba os levando a praticar coisas que não só não fariam fora do “Território Macuxi”, mas que já fazem, ainda que de forma corriqueira e reforçam em forma de lazer em um local distinto.

### 3.3.2 Celebração de *Ayahuasca*

O presente grupo foi o que menos consegui aplicar a ferramenta de observação participante e, consequentemente, da descrição densa das atividades realizadas devido ao contexto de estar acompanhando outros dois grupos, pelo horário que chegaram, às 20 horas do sábado, e visto que, para que eu pudesse participar da cerimônia, deveria fazer uma contribuição monetária.

Às 17 horas, Julíndio Macuxi havia preparado o círculo de fogo, local que deram início à cerimônia ritualística da *Ayahuasca* [68] e da utilização de rapé, ordem similar ao que descrevemos na prática utilizada pelo grupo Ancestralis com o pó, um participante por vez com aplicação feita pela narina e seguida pela expressão Haux Haux[69]. Em seguida, entram em estado meditativo ao som de canções que remetem à floresta e que é reproduzido por uma caixa de som conectada pelo celular via *Bluetooth*.

---

[67] Expressão usado no “Território Macuxi” para se referir aqueles que circulam por conta próprio no local ou sem o auxílio de Julíndio Macuxi.

[68] Bebida enteógena consagrada em rituais xamânicos e que é feita a partir de duas plantas o Mariri e a Chacrona.

[69] Expressão utilizada por etnias de povos originários do Brasil que fazem uso do rapé, o som, de acordo com os usuários, seria uma saudação a medicina da floresta, aos espíritos que a consagraram como tal.

Ficam no local até a chuva se iniciar e se abrigam no redário para dar continuidade à cerimônia. À meia noite, acendem uma vela branca de número 6 e entoam mantras por horas. A observação só foi possível pois a oca em que fiquei ficava de frente para o redário, aproximadamente 30 metros. Fomos orientados a não circular pelo redário e nem pela cozinha comunitária para não "atrapalhar" o ritual, que durou até as 7 horas do domingo. Às 10 horas, eles vão embora em suas motos, seis pessoas do gênero masculino.

No dia seguinte, tentei entrar em contato com o Txai[70], responsável pela consagração de *Ayahuasca,* para obter mais informações, mas não obtive retorno, da mesma forma ocorreu com as outras duas tentativas em outros dias. No entanto, os breves registros das práticas, com as informações adicionais de Julíndio Macuxi, foram suficientes para perceber as influências e identificar o tipo de grupo e em que categoria prática eles se enquadram em relação ao "Território Macuxi"

O seu modelo ritualístico, juntamente com o trânsito dos moradores das cidades numa retomada de valorização das culturas originárias, remetem às políticas de valorização de instituições não-governamentais e movimentos sociais de porte mundial e estatais que refletem na lógica de disposições das ações dos agentes em questão. O tipo de culto de valorização da natureza, requer uma certa distância da cidade, pois quanto mais longe, e quanto mais elementos (esculturas, arquitetura, floresta, identidade étnica etc.) que compõe e remetam a tais culturas, mais próximo da cultura originária se estará.

Então, aquilo que repercute como influência nas práticas de Julíndio Macuxi, são os mesmos símbolos globais, ou próximo disto, que são encontrados também nos visitantes, que promovem o encontro no "Território Macuxi" e em tantos outros que se deslocam de centros urbanos para o rural com o sentido de vivência alternativa à cidade.

## 3.4 Movimento Naturistas Unidos

Somente na última visita ao "Território Macuxi" chegamos à informação de que o espaço é sede do Movimento Naturistas Unidos (NU). Até então, em nenhum dos diálogos com Julíndio Macuxi e em nenhuma das participações com os grupos, o conhecimento veio à tona. Era sabido desde o início da prática do naturismo no local, as placas que antecedem a entrada no rio Gurugí já anunciavam a prática e, em vários momentos, Julíndio reafirma o fato.

[70] expressão utilizada para referenciar o mediador da cerimônia ou título para quem conduz o ritual mencionado.

No dado momento em que era feita a captura das imagens das placas para analisa das mensagens, para responder qual o recado queria ser transmitido e do *ethos* que estava sendo exposto ali, chegamos em uma placa que informava que aquele local se encontrava como sede do NU. Devido a sua relevância para interpretar os processos de mundialização em relação com local e, consequentemente, como influência nas práticas realizadas no "Território Macuxi", por conta disso, não poderíamos deixar de relatar, ainda que só no final do texto o caso.

Em conversa com dois dos membros fundadores do NU sobre quando surgiu e como ou o que levou o surgimento do movimento[71], eles relatam:

> Todo mundo que faz parte do NU, ou pelo menos quase todo mundo, 90 porcento, faz parte da SONATA" Sociedade Naturista de Tambaba. A sonata cuidava só de Tambaba, e a gente queria fazer eventos fora e não tinha sentido levar o nome da sonata, que era uma coisa específica de Tambaba. Então, a gente fundou o Nu no "Território Macuxi" para alcançar outros lugares. Além do "Território Macuxi", tentamos fundar um em Areia-PB, na casa de um amigo da gente. No Rio Grande do norte tem um Nu, chama NuRn, que foi fruto do nosso núcleo (Julíndio Macuxi, 2024).

O interlocutor em questão não recorda da data de fundação dos Naturistas Unidos quando é indagado sobre, mas faz uma intermediação no mesmo instante da pergunta via celular com Solano, um dos fundadores e responsável pelos arquivos fotográficos e documentos históricos com registros escritos do NU:

> Foi fundado no 03/04/2003 o Movimento NU. O "NU" surgiu justamente assim, livre. Nós decidimos que não ia ter presidente, não ia ter conselho, ia ser totalmente diferente da Sonata, ne!? Lá tem presidente, vice-presidente, diretor financeiro, diretor de não sei o que das quantas... é um saco aquela associação. E, cansados de tudo isso, e tentando levar o naturismo para além das fronteiras de Tambaba, a gente fundou o movimento NU. Aí a gente pensou: vai ser o quê? vai ser uma associação, vai ser um fórum? Aí agente falou: não, vai ser só um movimento de quem queira participar, sem ter estatuto, sem ter diretoria, sem ter... enfim. Tá a fim de participar, participa, vamos ver as datas que a maioria pode participar e nos reunimos (Solano, 2024).

Sendo a racionalidade burocrática um perfil assumido pelo agente moderno, como se pode observar em Weber (2004), tudo aquilo que se assemelha a essa estrutura, seja na forma de administrar uma instituição ou na definição dos objetivos e, no caso em questão, como há uma instituição que define sua atuação a um limite geográfico específico, é passível que o movimento enuncie a identidade contrária para se afirmar.

---

[71] Me refiro como movimento, pois é assim como os membros se referenciam ao dado encontro.

Desenvolver algo que luta para romper com a estrutura posta é ofertar algo extraordinário Bourdieu (2008), algo novo e livre daquilo que aprisiona aos limites burocráticos expostos nos uniformes institucionais e nas suas práticas organizacionais. Trata-se de uma posição heterodoxa, por oposição à instituição estabelecida no campo do naturismo na Paraíba. Para além disso, a narrativa traz o objetivo de atrair o público para o "Território Macuxi", já que lá é um lugar em que de fato se pode sair por completo, ainda que por um breve momento, das amarras burocráticas e ter contato com quem de fato vive e sobrevive com e para o naturismo e não só pratica o nudismo.

A diferenciação põe, em muitos momentos, os associados da Sonata neste lugar, como voluntários que estão praticando um hobby, que levam os limites dos seus dias comuns para a causa naturista e, portanto, constroem barreiras geográficas. Em outras palavras, Tambaba é um ponto de lazer e não de morada, não contribui com uma comunidade local específica, não está contribuindo com o seu desenvolvimento econômico, social e político. Por isso, a mensagem discursiva remete a uma legitimidade ao movimento NU e ao "Território Macuxi" como destinos a serem visitados e conhecidos, já que, além de estarem contribuindo para o naturismo, se pode ajudar na economia local.

O exemplo da relação entre o movimento Nu e Sonata[72] também pode ser entendido como tipo de mediação quando se juntam para organização de eventos que são, em parte, realizados no "Território Macuxi". Podemos aludir às organizações do calendário de 2022 como evidência dessa relação mediada, sendo elas: o IX Encontro Norte-Nordeste de Naturismo, o 2º fórum local de Turismo Naturista Local e o 13º Tambaba Open[73], o segundo Fórum local de Turismo Naturista SONATA (2022) e:

> Assembleia ordinária realizada no dia 12/03/2023, no "Território Macuxi"-Jacumã/Conde, foi eleita a Diretoria Executiva, membros do Conselho Superior e do Conselho de Ética da Sociedade Naturista de Tambaba-SONATA para o biênio - março 2023 á Março de 2025 (Sonata, 2023).

Como dito pelos interlocutores logo acima, a maioria dos membros do Nu também fazem parte da Sonata, que por sua vez, também fazem parte da Federação Brasileira de

---

[72] A Sociedade Naturista de Tambaba – SONATA, fundada em 08 de setembro de 1996, é uma entidade sem fins lucrativos, de Utilidade Pública Estadual (Lei Estadual n° 7308, de 14/01/2003), que tem por objetivo difundir, desenvolver e defender a cultura e o movimento naturista em Tambaba/Conde PB e no Brasil.

[73] É um evento de surfe naturista, idealizado pelo movimento NU e conta com o apoio da sonata e da FBRN que ficou responsável pela organização da 13ª edição.

Naturismo – FBrN[74]. Em ambos os eventos, a assembleia geral das instituições orienta os associados visitantes a se hospedarem no "Território Macuxi" (*hostel* e ocas). Ainda que se coloque em discordância com a associação e com a federação, Julíndio Macuxi faz parte delas, seja pela causa comum do naturismo ou pelo retorno financeiro, já que ao menos dois dos eventos mencionados estão no calendário anual das instituições.

Relacionando as categorias das práticas realizadas no "Território Macuxi" com os tipos identificados (disputa e mediação) constatamos uma variação entre práticas cotidianas e experiencias. Quando a diferença é evidenciada, seja no Instagram ou na entrevista, sobre como é preparado e realizado o circuito de ecoturismo como sendo parte do dia a dia, o nudismo somado ao banho de rio, contato com a floresta, andar de caiaque, mais a oferta de conhecimento de árvores e ervas medicinais, da língua tupi, de movimentos de *Yoga* e de apresentações musicais, pode-se compreender, como práticas cotidianas.

Já as experiências ocorrem na relação mediada que proporciona a ida de um dado público para o "Território Macuxi", a frequência dos acontecimentos de uma vez ao ano se caracteriza como experiencias por haver um retorno, um calendário que estimula a ida ao local. Portanto, não é uma prática nova ou experiencial no Território e nem uma prática do dia-dia ou cotidiana. Nem todas as reuniões da assembleia geral ocorrem lá e nem os eventos acontecem pelo menos uma vez na semana.

Como dito, as bases do chamado movimento Nu recebem influências dos processos de mundialização com inclinação local. Regredindo a ordem dos fatos, o Nu como reação à Sonata, a última como reação do FBrN, que por sua vez está associada a Federação naturista internacional.

A constituição das federações nacionais segue um modelo estatutário afim de reafirmar o reconhecimento da influência internacional, da sua legalidade e importância para os demais. O artigo segundo do estatuto social da FBrN diz que ela é "uma entidade de âmbito nacional à qual deverão estar filiadas todas as demais associações, clubes e empreendimento do movimento naturista no Brasil, para inserção no contexto do Naturismo mundial".

---

[74] Art 1º do estatuto social da instituição - A Federação Brasileira de Naturismo, fundada em quinze de janeiro do ano de um mil novecentos e oitenta e oito, identificada pela sigla "FBrN", é uma associação civil para fins não econômicos, de âmbito nacional, de caráter filosófico, cultural, ecológico e ético-naturista, sem prazo de duração, que visa difundir, desenvolver e defender a cultura e o movimento naturista no Brasil, para a prática do Naturismo dentro dos princípios éticos e morais.

A legitimidade da INF por parte dos defensores do naturismo associados é reforçada e depositada na esfera econômica. Quando interrogado se os associados pegam alguma taxa para a Sonata e para a FBrN e para o INF Julíndio Macuxi diz:

> Pagamos uma taxa de 120 anual e 30 para o selo no cartão de associado com a federação nacional que manda parte para a federação internacional. O naturismo vive basicamente dessas doações. É com esse dinheiro aí que a gente consegue bancar os seguranças, fazer a limpeza da praia, nada ali é feito pela prefeitura não, quem cuida da praia é a SONATA. Mesmo com muito pouco associado, a gente tenta conseguir doação de vez enquanto, tem o dinheiro do estacionamento também, parte é da SONATA e parte vai para a federação de naturismo, 70 por cento fica com a sonata e 30 por cento vai para a federação (Julíndio Macuxi, 2024).

O fato é que ambos estão presentes e influenciam nas práticas realizadas no "Território Macuxi", sejam nas reuniões e fóruns da Sonata e FBrN ligadas ao INF e nos acampamentos em que se é consumido músicas tocadas pelos visitantes com o auxílio de bebidas, cigarros e drogas ilegais. Ainda que o proprietário do local não faça uso das substâncias ditas legais e ilegais a prática é permitida entre os visitantes, como no caso da mãe que acendia um cigarro com outro acompanhado de vinho e dos pescadores que faziam uso de cannabis enquanto pescavam à noite.

As contradições observadas não só são aceitas como fazem parte da trajetória de vida de Julíndio Macuxi, desde a não continuação das práticas de formação católica na mudança de crença monoteísta para uma cosmovisão politeísta, da não continuação da carreira acadêmica do pai, da mudança parcial do urbano para o rural, o sentido de vestido impuro e do nu como puro e tantas outras. As fronteiras que delimitam as diferenças no espaço-tempo de cada um dos lados mencionados se fazem praticados e permitidos no "Território Macuxi". A lógica de agir do alternativo é a de cruzar as fronteiras e nisso estão inclusas as de sua própria trajetória.

## Capítulo 4 As categorias das práticas em um território administrado

Descrever as práticas do "Território Macuxi" requer bases que perpassam a micro e a macrossociologia. A cada visita, um novo contexto de ações se apresentava no Território, e isso nos conduz a uma constante revisão teórico-metodológica e do uso de ferramentas que viessem a auxiliar na interpretação das dimensões do campo pesquisado. A princípio, o estudo visava alcançar as práticas de uma comunidade alternativa. No entanto, o cotidiano presente não contemplava a teoria norteadora e nem a revisão literária dos conceitos sobre comunidade alternativa; o dia a dia conta com a manutenção de um agente e não de vários, como imaginávamos.

Apesar de, em dados momentos de sua história, o "Território Macuxi" tenha chegado às proporções comunitárias[75], no período que o estudo contempla com observação participante, início em dezembro de 2022 a julho de 2024, isso não se faz presente. Em seguida, as observações participantes vão nos conduzindo ao mercado de bens simbólicos em torno de um ecoturismo, já que era a constância explicita de práticas realizadas no Território, ao menos em termos de oferta por parte de Julíndio Macuxi. Mas, como todo mercado exige uma demanda, fomos atrás dela e chegamos nas práticas ritualísticas, nos acampamentos, nos cursos, nos eventos e tantas outras que são adaptadas e negociadas.

Os visitantes buscavam no "Território Macuxi" outras práticas para além do ecoturismo nos termos em que Julíndio disponibilizava, como o aluguel do redário e da cozinha comunitária para a realização de cursos de *Yoga*s e de cerimonias de *Ayahuasca* e cacau, áreas de camping para a realização de luau musical e para pesca. Todas as práticas passaram a ser possíveis diante da abertura à demanda.

Como vimos em Ortiz (2015), quando fala da manifestação da estrutura no espaço geográfico, em Mira (2016), com os processos de mediação com as culturas comunitárias e em Bauman (2003), nos conceitos de comunidade ética e comunidade estética, o cotidiano é o circuito característico de uma dada cultura por meio de suas práticas, e por traz desse cotidiano há ferramentas de manutenção para que ele perdure, uma constância de práticas comuns que atravessa a temporalidade dos dias.

Tais contribuições teóricas são somadas aos esquemas analíticos feitos por Bourdieu (2005) em sua interpretação da "Teoria da Religião de Max Weber" no livro "A

[75] Nos referimos aos períodos narrados por Julíndio Macuxi em nossas entrevistas, a citar o tempo na Flor D'água e o da Pandemia que veremos com mais detalhes no tópico a seguir.

economia das trocas simbólicas". Ambos foram de suma importância para a construção do seguinte mapa de relações categóricas de interpretação das práticas realizadas no "Território Macuxi", assim como para a interpretação dos tipos de visitantes que integram as práticas.

## 4.1 Categorias analíticas e suas respectivas relações

O que vamos apresentar nos esquemas a seguir não leva em consideração somente uma leitura espacial e temporal, mas que o entendemos como sustentáculo analítico para a compreensão de quais as práticas realizadas no "Território Macuxi", seus agentes, sentidos e condicionantes sociais. Por isso, no primeiro quadro representativo, as categorias práticas de interpretação se destacam pela atenção na temporalidade e na espacialidade em que as práticas estão expostas.

No segundo quadro, a análise tem um enfoque nas relações econômicas e simbólicas que repercutem em cada tipo de grupos identificados e nas possibilidades percebidos nas adaptações feitas para cada tipo de visitantes. Por tanto, cada uma das relações com os tipos leva em consideração e tem por base interpretativa as categorias de práticas que cruzam o espaço-tempo do "Território Macuxi".

Imagem 8 – Esquema heurístico das relações práticas

Fonte: elaborado pelo autor com auxílio de esboços em desenho e das ferramentas de rede e códigos do software Atlas TI.

Compreende-se então três categorias de práticas: Cotidianas, Experienciais e Experimentais para interpretar as ações no "Território Macuxi" e suas respectivas relações com os tipos de visitantes, com os outros territórios, com os mediadores e com o

proprietário. Nos cabe destacar aqui que o esquema foi feito para analisar os grupos em que houve participação observante. Assim como, nos vale ressaltar que as diferentes pontuações presentes na imagem para as mesmas relações de práticas são para diferenciar a nomeação[76]. Do mesmo modo, acrescentamos o número 2 para diferenciar os tipos de visitantes codificados e os dois pontos para se referir a Julíndio Macuxi, como veremos na próxima imagem deste tópico.

As categorias e o exemplo foram pensados a partir dos grupos observados e da trajetória de vida de Julíndio Macuxi, que pratica o ecoturismo e o naturismo a mais de 20 anos. Podendo os intervalos de tempo serem adaptados aos anos iniciais da fase adulta, ao período da adolescência e da infância.

As **práticas cotidianas** são as práticas presentes, com constância em um dado local, que fazem parte do dia a dia do sujeito, sendo: duradouras, recentes e receptivas. Exemplo: em um grupo que tem uma faixa etária de 50 anos ou de um agente que tem determinada idade, uma prática que tem a metade da vida pode ser entendida como duradoura, uma prática que tem menos de 10 anos pode ser entendida como recente e menos de três anos como receptivas.

O termo receptivo é pensado para abarcar a transição de uma categoria para a outra, que descreve o cruzamento da fronteira temporal entre as práticas, quando deixa de ser experiencial e passa a ser cotidiano. Podemos pensar o exemplo do casal que chegou para morar no "Território Macuxi" durante a pandemia e ficou por mais dois além do tempo que ficaram os demais que também foram morar no período pandêmico.

**Práticas experienciais** podem ser as práticas herdadas ou já realizadas antes com a possibilidade de chegar até os dias atuais. Elas podem ser superficiais, quando ocorreram de forma esporádica na trajetória do sujeito ou de um grupo social e caiu em desuso; podem ser constantes ou duradouras, quando foram cotidianas e não fazem parte do dia-dia atual do indivíduo ou do grupo. Quando ocorrem de forma esporádica e não fazem parte do cotidiano e chegam aos dias atuais, são experienciais esporádicas; e quando há constância ou cotidiano, passam a ser experiencial transitivo e estão próximas do cotidiano receptivo.

E por fim, as **práticas experimentais** ou novas práticas, que jamais foram realizados pelos grupos e indivíduos, podem se tornar cotidiano e experienciais a

[76] Pois a ferramenta de relação de redes do Atlas TI não permite os mesmos caracteres em um mesmo projeto

depender da sua constância espacial e temporal, do contexto, dos grupos e sujeitos analisados. Esta é a etapa inaugural, início do ciclo, onde todos os contatos são compreendidos como extraordinário devido à sua falta de parâmetro ordinário. A partir da familiaridade ou da forma mais simples de repetição, do segundo contato com uma dada prática ela começa a transitar com a etapa experiencial e persistindo ao longo dos dias pode chegar ao cotidiano.

Os contextos em que os agentes e grupos interagem no "Território Macuxi" são transcritos a partir de um deslocamento comum, de grupos que tem o ponto de partida em João Pessoa. Por isso, nosso modelo heurístico foi construído com a perspectiva de raio de distância equivalente entre os visitantes com direção ao nosso local de estudo que está exposto ao centro por se situar na convergência das práticas.

As seis figuras apresentadas em volta da figura central representam a variação ou a diversidade de práticas e de relações que estas incluem, contendo assim, os diversos grupos observados, seus respectivos agentes, mediadores, sentidos sociais, locais em contraste e complementares ao Território tido como "alternativo".

Dito isto, o deslocamento dos novos visitantes, como a própria designação aponta, retrata os agentes que visitam o "Território Macuxi" pela primeira vez, com um roteiro específico, em um espaço específico (ecoturismo) a ser trilhado com auxílio de Julíndio Macuxi. Por tanto, na escala de espaço-tempo, no tipo de turismo e na relação com Julíndio Macuxi as ditas práticas são entendidas como experimentais e os grupos relacionados à categoria são: Escola Jardim Flor de Mandacaru, Amigos do Pedal e 50 Mais.

À medida em que as visitas se repetem, as dimensões do espaço se ampliam e as práticas variam e não seguem um roteiro guiado por Julíndio Macuxi. Os visitantes possuem uma espécie de autonomia para trafegarem por todo o perímetro do Território devido à familiaridade.

As práticas entre os visitantes esporádicos variam entre acampar, cozinhar na cozinha comunitária, pescar, beber, fumar, banhar no rio e em piscinas naturais, subir em árvores para tirar o fruto, tocar e ouvir músicas. A esse conjunto de práticas, o que fazem, como fazem, onde fazem, a frequência que variam de 15 dias a dois anos, o tipo de visita que os turistas fazem e como interagem com Julíndio Macuxi, atribuímos como categoria experiencial ao nosso quadro de relações e tem por grupos: os pescadores e o grupo do aniversário.

Os visitantes sem templo correspondem aos grupos que tiveram por objetivo de prática as cerimônias espirituais (*Ayahuasca* e cacau/cogumelo) sendo eles: Ancestralis e os *Ayahuasqueiros*. O perímetro onde as práticas ocorrem tem início ritualístico no círculo de fogo, passando pelo redário, cozinha comunitária e banho de rio. As delimitações geográficas correspondem ao caráter ritualístico e o tipo de negociação que é feita com Julíndio Macuxi, juntamente com os ganhos simbólicos, como veremos no próximo quadro representativo. O intervalo de idas para o "Território Macuxi" que variam de um ano para o primeiro grupo e 3 meses para o segundo. Tendo em vista a base analítica, consideramos a relação prática como sendo experiencial esporádica.

Protagonista das práticas realizadas no "Território Macuxi", Julíndio é o único agente presente em todos as ações praticadas e em todos os tipos de relações que envolve os grupos e agentes. A capacidade de Julíndio Macuxi se adaptar aos contextos faz dele um guia turístico e cultural na relação com os novos visitantes, um par de identificação com os visitantes esporádicos, que faz com que ele mude a persona, o tratamento, os códigos de apresentação do extraordinário mudam para uma linguagem mais familiar, amigável em relação aos novos visitantes. Ele partilha das refeições e divide do lazer de banho de rio, das conversas paralelas e dos momentos musicais, como vimos com o aniversario e com os pescadores.

Com os visitantes sem templo as mudanças são observadas no sentido do protagonismo. Julíndio Macuxi tem um comportamento de visitante, ainda que haja uma certa familiaridade com os grupos por serem visitantes que já haviam ido outra vezes. Ainda assim, tem o encanto do extraordinário por se tratar de uma nova cerimonia ritualista. Então, de guia ele passa a ser guiado, é conduzido ao que fazer e quando fazer, como vimos na descrição das práticas que envolvem o grupo Ancestralis.

Devido à constância de mais de 20 anos de algumas das práticas, como guia do ecoturismo e o naturismo, realizadas por Julíndio no "Território Macuxi", devido às adaptações que envolvem os perfis de cada grupo de visitantes, da rotina que cruza os limites espaciais dos visitantes no Território, das rotinas de manutenção que mantêm o Território, das estratégias para atrair clientes, sejam na arquitetura, nas mensagens espalhadas ou nas publicações nas mídias sociais ou "Território virtual", na ética de quem faz o "Território Macuxi" sua morada e não só na estética que caracteriza os visitantes. Assim sendo, entendemos o agrupamento nos seus respectivos contextos de relação como categoria prática cotidiana.

A relação dos mediadores das visitas com o “Território Macuxi” também está configurada como práticas experienciais, não só por terem ido outras vezes, mas também por suas atuações mediadas, seja reforçando as práticas que Julíndio Macuxi repassa para os turistas no perímetro do ecoturismo, seja no auxílio segurando as vestimentas dos visitantes, como no caso das professoras da Escola Jardim Flor de Mandacaru, ajudando Julíndio a passar argila nos turistas, a passar pelas pontes e fazer filmagens, como no grupo 50 mais.

As práticas dos mediadores beiram a imersão do espaço destinado ao ecoturismo, ou seja, estão situadas à margem do exato local em que as práticas acontecem. Eles se colocam como observadores e estimulam a prática no perímetro da argila, mas não a fazem. Do mesmo modo, na passagem pela floresta, chamando a atenção quando alguém não corresponde ao que fora orientado a ser feito, no rio e no cajueiro. A distância espacial aumenta e suas práticas são voltadas para registros fotográficos e controle de tempo ao indicar que já é hora de ir para o próximo destino.

Por último, a relação feita com os outros locais que terminam quando o “Território Macuxi” começa são os espaços em que os visitantes estão, neste caso, onde estão situados os cotidianos dos agentes, seus pontos de partida em direção ao “Território Macuxi” e os locais que também frequentam como turistas, em que têm momentos de lazer e praticam seus hobbies e que também cedem seus espaços como templos para cerimônias espirituais. Os lugares onde estão como morada dos agentes, perímetro urbano de João Pessoas, entram na narrativa de Julíndio Macuxi como locais em disputa, em oposição para se viver por conta do seu ritmo de vida “acelerado”, “caótico” de meios de produção de subsistência que não preservam a natureza.

No segundo exemplo, estão os que se assemelham, locais em que os turistas e espiritualistas buscam para visitar, mas que são complementados pelas dimensões geográficas do “Território Macuxi” e pela característica de ampliar suas atividades em relação aos outros espaços, seja na oportunidade de “comer o peixe fresco”, devido à estrutura da cozinha comunitária que não tem no local de visita às margens do rio Gramame, ou como um local que está apto a receber a etapa conclusiva de uma série de rituais feitos pelo grupo Ancestralis.

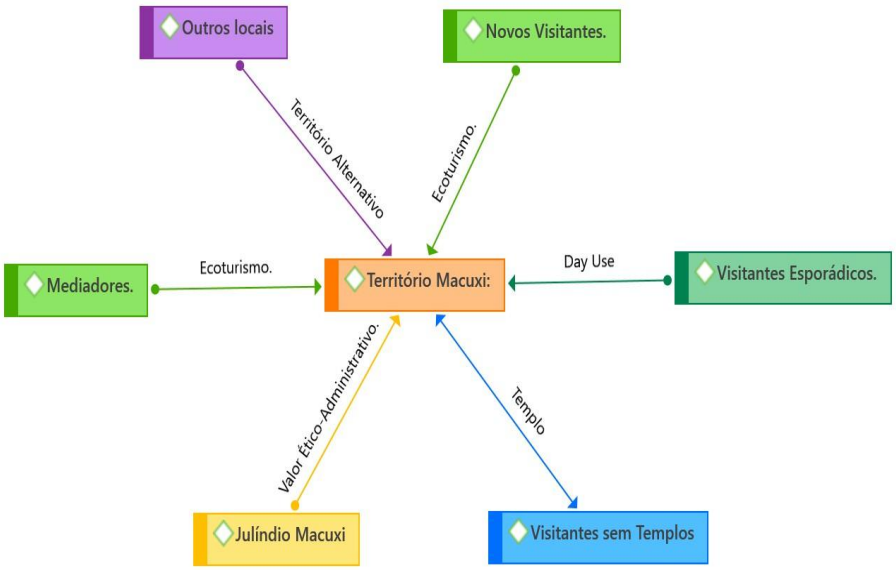
Devido ao seu caráter de síntese, que perpassa pela localização e frequência de idas dos tipos de visitantes ao “Território Macuxi”, da aproximação espacial representativa com os locais que também servem como templos, da relação de Julíndio com esses lugares e dos destinos no qual direcionam os mediadores aos seus clientes e

alunos, no caso do 50 Mais e da Escola Jardim Flor de Mandacaru, o que podemos observar nas possibilidades de relações levantadas sobre "outros locais" é que, em termos de categoria analítica, compreendemos a resultante como sendo prática cotidiana, por envolver o cotidiano dos agentes, seus trânsitos geográficos, suas práticas que diferenciam do dia a dia, que se complementam ou diferenciam no "Território Macuxi".

## 4.2 Relação das trocas simbólicas e econômicas

Seguindo o modelo heurístico de análise das categorias práticas, pensamos o quadro de relações para interpretar as trocas simbólicas e econômicas mediante o quadro de contextos que envolvem os grupos visitantes e Julíndio no "Território Macuxi"

Imagem 9 – Representação das trocas simbólicas e econômicas.




Fonte: elaborado pelo autor com auxílio de esboços em desenho e das ferramentas de rede e códigos do software Atlas TI.

As relações destacadas nas setas representam as ofertas possibilitadas por Julíndio no "Território Macuxi" como sistema de trocas na relação do território com os novos visitantes. O ecoturismo cultural e seu arcabouço simbólico (turismo sustentável, conhecimento artesanal, linguístico e histórico) atuam como oferta, e o visitante retribui com valor econômico. Entre o Território e os visitantes esporádicos, a troca vem da oferta do "*day use*". Nessa relação os turistas não contam com trilhas e roteiros guiados, sendo "livres" para circular e fazerem suas práticas no perímetro do "Território Macuxi", e a troca por parte do grupo visitante também é mediada economicamente.

O que vai diferenciar na relação que envolve o *day use* com a do ecoturismo é a passagem ritualística trabalhada entre os quatro elementos e sua extensão de atividades ou possibilidades de acesso guiado por Julíndio Macuxi no local. Os grupos "50 mais", "Amigos do pedal" e "Escola Flor de Mandacaru" se enquadram na relação de ecoturismo, já que o ecoturismo, além das características que o definem no espaço estudado, quando ocorre entre os grupos investigados, acontece entre grupos que foram pela primeira vez ao local, ainda que mediado por agências[77] que conduziram outros grupos de pessoas.

Já o *day use* ocorre entre os grupos e indivíduos que já haviam ido antes, que são os pescadores, o acampamento da aniversariante e a instrutora de *Yoga*. A designação como visitantes esporádicos também é constatada pela frequência de idas ao "Território Macuxi". Ambos foram 3 vezes, a contar com o contexto analisado. O primeiro teve um intervalo de seis meses da penúltima visita para a última, o segundo de dois anos e a terceira de 15 dias, os símbolos são identificados nas práticas comuns entre os agentes visitantes/turistas e Julíndio Macuxi, que correspondem à relação e o seu tipo.

Os visitantes sem templo compreendem os grupos que realizaram cerimonias espirituais no Território e que não possuem espaço próprio para destinar tais práticas. Portanto, a oferta do templo ou redário parte da demanda do grupo, de sua necessidade por um espaço que possa abrigar sua específica e momentânea prática espiritual, e tem como retorno valor econômico e simbólico. O último é incorporado como formação e adaptado ao ecoturismo, como veremos no tópico analítico dele.

As diversas atividades exercidas por Julíndio no local são relacionadas e designadas como administrativas e éticas, tendo em vista o conjunto de relações que elas implicam, por haver uma coordenação do próprio agente com suas práticas realizadas, com sua constância, como constroem em acordo com os princípios que o norteia no espaço destinado e chamado de "Território Macuxi".

Os cuidados com que ferramentas utilizar nas manutenções e roteiro das trilhas, piscinas naturais, construção de córregos do rio, constância em alimentar as páginas sociais e filtragem de conteúdo postado, como veremos adiante, cursos de capacitação em áreas específicas e a aceitação de transações feitas pelo pix são alguns exemplos de como essas atividades são administradas pelo próprio Julíndio Macuxi a fim de manter uma coesão com aquilo que é ofertado e facilitar as negociações com os visitantes. Dentro da

[77] No caso referido, a agência de turismo "50 Mais" já havia levado outro grupo de pessoas para o "Território Macuxi" e da mesma forma a Escola Flor de Mandacaru conduziu outra turma de alunos ao local.

relação com o "Território Macuxi", entre outros, há ganhos econômicos, parte dos quais são sua renda.

Já os mediadores estão alinhados às práticas experiencias esporádicas por elas ocorrerem de forma casual, são visitas com intervalo de meses até um ano. O tipo designado como mediadores é por sua característica específica de relação que envolve pessoas jurídicas que atuam na mediação do público visitante com o "Território Macuxi". Temos, portanto, a "Agência 50 mais", a "Escola Flor de Mandacaru", que exercem a função de intermediação, em ambos os casos destinando aos visitantes (alunos e pessoas acima de 50 anos) ao ecoturismo.

O que temos em termos de trocas nessa relação é a vivência ofertada enquanto ecoturismo por Julíndio Macuxi e o retorno econômico que ocorre também de forma mediada, já que o pagamento é feito pelas agências de turismo e pelos representes legais da escola (professores). As relações nos possibilitam entender as diferenças pontuais que acabam caracterizando cada tipo. Nos casos do *day use*, as transações ocorrem de forma mais pessoal, de cada visitante com Julíndio Macuxi, por exemplo.

Em suma, o que chamamos de "outros locais" é a relação feita com outros locais em que o "Território Macuxi" compartilha o público que se identifica com o discurso de Julíndio. Esses são os apreciadores de vivência de diversidade, de novas experiencias, de um turismo alternativo, de um naturismo, assim como os locais que recebem seus respectivos cotidianos. Entre os locais, podemos citar Tambaba, onde os turistas em busca do nudismo/naturismo; rio Gramame, onde os apreciadores buscam por lazer no rio, pesca e vivencias culturais; e a Casa Shanti[78], pelos aspectos da ancestralidade, da relação com os povos indígenas e por sua área de mata.

O que pudemos observar na narrativa de Julíndio Macuxi quando se refere a Sonata, por exemplo, é que os marcadores explícitos de diferenciação em relação com o NU, com enfoque na questão da burocratização, não é o único ponto em jogo. Turistas como Sherby e Anádja, que afirmaram ter maior aproximação com o naturismo depois de Tambaba, nos servem como exemplo para o desenvolvimento analítico. A prática habitual das turistas é ofertada no "Território Macuxi" em uma narrativa que inclui elementos como banho de rio e de argila, piscinas naturais, frutas orgânicas, passeio de caiaque, entre outros que não são possibilitados em Tambaba, cruzando suas fronteiras ou, como disse Julíndio "para alcançar outros lugares".

[78] Local em que se oferta aulas de yoga, terapias holísticas, massagens ayurvédica, rodas de cura e está localizada no Jardim Oceania em João Pessoa.

Existe uma estratégia em curso para atrair ainda mais o público pesqueiro com a construção em curso de um açude, que também vem sendo construído de forma manual com os córregos de água que deságuam no rio Gurugí. Existe uma demanda, por parte de alguns visitantes, que faz com que Julíndio Macuxi pense em converter mais uma de suas práticas em resultados econômicos, seja na possibilidade do pesque-pague ou na venda como refeição.

Como vimos no relato dos visitantes (pescadores), a prática de pescar é algo recorrente nos finais de semana e que varia de lugar. Entre eles, podemos citar o rio Gramame como um local concorrente, já que fica relativamente próximo ao "Território Macuxi" e que também é visitado pelos pescadores. Como distintivos e dispositivos atrativos, podemos destacar a identificação que envolve música, sustentabilidade ambiental, tatuagem, pesca e alguns elementos que são as ofertas que contrastam com a realidade do local concorrente, como o suporte hospitaleiro que tem camping, "cabanoca", *hostel*, cozinha comunitária e caiaque para se deslocar no rio. Ou seja, o conjunto de atributos que cruzam as fronteiras de outros lugares visitados.

As associações feitas com outros locais no tipo em questão fazem parte do caráter alternativo que se emprega para caracterizar o "Território Macuxi", não só no seu referencial opositor, a mencionar o chamado turismo predatório, que não tem preocupação com o meio ambiente, mas também na sua oferta concorrente aos limites dos também locais ditos alternativos. Os pontos levantados reforçam que o dito alternativo incorpora a agenda da diversidade e aciona o que é distintivo entre os próprios pares. Por isso, as etapas complementares podem ser lidas em um sistema operacional em que o Teritório Macuxi é colocado como alternativa do alternativo, como diz Amora Shakti sobre os locais em que faz suas "jornadas espirituais":

> [...] é divido os encontros em 3 jornadas. Na primeira, trabalhamos com cacau, rapé e sananga, que é realizado na Casa Shanti. No segunda, adicionamos o cogumelo e, na terceira, a *Ayahuasca.* Aí nos direcionamos para o "Território Macuxi", porque, para trabalhar com a *Ayahuasca,* eu preciso de um espaço de mata para dá sustentação ao trabalho. Esse trabalho é feito a nível grupal, é quando a gente faz a roda da medicina que a agente chama dentro do xamanismo. Aí esses dois trabalhos de roda medicinal eu faço nesses dois lugares, na casa Shanti e no "Território Macuxi." (Amora Shakti, 2024).

O Território com alternativa é marcado pelas estratégias que Julíndio Macuxi utiliza para atrair os clientes, que passam por adaptações diante dos contextos em que os grupos e agentes estão inseridos e que são afirmados nas publicações do Instagram, nas

placas espalhadas pelo Território, descontos de preço para os que são identificados como pertencentes à mesma posição de classe. Portanto, a relação com os outros locais não está só na situação de complemento, mas também numa disputa de narrativa e identidade, configurando-se como síntese entre todas as relações, grupos e agentes observadas durante a pesquisa.

O que podemos observar no quadro das relações, sejam nas categorias ou nos tipos, é que a diferença identificada está na fronteira entre as partes. O "Território Macuxi" se coloca como oposição a outros locais  e, por isso, pode ser entendido como alternativo devido ao seu caráter de oferta, seja por se apresentar como complemento de práticas já iniciadas, seja como alternativa a um referencial que não aceita a diversidade e não se preocupa com os meios de produção e nem com a relação em que tais produções podem implicar ao meio ambiente.

## 4.3 Da administração do Instagram

A principal ferramenta de divulgação do "Território Macuxi" utilizada por Julíndio é o Instagram. Nela, ele posta sobre o seu dia a dia, destacando o trabalho de manutenção da rota, a relação com os animais, a culinária orgânica feita a partir dos alimentos do local, conteúdo musical, o artesanato, paisagem local e as vivencias do ecoturismo. Em sua maioria, as publicações ocorrem por meio de vídeos acompanhados de legendas que reafirmam a identidade territorial e étnica assumidas pelo proprietário.

Imagem 10 – Nuvem de palavras oriunda das publicações do Instagram de dezembro de 2022 a fevereiro de 2024.

Fonte: elaboração do autor

Com o auxílio da ferramenta de nuvem de palavras do software Atlas TI, juntamos as legendas das publicações no Instagram de dezembro de 2022 a fevereiro de 2024 para termos uma noção mais aprofundada do *ethos* construído do que estava sendo ofertado em nome do "Território Macuxi". No centro da nuvem, as palavras em maior tamanho são as que mais se repetem nas postagens durante o período analisado: "natureza", "rio", "verde" "conexão", "dia", "lindo", "floresta", "beijo" e "elementos" são algumas palavras-chave do que é posto como algo de maior valor, do que é oferecido no espaço de relações virtuais.

Ao final de cada frase, é comum Julíndio Macuxi concluir com "um beijo verde", acrescidas das informações de contato, agendamento de grupos e das opções de hospedagem para quem queira prolongar a vivência de ecoturismo. Os valores dos serviços não aparecem nas postagens, e isso pode ser interpretado como uma estratégia lógica de coerência com aquilo que é assumidamente defendido. Portanto, fica em segundo plano ou, para usar um termo utilizado por Bourdieu (2008), a transação econômica fica decalcada.

Além disso, os preços ofertados mudam conforme o cliente, uma flexibilização que garante mais visitantes ao "Território Macuxi", conforme vimos nos casos mencionados por ele nos contextos que envolvem os grupos de *Ayahuasca*, aniversário e dos casos em que uma pessoa do grupo fica responsável, caso do pais de família, em arcar com os valores econômicos entre os participantes ecoturistas, como veremos no próximo item.

A página do Instagram conta com mais de 8 mil seguidores[79], um número razoavelmente expressivo em seu recorte de conteúdo. Julíndio Macuxi, gerenciador da conta, traz novos conteúdos semanalmente, com uma frequência que pode variar de uma a 7 postagens na semana. Para além dos seguidores, Júlindio se utiliza de mecanismos disponíveis pela rede social para alcançar outras contas em um sistema de busca de conteúdo similar que são as *hashtags*.[80]

A habilidade de Julíndio Macuxi com o manuseio das ferramentas tecnológicas pode ser explicada por sua trajetória. Desde a infância, já se tinha contato com as câmeras por meio de registros fotográficos dos encontros familiares. No início da fase adulta, aos 21 anos, se reforça com as apresentações musicais com uma banda (Nascente) que formara em Brasília com uns amigos. Mesmo depois da escolha de viver no meio rural

[79] Ao menos até o momento em que esta dissertação fora escrita.
[80] Símbolo usado nas redes sociais para facilitar a busca e conectar conteúdo.

ou no “meio do mato”, como referência, muitas vezes o protagonista já teve passagens em quadros de programas da Rede Globo de Televisão. Toda a sequência de fatos é para exemplificar que, em vários momentos e em fases distintas da trajetória de vida de Julíndio Macuxi, o contato com os retratos e com as reproduções em vídeo são registros incorporados por um passado de familiaridade e como vetor facilitador para as suas produções de conteúdo para a página do instagram, seja nos registros em fotos ou em conteúdos em vídeos.

## 4.4 A organização do ecoturismo

O ecoturismo é a principal fonte de renda do “Território Macuxi”. O modelo de turismo é adotado por Julíndio desde os tempos que o Território compartilhava seu espaço com a “Comunidade Alternativa Flor D´água”. O turismo sustentável está disponível para o público visitante de quinta a domingo e recebe grupos de 5 a 50 pessoas. Segundo Julíndio Macuxi a quantidade de pessoas é estabelecida por questões econômicas, já que “para receber menos de cinco não dá para pagar as contas” e por questões de controle, pois quanto mais pessoas, “corre o risco de dispersar”, “aí atrasa todo o roteiro”, as pessoas não fazem o que tem que fazer e vira um caos”.

Existe uma preocupação explícita de os visitantes estarem no campo visual do guia, como medidas de prevenção de afogamentos no rio, depredação do ambiente e de evitar das pessoas se perderem nas rotas. Podemos observar que no *modus operandi* de Julíndio Macuxi há várias influências indicativas de como devem ser administrados e como é conceituado o ecoturismo no livreto lançado pelo Ministério do Turismo. Desde a proposta de evitar o turismo predatório, pensar na acessibilidade de locomoção para os visitantes, sem afetar no curso natural do meio ambiente, e contribui para o desenvolvimento economia local.

Quando questionado se tem conhecimento do livreto lançado pelo governo federal Julíndio Macuxi responde que não. Então, visito as minhas anotações sobre sua trajetória para alcançar os pontos de sociabilização que podem ter gerado as influências de operação. A preocupação com o equilíbrio econômico remonta à sua experiência como auxiliar de contabilidade na Embrapa. A figura paterna como provedor de subsistência da família é marcadora da trajetória de Julíndio Macuxi em vários momentos da vida, desde

quando fala das profissões dos pais, pai funcionário público e a mãe “dona de casa”, o pai como responsável por “botar as coisas dentro de casa[81]”.

Em um outro momento, quando fala sobre os ajustes de negociação feitos no local em que vive, a figura paterna como centro é novamente anunciada

> No Território a gente tem que ser maleável, a gente tem que observar grupo a grupo, tem gente burguesa que vai, então dá pra fazer o preço normal. Tem casos que chega uma família, um casal, um pai com a esposa e quatro filhos e sobrinhos, aí esses aí a gente negocia, tem que ser muito maleável. Agente como pai de família tem que entender, não é fácil não quando uma pessoa só banca tudo, ai eu tento levar assim, compreender caso a caso (Julíndio Macuxi, 2024).

O contexto familiar passa por um filtro emotivo validado pelo ethos construído pelo proprietário. A familiaridade contabilizada pode ser entendida como uma promoção para pares de identificação, uma fórmula de garantir um possível retorno que perpassa os fins econômicos devido à sua ênfase em não haver possibilidade de redução de preço do *day use* para “gente burguesa” ou pessoas que ele nitidamente não reconhece como pares e que julga ter um capital econômico mais elevado. Do mesmo modo, o chamado burguês como figura paterna proveniente pode visitar o “Território Macuxi” com sua família.

O retrato de vida nos apresenta tantos outros pontos que dialogam com o livro acima citado e com termos e conceitos similares vistos na revisão literária sobre o ecoturismo. Podemos destacar os cursos de guia de turismo realizado no instinto Colégio Visão, em João Pessoa-PB, que teve duração de um ano, o curso de mateiro na promovido pela Embrapa no cerrado de Brasília e no reconhecimento da mata local com colegas “mateiros” da Universidade Federal da Paraíba e com os “nativos do quilombo Gurugi” como registros de influência na organização da trilha de ecoturismo do “Território Macuxi”.

Assim, a estrutura física segue a lógica de causar o menor impacto possível ao meio ambiente. A abertura da trilha é feita de forma manual com auxílio de foice, enxada, pá e carrinho de mão. A argila é removida com as mãos, as pontes construídas para passar por cima do rio nas áreas mais fundas são feitas à base de bambus locais e caibros que sobraram das construções das casas vizinhas e da casa de Julíndio Macuxi. Do mesmo modo, o córrego de água canalizada da nascente para o rio Gurugí, “nada de maquinário”, ou seja, tudo feito com auxílio de ferramentas manuais.

---

[81] Os trechos em aspas são falas de Julíndio Macuxi.

Imagem 11 – Conteúdo simbólico do Circuito de Ecoturismo ofertado no ““Território Macuxi””.

Fonte: elaboração do autor com base na pesquisa de campo.

O esquema é uma representação analítica a partir dos grupos observados no circuito de ecoturismo. Os elementos estão expostos na sucessiva ordem da esquerda para a direita, indicando o processo em que os fatos aconteceram. As etapas condizem com a forma como a rota do ecoturismo é organizada, exigindo uma logística prévia de reconhecimento temporal e de logística do espaço geográfico que possibilite as adaptações necessárias para cada grupo. Ainda que um ponto ou outro mude, essa base se mantém.

Dos três grupos em que foi feita a observação participante com auxílio da descrição densa na rota de ecoturismo, o grupo Amigos do Pedal foi o que mais provocou adaptações ao percurso previsto. A turma já vinha de uma trilha e o tempo que tinham, uma hora, até seguir adiante para o almoço não correspondia ao tempo mínimo de duas horas para fazer o percurso completo. O trecho que seria destinado ao elemento terra foi alterado, e as práticas de reconhecimento das árvores e plantas, de deitar-se e meditar sobre e no chão não foram realizadas. A conexão do elemento fora adaptada para ser reconhecida na caminhada.

Cada elemento corresponde a um espaço geográfico bem delimitado, com local de início e fim. A fronteira do elemento fogo com a terra fica no banho de argila, o da terra com a água fica na escultura do dinossauro, e da água com o ar nas mangueiras a margem do rio. O limite do ar no redário, que por sua vez é o início e o fim do roteiro[82].

[82] O início e o fim das atividades corporais guiadas de cada elemento por Julíndio Macuxi estão na legenda da imagem dos quatro elementos.

Vale ressaltar que a rota do ecoturismo só está disponível durante o dia. À noite, Julíndio Macuxi só recebe os grupos sem templo e os que vão acampar ou se hospedar nas ocas.

A organização logística em turnos pode ser compreendida pelo fato de o "Território Macuxi" ter basicamente só Júlindio para recepcionar e direcionar os visitantes. Em muitos casos, podemos observar a contribuição dos filhos, esposa e dos cunhados, mas só Julíndio Macuxi está presente em todos. Por isso, o apontamos nos termos categóricos das práticas como o representante das práticas cotidianas e os familiares contribuintes como práticas experiencias esporádicas ou intermitentes.

A constante maleabilidade de Julíndio Macuxi no retrato de vida traduz a permanente inovação de atividades incluídas no roteiro de ecoturismo. As participações nas cerimonias ritualísticas dos grupos sem templo e nas capacitações que são realizadas no "Território Macuxi", por exemplo, são incorporadas como valor simbólico e aplicados na rota de ecoturismo, campo em que tem legitimidade para realizar tais atividades. Podemos citar os movimentos de *Yoga* e o misticismo nos elementos presente nas etapas do ecoturismo como práticas incorporadas e replicadas.

Nessa matriz simbólica, o fogo é o elemento da transformação; toda matéria em contato com o fogo muda seu estado, muda sua forma. O tirar das vestes, ainda que parcial, simboliza a roupa/alma do meio urbano que está sendo removida, correspondendo ao espelho para o novo visitante. O limiar entre o fogo e a terra (banho de argila) é a evidência em imagem explicita. Entrar na mata supõe esse novo corpo habitado; o rolar no chão, o reconhecimento das plantas e árvores correspondem a infância; a entrada no rio como remoção das impurezas, a limpeza seguida do batismo e da passagem do neófito para o conhecimento ou fase adulta; e, por fim, o ar, o elemento mais próximos do céu, símbolo da ascensão ao paraíso.

O que podemos dizer é que todas as contradições de uma trajetória cabem no cosmos do ecoturismo do "Território Macuxi" e que a busca pelo "alternativo" reside e passa nas diversas categorias de práticas: no Julíndio Macuxi como cotidiano, no visitante novo como experimentais e nos esporádicos como experienciais.

## Considerações finais

Iniciaremos nossas conclusões retomando a problemática geral e específica do nosso trabalho, do aspecto macro ao micro. Para uma justa compreensão das dimensões gerais do debate contemporâneo que correspondem à situação de globalização, recorremos à revisão literária que parte do pós-segunda guerra mundial e chega até os dias atuais, abordando a transformação da diversidade em valor simbólico justamente como contraponto à ideia de que a globalização é um fenômeno que pode ser reconhecido pelo padrão de similaridade entre as localidades espalhadas pelo mundo.

Seguindo a lógica contida no espaço-tempo, fizemos uma investigação sobre os ditos modelos alternativos ao referencial global, sejam nas suas dimensões culturais, geográficas, artísticas, morais, princípios, nos modelos econômicos e nos seus respectivos meios de produção de subsistência e nos problemas decorrentes das guerras mundiais.

Não à toa, nosso banco de dados se depara com movimentos chamados de contraculturais em relação ao conjunto supracitado, com direcionamentos ao local e com uma base de fundo na ampliação da diversidade como mecanismo para superar tais problemas da globalização. Dito isto, chegamos ao "Território Macuxi", como sendo um desses locais que se apresentam como alternativa ao referencial global afim de responder à questão que envolve as práticas realizadas no local, seus agentes, sentidos e condicionantes sociais

Nossas análises passaram por uma base de eixos que contemplam os grupos e agentes observados, assim como suas práticas realizadas no "Território Macuxi". Os eixos Ecoturismo, Comunidades Alternativas, Diversidade, Globalização, valorização do Local, Cultura e Movimentos Sociais como o Naturismo foram fundamentais para compreender que as práticas, seus agentes e sentidos estão vinculadas a condicionantes globais, a mencionar as agendas da ONU, aos movimentos *beatnik*, *hippie* e suas correspondentes comunidades alternativas espalhadas pelo mundo, observando-se sua relação geográfico próximo as áreas de conservação ambiental no Brasil.

Essa relação que chega aos dias atuais e pode ser identificado no nosso campo empírico de estudo, já que o "Território Macuxi" está localizado próximo à reserva de

proteção ambiental de Tambaba e, portanto, segue a relação nacional de construção de "comunidades alternativas" situadas próximas as áreas de conservação ambiental.

Somados ao mapeamento geográfico, seguimos com os referenciais movimentos de alcances globais nas reproduções artísticas descritas no momento que precede a aula de *Yoga* e no período pandêmico, como os momentos musicais, na diversidade de cultos espirituais, visto nos grupos Ancestralis e no da *Ayahuasca*, no turismo sustentável pelos grupos Escola Jardim Flor de Mandacaru, Amigos do Pedal e 50 Mais, na trajetória de Julíndio Macuxi como retrato sociológico, nos símbolos e mecanismos econômicos relacionados com os mediadores e com os "outros lugares" distribuídos e compreendidas nas três categorias de análise das práticas: Cotidianas, Experienciais e Experimentais.

Deixamos aqui, nas considerações finais, o adendo da resultante analítica feita sobre a trajetória de Julíndio Macuxi, agente central do "Território Macuxi". O retrato social levantado por meio das sucessivas entrevistas revela que a trajetória de Julíndio Macuxi está permeada por disposições sociais que o lançam em suas elucubrações e maleabilidade identitária; as particularidades que permeiam o conjunto de fatores é acionada, como vimos, em acordo com as circunstâncias. Quando há elementos que podem mudar uma rota planejada como o advento da chuva, Julíndio Macuxi incorpora sua identidade musical para entreter o público ou direciona seus pares, "não burgueses", para locais que não correspondem ao valor econômico explicitamente negociável no quadro tabelado, como no caso da mãe e a filha e do grupo de *Ayahuasca*.

O fato é que, dentro da maleabilidade a uma identidade que é colocada de forma transparecer no presente, que tem por princípio a conservação da natureza e os valores alternativos, o dia a dia compartilhado dessa forma de existência no "Território Macuxi", chamamos de comunidade ética, enquanto as partilhas com os não pares de comunidade estética. O peso econômico se mescla, com eficiência, entre os grupos comunitários e os valores cobrados aos mais próximos não implicam em prejuízo, mas pode aumentar o potencial número de visitantes para o "Território Macuxi". A identidade assumida no presente, por tanto, como em um decalque, camufla uma trajetória que tem no currículo: auxiliar de contabilidade, empreendedor de restaurante e de turismo.

## Referências

ARRIAL, Luciana. **A ética e a estética dos corpos nus**: um estudo de caso do naturismo como proposta de educação ambiental, Universidade Federal do Rio Grande - UFRG, Rio Grande do Sul, 2009.

AZEVEDO, Stéffane.VI Encontro Saberes da Caatinga acontece de forma presencial e reúne conhecimento popular e ancestral na região do Araripe, **Caatinga**: **semeando vida no semiárido,** 05 de agosto de 2022. Disponível em: VI Encontro Saberes da Caatinga acontece de forma presencial e reúne conhecimento popular e ancestral na Região do Araripe - Caatinga Acesso em: 21 de maio de 2024**.**

BARROS II, Silvio Magalhães de. Turismo na Amazônia - Uma opção "eco" lógica. **Turismo em Análise**. v. 3, n. 1, p. 31-36, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BOURDIEU Pierre. **Razões práticas:** Sobre a teoria da ação, Campinas, SP: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre ; MAMMERI, Mouloud. Sobre o uso apropriado da etnologia. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 12, n. 1, janeiro - abril 2022, pp. 11-31.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas,** organização e seleção Sergio Miceli. – 6. Ed. – São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. In: **Actes de la recherche en sciences sociales**. Vol. 62-63, pp. 69-72, juin 1986. Tradução de Olívia Alves Barbosa.

BOURDIEU, Pierre. **O Camponês e seu Corpo**, Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 26, p. 83-92, jun. 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 3. ed. Porto Alegre: Zouk, 2008.

BRASIL. Decreto nº 1.035, de 10 de janeiro de 1939, Cria o Parque Nacional do Iguaçu, **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 11/1/1939, Página 867.

BRASIL. Decreto Nº 1.713, 14 de junho de 1937, Crêa o Parque Nacional de Itatiaia. **Diário oficial da união**, Rio de Janeiro, 1937.

BRASIL. Decreto Nº 1.822 – de 30 de novembro de 1939, Cria o Parque Nacional da Serra dos Órgãos. **Diário oficial da união**, Rio de Janeiro, 1939.

Brasil. decreto nº 241, de 29 de novembro de 1961, Cria o Parque Nacional de Brasília, **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 11/1/1939, Página 867, 140° da Independência e 73° da República, Brasília, 1961.
BRASIL. Decreto nº 49.874, de 11 de janeiro de 1961. Cria o Parque Nacional das Emas. **Diário Oficial da União**, 140º da Independência e 73º da República, Brasília, 1961.

BRASIL. Decreto nº 49.875, de 11 de janeiro de 1961. Cria o Parque Nacional do Tocantins. **Diário Oficial da União**, Seção 1 - 12/1/1961, Página 346.

BRASIL. Decreto nº 70.492 de 11 de maio de 1972, altera o nome para Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, **Diário Oficial da União,** Brasília, 11 de maio de 1972.

BRASIL. Decreto nº 73.683, de 19 de fevereiro de 1974, cria o Parque Nacional da Amazônia, **Diário Oficial da União**, Brasília, 19 de fevereiro de 1974.

BRASIL**.** Decreto nº 83.548 de 05 de junho de 1979, Cria no Estado do Piauí, o Parque Nacional da Serra da Capivara, com os limites que específica e da outras providências. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 06/06/1979, Página 8035.

BRASIL. Decreto nº 9.763, de 11 de abril de 2019. Regulamenta o disposto no inciso XI do caput do art. 5º da Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008, que dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, com vistas a desenvolver, a ordenar e a promover os segmentos turísticos relacionados com o Patrimônio Mundial Cultural e Natural do Brasil. **Diário Oficial da União,** Brasília, 11 de abril de 2019.

BRASIL. GOV, Agência. ICMBio é responsável por 335 unidades de conservação no Brasil, **Ministério do Meio Ambiente**. Disponível em: https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202308/icmbio-e-responsavel-por-335-unidades-de-conservacao-no-brasil#:~:text=ICMBio%20%C3%A9%20respons%C3%A1vel%20por%20335%20unidades%20de%20conserva%C3%A7%C3%A3o%20no%20Brasil,-Autarquia%2C%20que%20est%C3%A1&text=Garantir%20a%20preserva%C3%A7%C3%A3o%20da%20biodiversidade,espalhadas%20por%20todo%20o%20Brasil. Acesso em: 28 de agosto de 2023.

BRASIL. Lei nº 11.771 de setembro de 2008, dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, **Diário Oficial da União**, Brasília, 17 de setembro de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

BRASIL. Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973, dispõe sobre o estatuto do índio, **Diário da União**, 1973.

BRASIL. Lei nº 8.490, de 19 de novembro de 1992, dispões sobre a organização da República e dos Ministérios e dá outras providencias. **Diário da União,** Brasília, 19 de novembro de 1992.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Vide Decreto nº 4.519, de 2002, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. **Diário oficial da união**, Brasília, DF. 2000.

BRASIL. Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo; Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. **Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo**. Grupo de Trabalho Interministerial MICT/MMA. EMBRATUR/IBAMA. Brasília, DF. 1994.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: orientações básicas**, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. 2. ed. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Melhoramentos, 1969; Gaia, 2010.

CEBALLOS-LASCURAIN, H. Tourism, Ecotourism and Protected Areas. Parks. v.2, n.3, p. 31-35, 1991.

COLTRANE, John. **A Love Supreme**, Studio Van Gelder, Englewood Cliffs, New Jersey, 1964.

COLTRANE, John. **Meditation**, Studio Van Gelder, Englewood Cliffs, New Jersey, 1966.

COLTRANE, John. **Om**, Camelot Sound Studios, Ballard, Seatle, Washington, October 1 de 1965.

CROSBY, Arturo; DARIES, Jorge O. **El desarrollo turístico sostenible en el medio rural**. Madrid, CEFAT-NATOUR, 1993.

DIEGUES, Antônio Rodrigues. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Hucitec, 2008.

EXPERIAN, Serasa. **Dados cadastrais da ABRASCA** – Associação Brasileira de Comunidades Alternativas, Minas Gerais, 1987. Disponível em: https://empresas.serasaexperian.com.br/consulta-gratis/ASSOCIACAO-BRASILEIRA-DAS-COMUNIDADES-ALTERNATIVAS-19056217000141. Acesso em: 13 de maio de 2024.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Sobre a tipologia dos territórios. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPÓSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidade**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 197-216.

FRANCO, Walter. **Coração Tranquilo**, álbum Respire fundo, Epic CBS, Brasil, 1995, faixa 3.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1926.

GONZAGA, Luiz. **Asa Branca,** álbum A história do nordeste na voz de Luiz Gonzaga, Brasil, RCA Victor, 1955, faixa 8.

GONZAGUINHA. **O que o que é**, álbum raízes do samba, Brasil, EMI Music, 1999, faixa 15.
GUITARRARA, Paloma. "Greenpeace", **Brasil Escola**. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/geografia/greenpeace.htm. Acesso em: 18 de maio de 2024.

HARRISON, George. **All Things Must pass**, faixa 2, gravadora aplle/ami, produção George Harrison Phil Spector, Reino Unido, 1970.

HARRISON, George. The Beatles, **Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band**, faixa 1, lado B, gravadora Parlophone, Inglaterra, 1967.

HOLMES, John Clellon**. Go: A Novel.** Nova York: Scribner's, 1952.

IBGE. **Pesquisa sobre Ecoturismo 2021:** Ecoturismo foi responsável por 1 em cada 4 viagens a lazer realizadas no país, ministério do Turismo, Brasília, 2023.

KEROUAC, Jack. **Aftermath**: The Philosophy of the Beat Generation. Rio de Janeiro: Editora Canaltech, 2024.

KEROUC, Jack. **On The Road**, L&PM, Rio Grande do Sul, 2004.

KEROUC, Jack. **Os Vagabundos Iluminados**, L&PM, Rio Grande do Sul, 2022.

LAHIRE, Bernard. **Por uma sociologia disposicionalista e contextualizada da ação**. (conferência) Brasil: UFRN, 2009.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos:** disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEI N.º 7.308, reconhece de Utilidade Pública a Sociedade Naturista de Tambaba-Sonata. **Diário Oficial**, palácio do governo do estado da Paraíba, em João Pessoa, 10 de janeiro de 2003; 113º da Proclamação da República.

LENNON, John. **Imagine,** faixa 1, gravadora aplle/ami, produção, John Lennon, Yoko Ono, Phil Spector, Reino Unido, 1971.

LIMA, Krishnamurti *et al***. Contracultura x Cauda longa:** o movimento Hippie e seu legado, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN – 02 a 04/07/2015.

LOURDEAU, Antoine. A Serra da Capivara e os primeiros povoamentos sul-americanos: uma revisão bibliográfica**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 14, n. 2, p. 367-398, maio-ago. 2019.

LÖVY, Michael. **O romantismo revolucionário de Maio 68,** Blog Boitempo, São Paulo, 25/05/2018. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2018/05/25/michael-lowy-o-romantismo-revolucionario-de-maio-de-1968.

MARLEY, Bob. The Wairels. **Exodus**, faixa 10, gravadora Islands Records, Kingston-Jamaica, 1977.

MELLO, Janine; PEREIRA, Ana Camila Ribeiro. **Dinâmicas do terceiro setor no Brasil**: trajetórias de criação e fechamento de Organizações da Sociedade Civil de 1901 a 2020. Brasília: Ipea, jun. 2023. 39 p. (Texto para Discussão, n. 2891). DOI: http://dx.doi.org/10.38116/ td2891-port.

MENEZES, Vitor. Trajetórias Sociais em Estratos Médios: Família, escolaridade e trabalho. **Sociologia & Antropologia**. Rio de Janeiro, v. 12.02 e200047, 2022.

MICHETTI, Miqueli. **Moda brasileira e mundialização**: mercado mundial e trocas simbólicas, Campinas- SP, 2012.

MIRA, Celeste. Comunidade: mito e ideologia política na era da diversidade cultural. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 7, n. 1, jan.- jun. 2017, pp. 11-38.

MIRA, Celeste. **Entre a Beleza do Morto e a Cultura Viva:** Mediadores da cultura popular da São Paulo da virada do milênio. São Paulo, 2016.

MONTAGNER, Miguel**. Trajetórias e biografias**: Notas para uma análise Bourdieusiana Sociologias, Porto Alegre, ano 9, nº 17, jan./jun. 2007, p. 240-264.

MOURÃO, Roberto. Ecoturismo e turismo participativo. In: **Textos preparatórios para o Congresso de Ecoturismo da Bienal de Canela**. Ruschel & Associados Marketing Ecológico. São Paulo, 1995.

NANAN. **Casa da floresta,** álbum movimento: Manifesta sentimento, Nanan e Vírgilio Milléo, Curitiba, 2019, faixa 2.

NAPOLITANO, Marcos. **Tropicalismo:** As Relíquias do Brasil em Debate, Dossiê: Arte e Linguagens, Rev. Bras. Hist. 18 (35), 1998.

NICOLAU, Michel. A Diferença do Discurso da Diversidade. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 7, n. 1, jan.- jun. 2017, pp. 39-61.

OLIVEIRA, Jaime, BORGES, Jóina. Sociedade, Arqueologia e Patrimônio: As relações de pertencimento da Comunidade Zabelê com a área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC), **História Unicap**, v. 2, n. 3, jan./jun. de 2015.

OMT, **Estatuto da Organização Mundial do Turismo (OMT),** Feito no México em 27 de setembro de 1970, Decreto n.º 579/76.

ONU. **Declaração da Conferência da ONU sobre o Ambiente Humano**; Estocolmo, 1972.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, (217 [III] A). Paris, 1948.

ORTIZ, Renato, Miqueli Michetti, Michel Nicolau Neto. **Distinção e Globalização.** –1. Ed. – Belo horizonte [MG]: Fino Traço, 2023.

ORTIZ, Renato. **Universalismo e diversidade.** São Paulo, Boitempo, 2015.

PÁDUA, José. **As bases teóricas da história ambiental,** Dossiê teorias ambientais, estudos avançados 24 (68), Brasil, 2010.

PARAIBA. Decreto nº 22.882, de 26 de março de 2002. Cria a área de proteção ambiental de Tambaba, **Palácio do Governo da Paraíba**, João Pessoa, 2002.

PEREIRA, Paulo. **Fundamentos histórico-filosóficos do nudismo-naturismo.** Revista Brasil Naturista, Ed 01. Gravataí: Gráfica Odisseia, 2007 a.

PINHEIRO, Marília Nepomuceno. Saber da Caatinga: O encontro e o desejo coletivo de salvaguardar saberes (Artigo). In: **Coletiva - Diversidade Socioambiental**. nº 19, 2022. Disponível em: https://www.coletiva.org/diversidade-socioambiental-n19-saber-caatinga-o-encontro-e-o-desejo-coletivo-marilia-nepomuceno. ISSN 2179-1287.

PIRES, Paulo. A dimensão conceitual do ecoturismo. **Turismo** - Visão e Ação - v.1 - n.1 - p.75-91 jan/jun – 1998.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RAMOS, Elizabeth. Educação ambiental: origem e perspectivas. **Educar**, Curitiba, n.18, p.201-218. 2001. Editora da UFPR.

SÁ, Marcio. **Feirantes**: quem são e como administram seus negócios – 2. ed. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2018.

SACCOMANI, Raquel. MARCHI, Luís. SANCHES, Rosely. Primavera Silenciosa: Uma Resenha. **Revista Saúde em Foco**, n 10, 2018.

SEIXAS, Raul. **Abre-te Sésamo**, Estúdios CBS, Rio de Janeiro, faixa 2, aluga-se, 1980.

SEIXAS, Raul. **Gita,** Universal Music Group, Rio de Janeiro, faixa 7 Sociedade alternativa, lado B, 1974.

SEIXAS, Raul. **Novo Aeon**. Estúdios CBD, Rio de Janeiro, faixa 13 Novo Aeon, lado B,1975.

SILVA, Paulo. Território: abordagens e concepções. **Boletim DATALUTA**, dezembro de 2015. ISSN 2177-4463.

SONATA**, X Encontro Norte-Nordeste de Naturismo**, 2º Fórum Local de Turismo Naturista, 13º Tambaba Open de Surf Naturista, 08 a 11 de setembro de 2022 – Jacumã – Conde/PB.

TAVARES, Carlos. **O que são comunidades alternativas**. São Paulo, Nova Cultural Brasiliense, 1985.

UNCED - **Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento**, Agenda 21 (global), em português. Ministério do Meio Ambiente - MMA, Rio de Janeiro, 1992.

VALENÇA, Alceu. **Anunciação,** álbum Anjo Avesso, São Paulo, Ariola discos, 1983, faixa 2.

VELOSO, Caetano. **Caetano Veloso**, faixa 4, Alegria Alegria, Phillips Records, Brazil, 1967.

VELOSO, Rodrigo. **Um só amor:** O dia que Bob Marley parou a guerra na Jamaica, revista fórum, 2021. Disponível em: https://revistaforum.com.br/debates/2021/11/2/um-so-amor-dia-que-bob-marley-parou-guerra-na-jamaica-por-rodrigo-luis-veloso-105565.html. Acesso em: 13/05/2024.

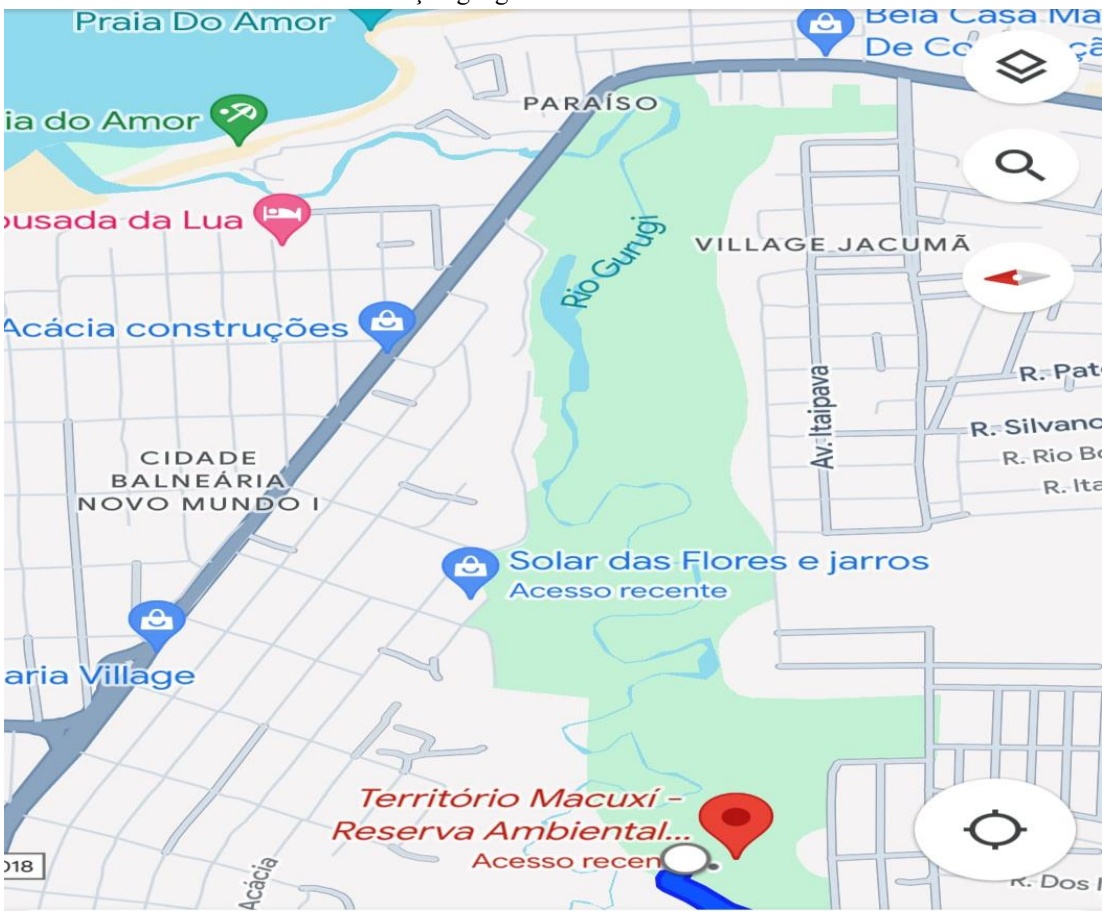
WACQUANT, Loic. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. **Revista de Sociologia e Política**, n° 26: 13-29 jun. 2006.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: Fundamentos da sociologia compreensiva. 2. Vol. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa São Paulo: Editora UnB, Imprensa Oficial, 2004.

# Anexos

## Fotografias

Localização geográfica do “Território Macuxi”




Fonte: google maps.

Estacionamento do “Território Macuxi”

Fonte: Arquivo Pessoal.

Layout com 6 imagens com placas informativas, as mensagens seguem a ordem do portão de entrada até a casa de Julíndio Macuxi, Lê-se da direita para esquerda de baixo para cima.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Cabanoca.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Piscina Natural.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Placa informativa, sede do movimento NU.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Placa tabela de preços

Fonte: Arquivo Pessoal.

Instrumentos musicais, artesanato e ferramentas de caça de origem Indígena.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Esculturas de argila.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Banho de argila

Fonte: Arquivo de Julíndio Macuxi

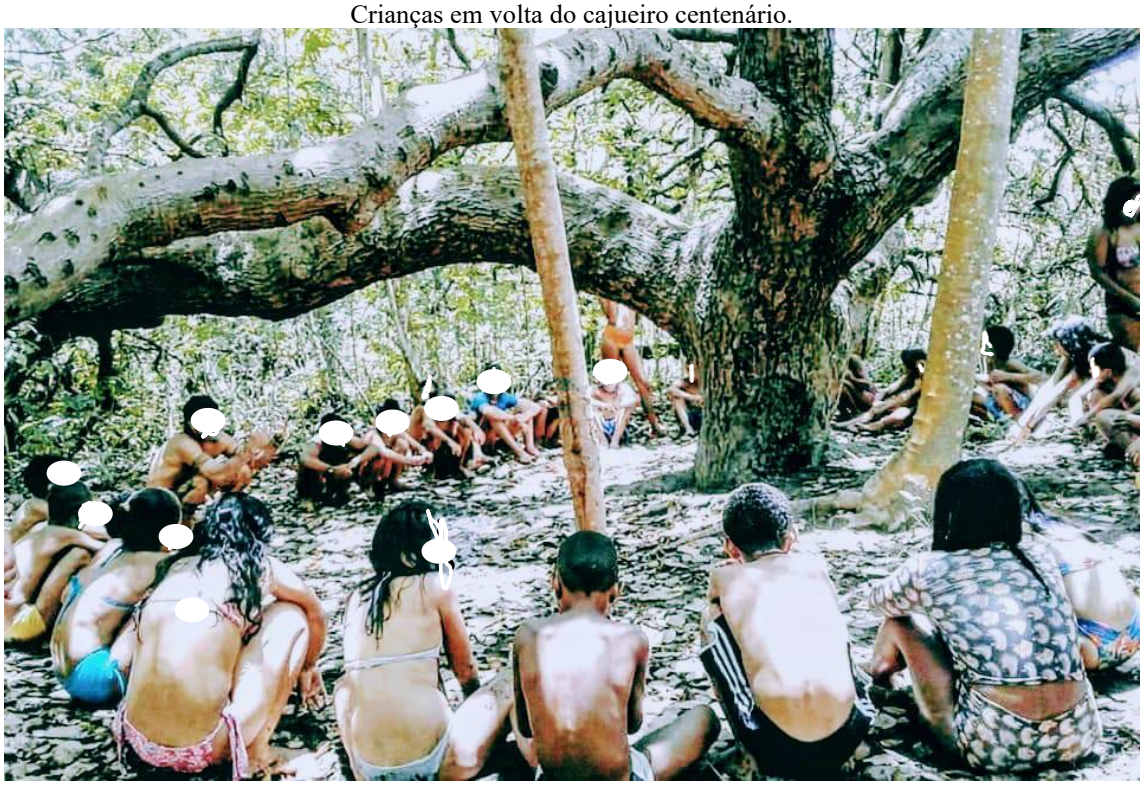
Meditação na mata.

Fonte: Arquivo de Julíndio Macuxi.

Batismo no Rio Gurugí.

Fonte: Julíndio Macuxi.

Crianças em volta do cajueiro centenário.



Fonte: Julíndio Macuxi.